

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LUCIANA CAVALCANTE TORQUATO

A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a
questão da nacionalidade

Belo Horizonte
2014

LUCIANA CAVALCANTE TORQUATO

**A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a
questão da nacionalidade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Guilherme Massara Rocha

Belo Horizonte
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

150 Torquato, Luciana Cavalcante.
T687r A recepção da psicanálise no Brasil [manuscrito] :
2014 discurso freudiano e a questão da nacionalidade / Luciana
Cavalcante Torquato. - 2014.
98 f.

Orientador: Guilherme Massara Rocha.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

1. Psicologia - Teses. 2. Psicanálise – Teses. 3.
Modernismo - Teses . I. Rocha, Guilherme Massara. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PPG
PSICOLOGIA
UFMG

FOLHA DE APROVAÇÃO

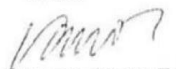
A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade

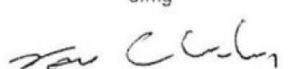
LUCIANA CAVALCANTE TORQUATO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2014, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Guilherme Massara Rocha - Orientador
UFMG


Prof(a). Antonio Marcio Ribeiro Teixeira
ufmg


Prof(a). Paulo Eduardo Viana Vidal
UFF

Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 2014.

Este trabalho é todo ele dedicado a cada *brasileiro* que me confiou sua história. A partir de seus relatos, que vinham como queixas, demandas e iam se transformando em contos, estórias, arremates que diziam para além de suas experiências privadas, pude escutar algo que passava pela história de todo um povo. Cada um desses encontros me despertou para a necessidade de me refazer enquanto psicanalista, enquanto brasileira e, por fim, me ensinou que a vida vem “*da boca do povo na língua errada do povo. Língua certa do povo. Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil*”¹.

À memória de minha mãe.

¹ *Evocação do Recife*. Manuel Bandeira (1996 [1925]).

AGRADECIMENTOS

Chego agora em um momento muito especial na minha trajetória acadêmica e profissional. Até aqui, são pelo menos cinco anos exaustivos e deliciosos dedicados ao estudo da Psicanálise dentro desta Universidade. Gostaria de manifestar minha gratidão a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, foram indispensáveis nesse caminhar. Agradeço com carinho a,

Guilherme Massara Rocha, em primeiro lugar. A tessitura de um texto envolve aspectos que ultrapassam a pontualidade de uma orientação teórica. Agradeço pela generosidade com que sempre recebeu minhas questões – desde aqueles primórdios em que este trabalho não tinha materialidade alguma; pela elegância com que sempre organizou e qualificou todo embaraço conceitual em que eu me envolvia; pela paixão e a riqueza teórica com que sempre despertou os orientandos na busca pela transmissão da psicanálise, e, por fim, pela orientação criativa, sutilezas que me proporcionaram, ao longo de toda a pesquisa, uma infinita gama de possibilidades diante do impossível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas pela oportunidade de realização desta Dissertação.

Ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) pela possibilidade de pesquisa no acervo de Mário de Andrade.

Aos professores Oswaldo França Neto (UFMG) e Paulo Vidal (UFF) pelas contribuições riquíssimas ofertadas na qualificação do Mestrado.

A Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social da Prefeitura de Belo Horizonte, pelo afastamento concedido em diversas ocasiões, fator indispensável para a construção da pesquisa. Agradeço especialmente aos colegas, analistas de políticas públicas, Ricardo Wagner de Assis e Sônia Lopes Siqueira pela confiança e aposta no meu trabalho.

As colegas do PAEFI-NE e Equipe Central, por compartilharem comigo momentos muito preciosos. Gostaria de mencionar Mariana Elisa Rosa e Rúbia D'Alessandro, por dividirem comigo as experiências acadêmicas, freudianas, lacanianas...

A minha família belo-horizontina que me acolhe há anos e *que me ha dado tanto*. Andréa Matos, Chico Amaral, Denise Matos, Maria Regina Ramos (Marrege) – “*ter sempre um espumante na geladeira para comemorar o cotidiano*”, Mário Amaro, Mônica de Souza, Mônica Rahme e Mundin Rocha. O agradecimento sintético condensa meu sentimento, mas ainda assim não dá conta do tamanho da gratidão.

A Márcia Alves Andrade da Rocha, um dos melhores “acazos” da minha vida, que me transmitiu todo amor pela psicanálise, que me ensinou a admirar e reconhecer a beleza da letra freudiana, de Manoel de Barros, de José Saramago... O encontro com Marcinha é um grande divisor de águas na minha trajetória. Gostaria de mencionar especialmente a ajuda durante o projeto para a pesquisa de Mestrado. Muito obrigada!

Aos amigos que insistiram em se aproximar ao longo desses últimos dois anos, mas que souberam aceitar com carinho todos os “depois da defesa” e minha indisponibilidade. Sem os nossos papos no telefone, sem os e-mails de conforto, não teria sido possível. Em especial, a Carolina Horta, minha “irmã branca”, que sempre me ofertou bens imponderáveis.

Aos casais Virgínia Amaral e Estêvão Senra; Juliana Horta e Filipe Gontijo, pela acolhida tão hospitaleira na Cidade Maravilhosa e na Pauliceia.

Aos colegas e amigos do mestrado, especialmente aos queridos Glauco Batista, Érica Espírito Santo e Marcus Vinícius Neto Silva. A palavra “reduto” adquiriu novo sentido depois do nosso encontro.

A querida Ana Maria Fabrino Favato, que há cerca de dez anos acompanha essa trajetória claudicante que tem sido a minha. Registro aqui minha admiração e afeto.

A Marta, *my dear*. Pelo cuidado comigo, pelo tempero maravilhoso. Também pelo capricho e tentativa em manter a casa “nos trinques”, mesmo que a pilha de livros no

escritório teimasse em não se arrumar nunca. Por ainda me ter poupado de inúmeras vassouradas barulhentas... Obrigada, querida.

Aos meus irmãos Dany, Keila e Severino, pedaços de mim, presenças na ausência.

Ao meu pai, Edilson Torquato, que certa vez, há cerca de vinte anos, me apresentou com um caderno florido, recomendando que eu começasse a depositar ali tudo que me ocorresse, dizendo ainda que seria a “contribuição que o pai poderia me dar” para o exercício da escrita. Aquele caderno significou muito coisa. Nunca mais parei de escrever.

A Mônica Torquato (Bu), que me escolheu como filha, que cuidou de cada detalhe em minha vida, e que vem ensinando a todos que tem o privilégio de seu convívio o sentido profundo e sagrado da maternidade.

Mais ainda, agradeço a Victor Mourão, meu parceiro, cúmplice dessa e de outras estórias, que leu e foi crítico de cada palavra deste trabalho, que me esperou, incentivou, acolheu. Por ainda me ter permitido uma biblioteca impecável sempre à mão. *Victor, esse sempre aí. Sempríssimo.* Espero que possa se reconhecer no que tiver de bonito neste trabalho.

Nós temos que dar ao Brasil o que ele não tem e que por isso até agora não viveu, nós temos que dar uma alma ao Brasil e para isso todo sacrifício é grandioso, é sublime. E nos dá felicidade. Eu me sacrifiquei inteiramente e quando eu penso em mim nas horas de consciência, eu mal posso respirar, quase gemo na pleura da minha felicidade. Toda a minha obra é transitória e educada, eu sei. E eu quero que ela seja transitória. Com a inteligência não pequena que Deus me deu e com os meus estudos, tenho a certeza de que eu poderia fazer uma obra mais ou menos duradoura. (...) Mas é no Brasil que me acontece viver e agora só no Brasil eu penso e por ele tudo sacrifiquei. A língua que escrevo, as ilusões que prezo, os modernismos que faço são pro Brasil. E isso nem sei se tem mérito porque me dá felicidade, que é a minha razão de ser da vida. Foi preciso coragem, confesso, porque as vaidades são muitas. Mas a gente tem a propriedade de substituir uma vaidade por outra. Foi o que fiz. A minha vaidade hoje é de ser transitório. Estraçalho a minha obra. Escrevo língua imbecil, penso ingênuo, só pra chamar a atenção dos mais fortes do que eu pra este monstro mole e indeciso ainda que é o Brasil.

Mário de Andrade

RESUMO

Torquato, L. C. (2014). *A recepção da psicanálise no Brasil: o discurso freudiano e a questão da nacionalidade*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

A entrada do discurso psicanalítico no Brasil configura-se como um processo que esteve intimamente relacionado às demandas correntes da *intelligentsia* nacional em seu esforço de construção do projeto de nação que ecoava no país desde o final do século XIX. Tal contexto esteve profundamente marcado pela discussão de projetos para a nação brasileira com o intuito de modernização do Brasil, erguendo-o à condição de país civilizado. Ao identificar duas vias discursivas de apropriação da psicanálise no Brasil (a medicina higienista e a arte modernista brasileira), este estudo indica os traços que esses pontos de ancoragem deixaram no processo de construção do movimento psicanalítico nacional. O início da difusão da teoria freudiana no país não se apresentou de forma unívoca, mas foi atravessado pelo saber psiquiátrico, com uma leitura “reformista e universalizante” (Facchinetti, 2003, p.115), e modernista, a partir de um viés contestatório dos valores sociais e morais dominantes. Se, por um lado, a medicina psiquiátrica teria se apropriado das ideias freudianas para o aperfeiçoamento de sua prática clínica, diagnóstica e nosográfica; por outro, intelectuais, artistas e pensadores da cultura brasileira entreviram na psicanálise a possibilidade inusitada de entendimento e discussão das questões nacionais. Se tal debate apontou para as leituras particulares que renomados psiquiatras do período em questão fizeram de Sigmund Freud, ela também revelou a reverberação que o contato com psicanálise provocou em Mário de Andrade, escritor brasileiro e leitor de Freud. As relações entre o modernista e a psicanálise são cotejadas no último eixo do trabalho, que cuida de examinar a aplicação do conceitual psicanalítico na obra de Mário, principalmente através da tradução inventiva que o escritor propõe para o “recalque” freudiano. Ao incorporar a psicanálise aos seus estudos sobre a identidade nacional, Mário lança mão do conceito psicanalítico, criando o “sequestro”, uma tradução própria capaz de abrigar os conceitos de recalque e sublimação. Mário foi assim capaz não só de apropriar do discurso psicanalítico estrangeiro, mas de contribuir para o avanço conceitual da psicanálise. Na esteira dessas distintas vias de incorporação das ideias freudianas, a discussão que aqui

se apresenta busca contextualizar a recepção dessas ideias, trazendo à cena as principais personalidades, os grupos sociais aos quais eles se vincularam, os motivos que os levaram a se apropriar do discurso psicanalítico e, finalmente, as traduções/traições empreendidas pelos mesmos ao situarem a psicanálise na terra *brasilis*.

Palavras-chave: História da Psicanálise no Brasil. Higienismo. Modernismo. Identidade nacional. Difusão do discurso psicanalítico.

ABSTRACT

Torquato, L. C. (2014). *The arrival of psychoanalysis in Brazil: the Freudian discourse and the question of nationality*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The arrival of the psychoanalytic discourse in Brazil constituted as a process closely related to the national intelligentsia's interests in their efforts to enhance a national cultural project that was already being conceived since the late nineteenth century. This context has been marked by a discussion about several projects to the nation that intended to modernize Brazil, leading it to the condition of a civilized country. By identifying the two distinct ways of appropriation through which psychoanalysis arrived in Brazil (medicine hygienist and Brazilian modernist art), this study also indicates the impact and the consequences of these two movements on the beginning of psychoanalytical movement in Brazil. The early diffusion of Freudian's theory in the country has not occurred in an unbiased way, instead it was marked by psychiatric and hygienist speech, with its "reformist and universalizing reading of psychoanalysis" (Facchinetti, 2003, p.115), and modernist speech, with its opposed reading of the current moral values. If, by one hand, the psychiatric medicine appropriated of Freudian's ideas to improve their clinical, diagnostic and nosography practices, on the other hand, intellectuals, artists and thinkers of Brazilian culture have perceived in psychoanalysis an unusual possibility of understanding and discussing national's issues. If this debate pointed to particular readings about Sigmund Freud made by renowned psychiatrists of that period, it also revealed the reverberation that the contact with psychoanalysis caused in Mário de Andrade, Brazilian writer and Freud's reader. The relation between this modernist artist and psychoanalysis theory are treated in the last part of this study that wants to examine the application of the psychoanalysis's concepts in Mário's work, mainly through his inventive translation for Freudian's "repression". By incorporating psychoanalysis to his studies about national identity, Mário used psychoanalysis' concepts, conceiving "sequestro" (kidnapping), a specific translation that assembles, as I argue, the concepts of repression and sublimation. Through this appropriation of the psychoanalysis' foreign discourse, Mário was able not only to interpret Brazil's culture

through psychoanalysis, but to contribute back to psychoanalysis conceptual development. Through these two distinct ways of Freudian's ideas, the present discussion wants to contextualize the reception of these ideas, bringing into play the major personalities, the social groups to which they have committed themselves, the reasons that led them to appropriate the psychoanalytical discourse and finally the translations/betrayals that they undertook to situate psychoanalysis in Brazil.

Keywords: History of Psychoanalysis in Brazil. Hygienist. Modernism. National identity. Diffusion of psychoanalytic discourse.

SUMÁRIO

PRÓLOGO	1
O roteiro de viagem	1
1. A PESTE: DIFUSÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL.....	9
1.1 O corpo que aloja a peste: contexto para recepção das ideias freudianas	13
2. A PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO MODERNA: A APROPRIAÇÃO MÉDICO-HIGIENISTA	20
2.1 A moral sexual civilizada: educação, moralidade e sexualidade nos trópicos	25
3. A PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO MODERNISTA: A APROPRIAÇÃO DA VANGUARDA ARTÍSTICA	39
3.1 Mário de Andrade, para além de Freud: um tupi tangendo a psicanálise.....	47
3.1.1 <i>Fotografia freudiana: o turista aprendiz de psicanálise</i>	52
4.A DONA AUSENTE	58
4.1 As possibilidades do sequestro	61
4.2 O recalque.....	66
4.3 A sublimação	72
4.4 Esclarecimentos sobre o sequestro	78
MOMENTO DE CONCLUIR.....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXO	98

PRÓLOGO

O roteiro de viagem

Esta dissertação tem como temática principal a recepção da psicanálise no Brasil no início do século XX. Nesse sentido, seu objetivo é buscar as particularidades da apropriação do discurso psicanalítico no país, considerando os processos de fusão e difusão aos quais esse discurso foi submetido de acordo com as especificidades dos campos de saber nacionais, as intenções de seus primeiros intérpretes, bem como o momento histórico e o contexto nacional do período em questão.

O interesse em estudar o percurso histórico da psicanálise no Brasil remonta ao período em que fui aluna do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica nesta mesma universidade. Após cursar algumas disciplinas básicas, sobretudo aquela intitulada “História da Psicanálise”, já me encontrava bastante envolvida pela teoria freudiana, o que me despertou o interesse em conhecer a entrada de seu discurso em terras brasileiras. Não tardei em buscar uma maneira que me permitisse reconstruir esse percurso sem, no entanto, retomar temas já dissecados, buscando, dessa forma, abrir novas perspectivas acerca da psicanálise no Brasil.

Sondando o que havia de disponível na literatura sobre a chegada da psicanálise no país, localizei algum material – não tão vasto quanto se supunha a princípio – que tratava da recepção das ideias freudianas, precisamente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, pela classe médica nas duas primeiras décadas do século XX. A pesquisa nas bases de consulta acadêmica, particularmente em plataformas de pesquisa de artigos acadêmicos como o *Scientific Electronic Library Online- Scielo* e a Biblioteca Virtual em Saúde - Bireme, também indicavam esse dado, que se construía como evidência inicial, qual seja, a da entrada da psicanálise freudiana no Brasil a partir da sua implicação nos assuntos da medicina psiquiátrica.

Buscando nas revistas brasileiras de psiquiatria da primeira metade do século XX quaisquer aspectos que me permitissem visualizar o momento em que o discurso psicanalítico

passa a circular no cenário médico nacional, ainda intentava encontrar as propostas que a categoria médica almejava para seu campo de conhecimento e prática a partir da psicanálise ².

Os nomes dos médicos Durval Marcondes, Franco da Rocha, Juliano Moreira e Julio Pires Porto-Carrero foram aparecendo como fontes de contribuições importantes para o resgate do movimento precursor de leitura da obra freudiana no Brasil.

O ponto de surpresa localizado nessa bibliografia inicial se dava em dois sentidos: a leitura dos artigos publicados por esses médicos que traziam algo da psicanálise apontavam, de certa maneira, na direção de propostas para se atingir a ordem e o progresso no território nacional a partir do pensamento psicanalítico. E, segundo, a partir do conhecimento da trajetória e das relações profissionais e pessoais do psiquiatra Durval Marcondes, começo a perceber que haveria outra via de difusão do saber psicanalítico pelo país que não passava somente por esses médicos. A intimidade de Durval Marcondes com uma fileira mais artística e estética, por assim dizer, da inteligência nacional, despertou-me a curiosidade sobre o assunto. Marcondes se envolveu pessoalmente com a vanguarda paulista do primeiro momento do modernismo brasileiro, chegando inclusive a publicar um poema na *Klaxon*, importante revista modernista. Esses dois pontos de estranhamento acabaram me fazendo recuar à investigação acerca das relações da psicanálise com a história e a cultura brasileira.

Enquanto pesquisava o cenário social, econômico, político brasileiro nesse período, por algum *capricho do destino*, acabei me deparando com as obras de alguns dos principais representantes do modernismo brasileiro³: durante a preparação para os eventos comemorativos dos noventa anos da Semana de Arte Moderna, tivemos o privilégio de presenciar a circulação de alguns acontecimentos no país que chamaram a atenção para o movimento modernista iniciado no início do século XX⁴. Foi nesse momento que localizei algumas referências às ideias freudianas em textos clássicos do Movimento, e fui percebendo que a aceitação das ideias freudianas no país teve como alicerce fundamental essa intelectualidade de vanguarda.

² As principais revistas consultadas foram a *Revista Brasileira de Psiquiatria, Neurologia Psiquiátrica e Medicina Legal e Arquivos Brasileiros de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, disponíveis no acervo do Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Os nomes que mais apareceram num primeiro momento de estudo foram: nas artes plásticas Ismael Nery, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti; na literatura: Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Menotti del Picchia.

⁴ Citamos aqui: a exposição “Tarsila e os modernistas” – realizada em 2011 em Belo Horizonte, o acompanhamento de um ciclo de debates em torno da obra do escritor Oswald de Andrade ocorrido na Feira Literária de Paraty (FLIP) – que, em sua edição de 2011, teve o escritor como homenageado e, por fim, o contato com a obra e vários textos biográficos de alguns dos nomes da vanguarda brasileira e o conhecimento da exposição realizada nos anos 2000 -2001 no MASP, em São Paulo, intitulada *Freud: Conflito e Cultura*, que demonstrou as relações entre psicanálise e modernismo.

Dada a surpresa diante dessas primeiras constatações, e aqui me refiro à citação de Freud em alguns textos modernistas clássicos do período, bem como o conhecimento da exposição *Freud: Conflito e Cultura*⁵, comecei a consolidar a ideia de que para contar a história da psicanálise no país, deveria recuperar as especificidades da sua relação com a arte modernista.

A essa altura, começo a reconsiderar o trajeto, imprimindo como mais um objetivo da pesquisa a investigação acerca das relações existentes entre a psicanálise freudiana e o modernismo brasileiro, buscando ainda averiguar como teria se dado a influência do discurso psicanalítico na revolução cultural, ideológica e artística proposta por nossos modernistas.

Até determinado momento do percurso, somou-se ao meu esforço a necessidade de resgatar os traços freudianos na obra literária de dois dos grandes nomes da literatura paulista de vanguarda. Busquei nos textos de Mário de Andrade e Oswald de Andrade elementos que evidenciassem a influência de Sigmund Freud. Durante esse processo, encontrei várias passagens que traziam a possibilidade de terem sido inspiradas no psicanalista. Nesse movimento, pude constatar que haveria material a ser analisado e que, mesmo que não houvesse vasta referência que relacionasse arte brasileira e psicanálise, seria possível discorrer sobre o assunto.

No entanto, o percurso tortuoso em que fui esboçando essa metodologia inicial – qual seja a de ler o que pudesse dos escritores modernistas – não me levou a reforçar o apontamento inicial de que as relações entre psicanálise e modernismo seriam anteriores às relações entre a psicanálise e a medicina. Esse percurso, construído intuitivamente, sofreu nova alteração da rota. Acabei voltando ao ponto de partida: retornando aos textos modernistas para descobrir que o que ali era dito quando se falava de psicanálise não diferia muito do que se buscava na psicanálise pelos psiquiatras. Já antecipando um ponto de inflexão da pesquisa, localizo que se tratava, ainda que por maneiras distintas, de tentativas de apropriação do discurso psicanalítico que dessem conta de um projeto que passava pela modernização do povo brasileiro e da reflexão sobre o mesmo numa perspectiva de construção de uma identidade nacional. Neste momento, encontro a tese de Cristiana Facchinetti (2001), resultado de sua pesquisa de doutoramento, que ressalta a recepção da

⁵ A exposição batizada de *Freud: Conflito e Cultura* foi organizada originalmente pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, reunindo cerca de 200 itens (manuscritos, objetos pessoais, fotografias, vídeos) referidos a Sigmund Freud. No Brasil, como complemento à exposição principal, aconteceu ainda o anexo *Psicanálise e Modernismo*, que tratava especificamente da relação da psicanálise com a proposta estético-ideológica da Semana de 1922.

psicanálise no país como um processo pertencente a “territórios ideológicos” similares, o que confirmava minhas hipóteses iniciais (Facchinetti, 2001, p.23).

À medida que a leitura desses autores avançava, e que eu tomava conhecimento da crítica literária referente aos autores e seus textos, fui percebendo que tal estratégia de pesquisa não seria bem sucedida se eu não considerasse o surgimento do espaço moderno no país, seu histórico, antecedentes, principais características e representantes⁶. Um procedimento de contextualização do Brasil do começo do século passado se fazia necessário a fim de que a influência de Freud na obra modernista pudesse ser compreendida. Nesse sentido, a pesquisa teve de ser ampliada: o próximo passo deveria cotejar a chegada da psicanálise no Brasil e o contexto social, político e ideológico existente no país em tal contexto.

Nesse momento, é importante destacar que, ao trabalhar com uma proposta de estudo sobre a difusão da psicanálise e, antes disso, a circulação das ideias freudianas em outro espaço que se diferia daquele em que essas ideias foram construídas, considere a necessidade, apoiada nos textos de Gumbrecht (2001) e Pierre Bourdieu (2002), de não trabalhar com a prerrogativa de interpretações falsas ou corretas, ainda que tenha apontado para certas distorções ou embaraços na leitura que um ou outro leitor brasileiro de Freud tenha empreendido de Freud. Fui me detendo aos textos de referência da pesquisa advertida de que, quando se trata de recepção e circulação de teorias científicas e ideias, as variadas interpretações que cada leitor imprime sobre determinada obra necessariamente se dá a partir de influências históricas, influências sociais e subjetivas. Dito de outro modo, o escopo desta pesquisa não passa pela discussão da legitimidade ou malogro das interpretações tecidas pelos brasileiros acerca da disciplina psicanalítica, mas pela compreensão de como a incorporação dessas ideias teria sido possível: quem foram esses atores, em que contexto, quais eram suas preocupações, motivações, por quê e para quê tais conteúdos teriam sido por eles apropriados.

Foi então preciso ler textos que remetessem à época em que temos as primeiras notícias da entrada da psicanálise em nossa nação. Esse período, por volta da década de 1920, coincidia ainda com o surgimento da primeira sociedade de psicanálise do Brasil. Na mesma época do movimento modernista, surgia ainda a fileira mais higienista da medicina brasileira. Seria possível alguma relação? Foi preciso, obviamente, estudar esses dois movimentos.

O resultado desse caminhar cheio de avanços, atalhos e recuos é esta dissertação, que se estrutura da seguinte maneira:

⁶ As primeiras análises do modernismo brasileiro se basearam nas críticas de Antonio Cândido, Luiz Costa Lima e Mário da Silva Brito.

No primeiro capítulo, abordei a difusão da psicanálise, ou melhor, daquilo que Freud denominou como *a peste*, a partir da construção do movimento psicanalítico ao redor do mundo. Contornei o caso brasileiro, já apresentando as vias discursivas às quais o discurso freudiano se filiará nessa chegada ao Brasil. Além disso, discorri sobre o cenário que recebeu essa novidade científica, *o corpo que alojou a peste freudiana*, localizando as condições sociais, políticas e da inteligência nacional, bem como os fatores relacionados ao mundo moderno e ao Brasil que se modernizava e importava novos campos de saber. Aqui, os textos freudianos que trazem a questão da divulgação das ideias do psicanalista merecem destaque. Outras fontes para o estudo dessa difusão foram os textos das psicanalistas Marialzira Perestrello e Virgínia Bicudo, figuras importantes na construção da historiografia da psicanálise brasileira.

Os dois capítulos seguintes tratam das especificidades dessas vias de apropriação do discurso freudiano. O capítulo denominado *A psicanálise na construção de uma nação moderna: a apropriação médico-higienista* revela o enlace da medicina higienista predominante na República Velha com as leituras que esses médicos faziam de Sigmund Freud. Assim, é evidenciada uma assimilação do saber psicanalítico atravessada por questões de ordem, controle, diagnóstico, higiene social, significantes que estavam na ordem do dia do discurso médico. Nesse sentido, o capítulo contempla uma seção que se dedica à leitura feita por essa gama de profissionais interessados no discurso freudiano e como esses atores se empenharam em associar as suas concepções eugênicas ao que absorviam da psicanálise. A questão da moral sexual civilizada é flagrante nas discussões desses psiquiatras. As soluções propostas de práticas moralistas e higienistas para “cuidar da população doente” eram, segundo esses profissionais, fundamentadas nas teses freudianas. Assim, fui me permitindo um exercício um pouco mais livre nesta parte do texto, tecendo alguns apontamentos sobre essa apropriação médica da psicanálise freudiana baseando-se ainda naqueles textos em que Freud (2006 [1905]; [1907]; [1908]) nos indica sua posição com relação à questão da sexualidade, moralidade e educação. Os médicos-autores privilegiados nesse momento foram Porto-Carrero [1887-1937] (1927b; 1928; 1929; 1933), Durval Marcondes [1899-1981] (1936) e Henrique Roxo [1877-1969] (1904; 1919; 1921). A predileção por esses nomes se deu a partir da pesquisa realizada no acervo de periódicos do IPUB/UFRJ.

Considerando que a produção desta dissertação foi realizada concomitantemente ao meu trabalho como psicóloga (analista de políticas públicas) na Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social no município de Belo Horizonte, a dificuldade de acessar o acervo desses periódicos, na capital fluminense, foi um empecilho no processo de pesquisa. A

impossibilidade prática de estar junto a esses documentos – muitos deles não podem ser reproduzidos – gerou grande desconforto durante esse período, mas a riqueza dos temas ali contidos me fez insistir em apresentar e analisar esse material, ainda que de maneira menos densa do que eu gostaria. Não foi tarefa fácil conciliar as demandas de uma pós-graduação com as exigências de uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Os infundáveis acordos com a chefia e os acertos através de “bancos de horas”, todavia, foram a possibilidade encontrada para que esses dois compromissos fossem cumpridos da forma mais sincera e dedicada possível.

O terceiro capítulo, *A psicanálise na construção de uma nação modernista: a apropriação da vanguarda artística*, complementa esse resgate das vias de interpretação da psicanálise brasileira. Nesse sentido, esforcei-me para compreender em que sentido as ideias freudianas poderiam ter causado o interesse da inteligência artística da época. Através do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP) e da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tive acesso a vasto acervo sobre o modernismo brasileiro. A partir do contato com os modernistas que acessavam a obra freudiana e aplicavam esse campo de saber em suas produções artísticas, aprofundei na leitura do escritor Mário de Andrade. O IEB foi de extrema importância nesse momento, embora a dificuldade de reproduzir cópias de seu acervo – em que se encontra a biblioteca pessoal de Mário de Andrade – tenha minado um pouco o fôlego da pesquisa. Aqui novamente se apresentou a dificuldade de ordem prática da distância entre o pesquisador e o objeto de estudo. Novos arranjos foram feitos para que esse acesso à outra capital do sudeste fosse realizado.

Sem dúvida, dentre os modernistas, Mário foi quem mais se dedicou à leitura de Freud, algo que se revelou quando manuseei os volumes que ele possuía do psicanalista – quase todos em francês, e que ainda trazem muitas marcações do dedicado leitor, anotações sublinhadas, destacadas do texto, comentários que nos revelam uma leitura atenta. Outro ponto que denota essa apropriação cuidadosa de Mário de Andrade pode ser encontrado na sua própria produção ficcional e epistolográfica. Outros artistas, como Oswald de Andrade, por exemplo, tiveram também contato próximo com a psicanálise freudiana. No entanto, a predileção desta dissertação pela obra de Mário de Andrade se justifica no capítulo seguinte, em que privilegiamos o estudo de um projeto específico do autor, intitulado *O sequestro da dona ausente*.

Localizei no seu acervo disponível no IEB um fichário enorme com a denominação *O sequestro da dona ausente*. Explicar do que se trata esse material não é tarefa fácil. São centenas de envelopes contendo notas prévias, planos, esboços, todos manuscritos em folhas

de bolso com dimensões de 6,8 x 10,5 cm. Na margem, o escritor anotava “Sequestro” e então se seguia um comentário ou resumo rematado por uma indicação numérica que se referia ao volume de sua biblioteca que serviu de fonte para aquele recorte.

A dificuldade de leitura desse material foi aliviada pelo conhecimento da *Edição Genética d’o Sequestro da Dona Ausente de Mário de Andrade*, realizada por Ricardo de Carvalho (2001), que traz a transcrição de vários desses manuscritos de Mário. Pudemos então perceber melhor o termo *sequestro*. A partir da indicação da estudiosa Telê Porto Ancona Lopez (1972), compreendemos que Mário de Andrade se apropriou do termo recalque (*Verdrängung*), lido no francês como *refoulement*, traduzindo o mesmo por *sequestro*. A inventividade do autor nos chamou a atenção. Ao me debruçar sobre essa tradução, descobri um mundo inteiro de pesquisa do autor, especificamente referida ao folclore e à arte popular brasileira em que o artista teria se dedicado a trilhar baseando-se no que lia a respeito da psicanálise. Com o estudo sobre o *Sequestro da Dona Ausente*, Mário de Andrade se referia à presença da figura feminina no folclore musical brasileiro, especialmente nas cantigas de roda. Para perseguir tal estudo, que, como veremos, trazia à cena a questão da busca pela identidade cultural nacional, Mário se esforça ainda na compreensão de outros conceitos psicanalíticos, como a sublimação, por exemplo.

É nesse sentido que, no último capítulo deste trabalho, abri para a discussão desses dois conceitos tão explorados na obra freudiana: o recalque e a sublimação, dois significantes mestres para essa construção mariodeandradiana do *Sequestro*. Compreender as relações da tradução de Mário de Andrade com a psicanálise freudiana me levou a conhecer um pouco mais sobre as possibilidades que as ideias de Freud permitiram ao texto e à pesquisa ético e estética a que se propunham nossos modernistas. Nesse sentido, Freud é convocado por esses artistas para auxiliar na interpretação da sociedade, do povo brasileiro e de suas formas de subjetivação. O *sequestro*, entendido como o recalque e, por vezes, como a sublimação possível ao homem brasileiro construir sua cultura, será essa noção que, de certa forma, condensa toda uma apropriação do campo de saber da psicanálise por essa via artística.

A meu ver, essa proposta de analisar os burburinhos que envolvem os primórdios da nossa psicanálise em sua relação com a medicina psiquiátrica e com a arte modernista pode ainda nos ajudar a compreender as filiações que envolvem a formação psicanalítica na contemporaneidade. A discussão se faz relevante justamente a partir da constatação de que essa compreensão pode nos auxiliar a tecer uma leitura mais apropriada das filiações que envolvem a recepção e a transmissão da psicanálise dentro de um recorte específico, considerando o cenário brasileiro. A aposta é que, nesse plano, a formação psicanalítica possa

construir sua identidade de forma mais ativa, refletindo-se, analisando-se, deitando-se no divã que ela própria empenhou. Essa pausa que fazemos para apropriação da trajetória do discurso psicanalítico como campo de saber no contexto brasileiro pode nos auxiliar no árduo exercício de construção de uma longevidade teórica e clínica com mais vigor.

1. A PESTE: DIFUSÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL

Não é a psicanálise que é nova, mas sim Freud. Como também a América não era nova, mas sim Cristovão Colombo⁷.

A psicanálise é criação minha, por dez anos eu fui o único indivíduo que dela se ocupou, e foi sobre mim que recaiu, em forma de crítica, toda a irritação provocada por seu aparecimento.

Sigmund Freud

Com o notório intuito de legitimar a psicanálise e delimitar seu campo, diferenciando-a das teorias propostas por Adolf Adler e Carl Gustav Jung, Freud cuidou de escrever, ele mesmo, alguns excertos sobre a história do movimento psicanalítico. Fazendo uso, por vezes, de um tom notadamente beligerante ao reivindicar para si a autoria e a interpretação legítima da disciplina, Freud traçou o desenvolvimento da mesma desde os primórdios do que poderíamos chamar de uma pré-psicanálise.

Podemos distinguir vários momentos ao longo da obra freudiana em que o psicanalista reafirmou e renovou suas teses, resgatando a construção do movimento psicanalítico com o ensejo de situar o mesmo no debate intelectual corrente⁸. Não sem o esforço de seu “criador”, a psicanálise se consolidou como um empreendimento fundamental no plano do debate sobre o homem. Podemos afirmar que a empresa psicanalítica influenciou todo um campo de saber acerca do funcionamento da personalidade, ampliando a aplicação de uma teoria sobre o psiquismo a vários ramos de conhecimento e a uma técnica psicoterápica específica.

Debruçando-se sobre a física, a química, a neurofisiologia e a biologia para esclarecer seu aparelho psíquico, Freud situou a psicanálise no rol das ciências. O uso recorrente de analogias energéticas, hidráulicas, químicas, pareciam insinuar, num primeiro momento, uma redução do aparelho psíquico e, conseqüentemente do humano ao biológico naturalizado. A partir dessa leitura, justificaram-se as inúmeras resistências sofridas pela psicanálise em sua expansão. As mais imediatas foram refletidas por Freud: tanto o campo da medicina quanto o da filosofia desconfiavam das ideias freudianas, uma vez que a primeira questionava sua cientificidade e a segunda desacreditava o seu positivismo injustificado.

⁷ (Schnitzler apud Assoun, 1991:7).

⁸ Podemos conferir as considerações freudianas a propósito da ampliação do movimento psicanalítico, bem como das resistências geradas por ele, nos textos *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (2012 [1914]), *Caminhos da terapia psicanalítica* (2010 [1919]) e *As resistências à psicanálise* (2011 [1925]).

...a psicanálise tira apenas desvantagens de sua posição intermediária entre medicina e filosofia. Os médicos a veem como um sistema especulativo, não querem acreditar que, como qualquer outra ciência natural, ela se baseia na paciente e trabalhosa elaboração de fatos do mundo das percepções; os filósofos, que a medem pelo padrão de seus próprios sistemas artificialmente edificados, acham que ela parte de premissas impossíveis e lhe reprovam o fato de seus conceitos principais – que se acham em desenvolvimento – carecerem de precisão e clareza (Freud, 2011 [1925]:258).

No entanto, a construção do campo psicanalítico não se restringiu às respostas freudianas às críticas e resistências encontradas. De certo modo, as diferentes sociedades ao redor do velho e novo mundo se apropriaram criticamente - e acriticamente! – do discurso psicanalítico na medida em que este se difundia internacionalmente.

Em 1909, Sigmund Freud desembarca na América do Norte na companhia de seus colegas médicos Sándor Ferenczi, Jung, Abraham Brill e Ernest Jones. Convidado por Stuart Hall, então reitor da Clark University (Worcester), Freud se dirige aos EUA para proferir palestras introdutórias sobre a psicanálise naquela universidade. Tal viagem acentuou a expansão da teoria freudiana no novo mundo, estendendo seus domínios para além do continente europeu. Tratava-se, dessa forma, de um deslocamento traçado com o intuito de atender à aspiração freudiana de garantir a ampliação de sua disciplina, fugindo da censura, das críticas e, por vezes, da indiferença dos países europeus, do antissemitismo e da germanofobia presentes em alguns desses espaços.

A viagem rendeu resultados interessantes: as lições proferidas na universidade americana resultaram nas *Cinco lições de psicanálise* (Freud, 2006 [1910]-a), publicadas em vários outros idiomas além do alemão e do inglês: russo (1911), polonês (1911), húngaro (1912), italiano (1915), dinamarquês (1920), francês (1921), espanhol (1923), português (1931) e japonês (1933).

Conta-nos Roudinesco que em 1955, durante uma conferência proferida em Viena, o psicanalista francês Jacques Lacan confessou ter escutado de Jung o relato de que na ocasião da viagem do grupo de psicanalistas à América do Norte, Freud teria segredado no ouvido de seu discípulo, ao avistar a Estátua da Liberdade no porto novaiorquino, a seguinte sentença: **“Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste”** (Elisabeth Roudinesco & Plon, 1997). Lacan comentou a frase, indicando o “engano” de Freud ao julgar que a psicanálise teria sido uma revolução para a América. Para o francês, teria sido a América a grande devoradora da doutrina freudiana justamente por ter suprimido seu espírito subversivo (Elisabeth Roudinesco, 2010).

A suposta declaração atribuída por Jung a Freud repercute até os dias atuais: não sabemos ao certo se o psicanalista vienense teria proferido essas palavras. Freud, de fato, não faz uso do termo “peste” em sua obra. Os grandes historiadores do freudismo também não precisam a sentença de Freud ao chegar à América com o peso desse termo. No entanto, o que sabemos é que a *peste* freudiana contaminou o novo mundo, ultrapassou barreiras geográficas, logo se disseminando pela terra *brasilis*.

A partir das décadas iniciais do século XX, as ideias freudianas vão invadindo concomitantemente o saber médico no Brasil e o conjunto da nossa cultura literária e artística, suscitando representações diversas acerca das descobertas freudianas.

A especificidade do contexto brasileiro marcará a particularidade da incorporação das ideias freudianas no país. De modo diferente do que teria se dado na França (Roudinesco, 1994), por exemplo, em que a psicanálise foi sendo tomada de modo contraditório pelas classes médicas e literário-filosóficas, veremos que no Brasil, o discurso psicanalítico foi incorporado por diferentes grupos, mas em um solo comum de estabelecimento de projetos de nação e nacionalidade, ainda que tais projetos fossem diferentes entre si (Facchinetti, 2001).

As referências clássicas que tratam da introdução da psicanálise no país, em sua maioria, revelam ter sido o pensamento freudiano trazido e disseminado pelos médicos e psiquiatras, prioritariamente, nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Registros bibliográficos mais remotos relatam que Juliano Moreira, médico fundador da psiquiatria moderna no país, teria aplicado as ideias freudianas durante suas aulas na Faculdade de Medicina na Bahia ainda no ano de 1899. Anos mais tarde, o psiquiatra será responsável pela primazia da difusão da doutrina freudiana no Rio de Janeiro: apresenta na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, em 1914, um trabalho sobre a psicanálise esforçando-se, a partir de então, a estimular seus alunos e discípulos ao estudo e aplicação da psicanálise em seus consultórios (Oliveira, 2006).

Textos históricos⁹ nos revelam ainda que o debate acerca das ideias freudianas na capital paulista se iniciou na década de 1920 a partir da publicação do livro *A Doutrina Pansexualista de Freud*, do médico Franco da Rocha, principal expoente da psiquiatria local, idealizador e fundador do Hospital Psiquiátrico do Juqueri. Estimulado posteriormente por seu ex-aluno Durval Marcondes, Franco da Rocha lançou a segunda edição da obra em 1930. Pressionado pelo ambiente médico da época - que já dava notícia da crítica freudiana com

⁹ Referências históricas interessantes podem ser encontradas nos textos das psicanalistas Virginia Bicudo (1948) e Marialzira Perestrello (1987). As duas autoras são nomes importantes na construção da historiografia da psicanálise no Brasil.

relação ao termo “pansexualista”, Franco da Rocha (1930) aboliu a expressão do título do trabalho (Salim, 2010).

No entanto, não é da via psiquiátrica a primazia na expansão da psicanálise em São Paulo: foi também graças à grande difusão no meio intelectual e, sobretudo, literário, que as ideias freudianas ganharam corpo no país. Ao visitarmos as produções artísticas e literárias produzidas durante o período em questão, podemos perceber que o pensamento psicanalítico já circulava entre os salões intelectuais brasileiros desde a década de 1910. Além dos psiquiatras que se informavam das teorias freudianas através de artigos de revistas especializadas, alguns viajantes – como o próprio modernista Oswald de Andrade, por exemplo- tiveram contato com a Paris moderna e traziam as propostas freudianas, ainda que a partir de uma leitura de Freud “contaminada” pelas vanguardas europeias. Além disso, notamos que os pensadores brasileiros acessaram alguns textos freudianos através de traduções francesas da psicanálise. É o caso, por exemplo, de Mário de Andrade, que nunca esteve na Europa, mas teve acesso aos textos em francês de Sigmund Freud e Charles Badouin (Feres, 1969).

Neste momento em que pretendemos pensar a difusão da teoria psicanalítica no Brasil nas décadas iniciais do século XX, entendemos tratar-se de um período privilegiado de incorporação das ideias freudianas no país principalmente por duas vias distintas: a medicina psiquiátrico-higienista e a arte modernista brasileira. De tal forma, contrariando algumas versões históricas tomadas como oficiais sobre a difusão da psicanálise no Brasil¹⁰, reconhecemos que o início da difusão da teoria freudiana por aqui não se apresentou de forma unívoca, mas foi “atravessado pelos discursos psiquiátrico-higienista, com sua leitura reformista e universalizante da psicanálise” (Facchinetti, 2003, p.115), e modernista, com a leitura mais estética e contestatória dos valores sociais e morais dominantes. Se, por um lado, a medicina psiquiátrica teria se apropriado das ideias freudianas para o aperfeiçoamento de sua prática clínica, diagnóstica e nosográfica; por outro, intelectuais, artistas e pensadores da cultura brasileira entreviram na psicanálise a possibilidade inusitada de entendimento e discussão das questões nacionais.

Em nossa tentativa de resgatar historicamente a difusão da psicanálise no Brasil, julgamos extremamente relevante nos debruçarmos sobre as reverberações que o discurso

¹⁰ Percorrendo a literatura do que já se produziu sobre a história da psicanálise no Brasil, é muito comum encontrar relatos históricos que apontam somente para os nomes da psiquiatria como pioneiros do discurso psicanalítico no país. Sobre esse assunto, conferir os trabalhos de Facchinetti (2001) e Oliveira (2006). A associação da psicanálise no Brasil aos nomes dos modernistas pode ser melhor analisada nesses trabalhos e nos textos de Sagawa (1992) e Riaviz (2004).

psicanalítico fez ressoar nesses diferentes campos discursivos que, por sua vez, foram fundamentais para a difusão e consolidação da psicanálise no país. O esforço que se segue nas próximas seções é o de apresentar algumas contribuições acerca de cada um desses discursos, tomados aqui como vias de incorporação e reelaboração do arcabouço teórico e prático freudiano. Nosso intuito passa pela compreensão dos modos de apropriação que cada um desses saberes trilhou com relação às ideias de Freud e como a *peste* freudiana foi se disseminando entre seus empreendimentos teóricos e práticos e, no caso dos nossos vanguardistas artísticos, suas formulações estéticas.

Antecipando um pouco a discussão que se segue, um ponto que merece nossa atenção neste estudo refere-se à difusão e à institucionalização da psicanálise no país. Reconhecemos os médicos psiquiatras brasileiros como aqueles pioneiros, figuras com interesse teórico pela nascente disciplina freudiana, preocupados com sua profissionalização e estudo enquanto ciência e profissão clínica (Salim,2010). Esses atores serão os responsáveis, como veremos, pela institucionalização do campo no Brasil. Contudo, os precursores da psicanálise no país não se restringem a esse grupo, o que não os desqualificam, por suposto, da participação na difusão das ideias freudianas. A institucionalização da psicanálise no país, ou seja, o reconhecimento oficial pelas sociedades psicanalíticas internacionais irá advir a partir de um processo de construção que acompanharemos nas próximas linhas, e que efetivamente se difere desse processo de incorporação da teoria freudiana pelos variados campos e grupos que fizeram contato com a mesma, a exemplo dos artistas e pedagogos.

1.1 O corpo que aloja a peste: contexto para recepção das ideias freudianas

A virada do século XIX para o século XX marcou as duas grandes transformações da sociedade brasileira: a abolição da escravidão e a implantação da República implicaram o país e sua inteligência num movimento de reformulação das ideias e concepções a respeito do Brasil e de seu povo.

Se a inscrição formal na ordem republicana não foi capaz de alterar radicalmente o estado geral da nação (Patto, 1999), a abolição da escravatura representava uma questão mais aguda e preocupante, uma vez que escancarava a dificuldade de integrar no país um *excesso* populacional que representava um empecilho concreto para o seu desenvolvimento e elevação à categoria de nação moderna e desenvolvida.

Neste contexto, a questão do aprimoramento racial surge como solução que se fazia urgente perante um diagnóstico que atribuía à raça a existência das mazelas que afligiam esta população desamparada. Contudo, a inteligência nacional não era uníssona ao tratar dessa questão, assumindo desde posições profundamente autoritárias – que apontavam, por exemplo, para a necessidade de constituição de uma nova raça através da crescente incorporação de contingentes brancos - até aquelas que propunham maior intervenção estatal para fornecer à população padrões mais adequados e satisfatórios de saneamento e educação (Ponte, 1999).

O Brasil de então enfrentava uma série de embaraços advindos no bojo do processo de modernização: o desenvolvimento desordenado das cidades, o crescimento populacional e a ausência de infraestrutura primária agravaram significativamente as condições sanitárias observadas nos centros urbanos do país (Sevcenko, 1992). A imigração europeia, a migração dos camponeses e antigos escravos para os centros urbanos, os efeitos da industrialização que nascia agravavam o quadro de tensões sociais, colocando o próprio regime em xeque, ainda que a classe elitista dirigente procurasse justificar sua legitimidade de todas as formas. No cenário internacional, exibia-se a imagem de país insalubre, com decadente condição sanitária, assolado por enfermidades como a varíola, febre amarela, peste bubônica¹¹. A demanda pela organização do processo de urbanização das cidades, pela promoção da saúde da população, ou seja, pela formulação de soluções para esses problemas advindos com a urbanização e crescimento, se fazia cada vez mais urgente.

Darcy Ribeiro (1972) nos lembra que a intelectualidade nacional entrevia nas condições naturais do país as causas da crise do regime republicano. Assim, as tensões sociais e reveses econômicos não se davam por questões históricas ou políticas, mas se fundamentavam na formação étnica da população e no clima tropical: se nada poderia ser feito com relação ao clima, quanto ao problema racial poderia ser pensada uma solução.

Nesse contexto, a ciência médica no país se lança na tentativa de regulação e organização do funcionamento social na perspectiva sanitária. Passa a tratar não só do corpo doente do sujeito, mas do corpo social, supervisionando a saúde da população com o intuito primordial de garantir a segurança e prosperidade da nação. Nesse sentido, a comunidade

¹¹ Em 1902, o então presidente Rodrigues Alves lança uma série de estratégias para sanar essa questão. Suas metas eram de melhoria do porto, reforma e embelezamento da cidade e o combate às epidemias. É nesse momento que surge a figura do sanitarista Oswaldo Cruz, conhecido por coordenar as campanhas de erradicação da febre amarela e varíola no Rio de Janeiro, culminando, em 1904, no episódio da Revolta da Vacina, rebelião da população – apoiada pelos cadetes da Escola Militar- contra a vacinação forçada e invasão de seus espaços privados (Porto, 2003). Essas ideias higienistas de orientação profilática irão embasar, alguns anos mais tarde, a criação de órgãos como a Liga Brasileira de Higiene Mental.

médica e científica empenhava-se na construção de um projeto civilizatório-educativo na primeira república. Tratava-se de educar a população a partir de uma concepção mais ampla de pedagogia moral e cívica: educar o povo indisciplinado, inculto, de maus hábitos. Para a medicina higienista de então, fortemente influenciada pela teoria da degenerescência¹², a miscigenação do povo era tomada como um entrave crucial para a realização do projeto de civilização da nação (Rocha, 1983). Nosso primitivismo, marcado pela herança afro e indígena, era tomado como o excesso de paixões, instintivo, contrário ao controle esperado para a afirmação de um estado nacional moderno e civilizado. Nesse momento, a psiquiatria apresenta-se como um saber que poderia auxiliar sobremaneira esse projeto educativo e civilizatório do povo brasileiro.

O discurso psicanalítico ia gradativamente se inscrevendo nesse movimento eugênico que se alastrou pelo país. As ideias freudianas passam a servir como possibilidade de tratamento para a classe débil e impotente do povo brasileiro, fruto de sua miscigenação, povo esse marcado por sua fraqueza e heterogeneidade, que precisaria ser “reformado” para se modernizar e evoluir (Porto-Carrero, 1933a).

Primeiro país latino-americano a implantar o freudismo, o Brasil recebeu a psicanálise progressivamente desde o início do século XX. O nascimento oficial da psicanálise brasileira é definido a partir da chegada dos psicanalistas reconhecidos pela *International Psychoanalytical Association* (IPA)¹³, encarregados da transmissão das ideias freudianas aos candidatos brasileiros que concorriam ao título de psicanalista, fundando as primeiras sociedades ditas oficiais de psicanálise no Brasil.

As ideias de Freud chegam ao meio médico nacional essencialmente a partir dos textos de intelectuais e médicos franceses. Franco da Rocha chega a comentar no prefácio da sua tese que um dos seus objetivos com tal estudo seria a transmissão da doutrina freudiana, “tão divulgada, mas pouco conhecida no país”. Uma das explicações dadas por ele refere-se à

¹² A teoria da degenerescência, sistematizada por Morel (1809-1873) em seu *Tratado das Degenerescências*, de 1857, baseia-se no pressuposto de que haveria progressiva degeneração mental conforme se sucedessem as gerações. Fortemente influenciada pela perspectiva católica, tal teoria pensava a degeneração como algo passível de ser transmitido: as taras, vícios, traços de caráter adquiridos pelos antecessores seriam passíveis de transmissão. Muitos projetos de intervenção social, a exemplo das ações higienistas ocorridas no país no início do século XX, foram desenvolvidos com o intuito de impedir a propagação de morbidades e degeneração da raça (Pereira, 2008).

¹³ A IPA foi criada por iniciativa do próprio Freud e de seus colaboradores durante o segundo Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Nuremberg, na Alemanha, em março de 1910. A proposta de fundar a IPA surgiu dois anos antes, durante uma reunião realizada em Salzburgo, na Áustria, em 27 de abril de 1908 (Roudinesco & Plon, 1997).

ínfima difusão da língua germânica no Brasil, o que acabava privilegiando a leitura dos autores franceses (Rocha, 1920).

Jane Russo (1998) nos lembra que o vínculo de grande parte dos médicos com a teoria freudiana se dava somente por sua divulgação em seus escritos teóricos, uma vez que os mesmos não adotavam a psicanálise em sua clínica.

A socióloga e estudiosa da disseminação da psicanálise no Brasil, Carmem Lúcia Oliveira, pontua que, nesse período, as reflexões sobre a psicanálise no país tomam como referência os trabalhos de Régis e Hesnard, responsáveis pela autoria do primeiro livro sobre a psicanálise na França, *La psychoanalyse des nevroses et des psychoses*, “cujo essencial consiste justamente em rejeitar a doutrina germânica em favor de uma latinização da psicanálise” (Oliveira, 2002:137-138). Tal livro foi traduzido e publicado no Brasil em 1923, antecedendo a tradução oficial de um texto freudiano, que teria se dado em 1931, relativa ao texto *Cinco lições de psicanálise*, feita por Durval Marcondes e José Barbosa Corrêa, publicado pela Companhia Editora Nacional, e editado pela Editora Guanabara (Waissman & Koogan). No bojo desse projeto de tradução que se dava a partir das obras freudianas em espanhol e francês, localizamos ainda os seguintes títulos: *Psychopathologia da vida quotidiana*, tradução de Elias Davidovitch em 1933; *Introdução à psicanálise*, traduzido pelo mesmo autor, publicado em 1934; *Totem e tabu* e *o Futuro de uma ilusão*, traduzidos por Julio Pires Porto-Carrero em 1934; *Psicanálise e psiconeuroses (1934)* e *Técnica psicanalítica e psicologia da angústia (1934)* e *Interpretação dos sonhos e outros ensaios (1935)* traduzidos por Odilon Gallotti e, por fim, *Psicologia da vida erótica*, traduzido por Moysés Gikovate em 1934.

Particularmente, na nossa pesquisa, restringimos a investigação acerca das vicissitudes da entrada psicanálise à capital paulista e capital fluminense. Com exceção de algumas manifestações isoladas - que mais se assemelham a um interesse próprio de alguns nomes eminentes da psiquiatria brasileira do século XX do que um movimento de incorporação de ideias, a psicanálise de fato teria ficado limitada a esses dois centros urbanos. Temos conhecimento, todavia, das iniciativas dos psiquiatras gaúchos Dyonélio Machado e Martim Gomes, dos escritos profícuos de Arthur Ramos na Bahia, de Ulisses Pernambucano no Recife, além da empatia que a via literária emprestou à psicanálise nas Minas Gerais, onde foi publicada a primeira tradução “não oficial” de um excerto de um texto freudiano para o

português. O médico mineiro Iago Pimentel iniciou a tradução das *Cinco lições sobre psicanálise* e a publicou na revista modernista *A Revista*, em 1926¹⁴.

No entanto, a doutrina freudiana já havia adentrado o país algumas décadas antes: a intelectualidade nacional já se aproximava das ideias freudianas desde as primeiras décadas do século XX. A familiaridade entre os médicos brasileiros e a psicanálise também antecede a divulgação do reconhecimento oficial da disciplina no Brasil. Renomados psiquiatras precocemente já se interessavam pela obra freudiana. A “pré-história” da psicanálise brasileira refere-se a esse período de circulação da disciplina freudiana pelo país através dos proeminentes nomes da psiquiatria e, como veremos adiante, também no interior dos círculos artísticos e literários da nossa classe intelectual.

A partir da leitura dos textos pioneiros que refletem a influência da psicanálise no meio médico nas décadas iniciais do século XX, percebemos que o que confere uma coloração local ao debate acerca da psicanálise no Brasil, diferenciando da sua expansão pelo cenário europeu, passa pela assimilação da psicanálise a um projeto mais extenso de construção da nação brasileira. É evidente, ainda, que a problemática sexual convoca e estimula a atenção daqueles médicos, principalmente daqueles para quem a hereditariedade não dava conta de abranger a etiologia das psicose. Desse modo, a psicanálise passava a se figurar como mais uma possibilidade de tamponar as deficiências teóricas da psiquiatria, apesar, no entanto, de não se servir como alternativa à psiquiatria organicista e classificatória. Nesse sentido, no empreendimento de se buscar a identidade nacional, a psiquiatria local passa a entender que aqueles distúrbios de personalidade do homem brasileiro que não poderiam ser suprimidos pelos recursos disponíveis pela medicina psiquiátrica, a partir da psicanálise poderiam, ao menos, serem educados, civilizados e guiados na direção de metas mais condizentes com o ideário moderno almejado (Russo, 1998; Facchinetti, 2006). Um “ego civilizado” aparecia como possibilidade de domesticação de um “id primitivo”:

Segundo a hipótese de Freud, é o Id o campo onde se passa a mais importante porção dos fenômenos psíquicos, o que vale dizer que são Inconscientes estes, na sua maior parte, é do Id que partem os impulsos mais numerosos e mais intensos. O Ego, a personalidade consciente na sua maior parte, nada mais é do que um aparelho de adaptação ao ambiente, um órgão de percepção, um campo de elaboração dos impulsos do Id e um depósito provisório de recordações ainda não incorporadas à instância profunda, primitiva (Porto-Carrero, 1933b:11).

¹⁴ O médico mineiro Iago Pimentel empreendeu uma tentativa de tradução do texto freudiano diretamente do alemão. Ele publicou algumas páginas no terceiro número de *A Revista*, publicação literária organizada por Carlos Drummond de Andrade. Nesse volume, último do periódico belorizontino, encontram-se ainda textos de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Pedro Nava, dentre outros (Pimentel, 1926).

O que aconteceu, de fato, foi a “absorção” da psicanálise pela medicina higienista. A psicanálise não é de fato praticada sistematicamente pelos médicos nesse período, servindo-se antes como um método complementar às técnicas de cura e tratamento em voga.

A questão do pansexualismo, por exemplo, é essencial para entendermos essa incorporação das teses freudianas. Este termo, como nos conta Roudinesco & Plon, teria sido forjado pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler com o intuito de depreciar a doutrina psicanalítica. Na medida em que a psicanálise vai se expandindo e sendo internacionalmente reconhecida, as teses freudianas passam a ser também admitidas como “obscenidades”, uma ciência pornográfica, por assim dizer. Essas acusações se iniciam após a publicação dos “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade” (2006 [1905]), mas ganham força entre 1910 e 1913, período relativo à circulação internacional das ideias freudianas (Roudinesco & Plon, 1997).

A chegada da psicanálise no Brasil ressoa no pensamento da intelectualidade da época, no seu ensejo de contribuir para o debate das questões em torno da construção do Estado nacional. A problemática sexual, o pansexualismo, como aparecia na época, interessam particularmente às campanhas higienistas características do período, que sugeriam modelos de disciplinarização e controle das normas e práticas sociais. É a partir desse movimento que a psicanálise irá emergir na medicina psiquiátrica brasileira, ou seja, a partir de um esforço civilizador e educativo.

Para compreensão dessa aliança do saber médico com a psicanálise, é fundamental considerarmos que, no período em questão, o discurso médico nacional lançava sua tônica em uma concepção higienista, que operava com ideias de desvios físicos e psíquicos e que ponderava suas articulações em torno das noções de prevenção e educação profilática. Essa geração da medicina no país se incumbiu de estabelecer uma série de medidas profiláticas, dispostas a “corrigir os defeitos do povo”, caucionando uma “procriação mais saudável” que garantisse uma “formação mais nobre” para o futuro do nosso povo. Assim, o controle proposto pelo ideário da higiene mental objetivava expungir a feição excessiva, degenerada e desregrada da formação racial nacional, buscando um novo lugar, mais moderno e sadio. Os médicos psiquiatras passam a ser convocados e então se debruçam na gestão dessa perspectiva para a nação. Um dos objetivos centrais da política higienista no Brasil passou pela preocupação do negro se tornar o fator primordial de degenerescência do povo brasileiro. Restavam então as políticas do Estado, bem como a participação efetiva tanto dos médicos quanto dos educadores nesse processo (Facchinetti, 2001).

A medicina brasileira, ao longo das três primeiras décadas do século XX, trazia a questão da prevenção das doenças mentais ligada às noções de higiene psíquica e racial.

Jurandir Freire Costa comenta que, nesse período, a psiquiatria, baseada na higiene mental, supunha uma natureza humana, algo como uma essência do sujeito. Desse modo, poder-se-ia propor uma decifração das leis da hereditariedade, trabalhando ainda com a noção de degeneração.

Uma vez codificada a essência do homem, tornava-se fácil, teoricamente, prevenir a reprodução ou propagação de seus caracteres psicossociais indesejáveis. Castração, controle da imigração, casamentos eugênicos, exames pré-nupciais eugênicos etc. foram a decorrência dos postulados sobre a natureza biológica do sujeito e sobre a existência de raças inferiores (Costa, 1989:14).

O que pode nos causar certo estranhamento é que muitos desses médicos aderiram às teses freudianas, entreando nas mesmas a possibilidade de investir na esfera privada da vida das famílias, traduzindo a psicanálise em um programa profilático de educação destinado às crianças, seus pais, responsáveis e educadores. Essa será uma das vias da implantação da psicanálise no Brasil: uma leitura sociológica, pedagógica e moralizante da psicanálise.

2. A PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO MODERNA: A APROPRIAÇÃO MÉDICO-HIGIENISTA

O Brasil foi o primeiro país latino-americano a receber o freudismo, sendo as primeiras referências diretas a Freud realizadas no meio psiquiátrico. Julio Pires Porto-Carrero, primeiro historiador da psicanálise no país, comenta ter sido Juliano Moreira o fundador da nossa psiquiatria moderna e pioneiro na difusão das teses freudianas. Em 1914, Moreira teria apresentado um trabalho sobre o tema na Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal. Porto-Carrero, todavia, nos revela que os registros mais remotos sobre a difusão da psicanálise por aqui apontam para os comentários do próprio Juliano Moreira realizados durante seu período de aula na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1899, já tendo completado sua formação com Kraepelin, na Alemanha (Porto-Carrero, 1928/1929). Juliano Moreira teria sido um dos únicos profissionais que, nesse momento, teria aplicado a psicanálise em sua clínica, além de ter estimulado vários de seus discípulos ao estudo da nova disciplina (Oliveira, 2002).

A publicação da tese de medicina do cearense Genserico Aragão de Souza Pinto, *Da Psychanalyse: a sexualidade das neuroses*, na cidade do Rio de Janeiro, em 1914, bem como os incentivos dados por Juliano Moreira e por outros pioneiros entusiastas da disciplina freudiana, indicam uma abertura de espaço no país para a recepção da psicanálise, fato que teria se dado ao longo de todo o século vinte. Outro marco da ampliação do campo psicanalítico no país foi a publicação, em 1920, do livro *A Doutrina Pansexualista de Freud*, em São Paulo, pelo médico Franco da Rocha.

A tradição da leitura de trabalhos psicanalíticos no meio médico brasileiro passava, naquele período, por autores como Janet, Babinski, Charcot, Bernheim, Déjerine e, evidentemente, Freud. É interessante a forma como esses médicos absorviam todas essas teorias, por vezes antagônicas, para, a partir de então, formularem suas reflexões.

Desde as décadas iniciais do século XX, as ideias freudianas foram recebidas por um grupo de médicos brasileiros como uma novidade científica, rapidamente sendo transformadas em teorias de interesse acadêmico, tornando-se objetos de teses e discussões nas faculdades de medicina¹⁵. A psicanálise começa a ser referenciada em várias conferências nas sociedades

¹⁵ Apesar da aceitação das ideias freudianas por parte do seletor grupo de psiquiatras cotejados neste trabalho, verificamos que houve forte resistência à psicanálise no Brasil, assim como em vários outros países. Dentre outras acusações, as teorias freudianas eram apontadas como *pansexualistas*, conforme mencionado no capítulo anterior. Este termo, utilizado pejorativamente por Bleuler ao se referir à psicanálise, fortalece a rejeição da

de medicina e educação nesse período: seu potencial nas áreas do direito, pedagogia, psiquiatria e até mesmo nas artes passa a ser valorizado. A disciplina freudiana vai se configurando como uma panaceia, uma teoria capaz de abarcar todos os problemas decorrentes do advento da modernidade, “constituindo-se em um poderoso instrumento de investigação e explicação do homem e de suas relações em sociedade” (Ponte, 1999:27).

Em 1922 é fundada, no Rio de Janeiro, a Liga Brasileira de Higiene Mental, com objetivo de concretizar um programa de higiene mental de modo a melhorar o nível de saúde mental de forma coletiva, além de aprimorar a assistência aos doentes mentais através da renovação das instituições psiquiátricas. A partir de 1926, observa-se uma ampliação dos projetos da Liga, ultrapassando os objetivos iniciais. As aspirações eugênicas e de educação dos indivíduos começa a circular nos meios escolar, profissional e social. Juliano Moreira se destacou na difusão dessas ideias, preconizando várias medidas a serem tomadas pelos dirigentes brasileiros no sentido de contemplar uma profilaxia das doenças mentais. Elisabete Mokrejs descreve a postura do psiquiatra, lembrando que o mesmo chegou a divulgar a ideia de que a imigração seria o fator fundamental para a elevação do quadro de “delinquentes e alienados” no país, fator que seria crucial para o aparecimento de vícios e desordens psíquicas percebidos no povo (Mokrejs, 1989).

A psiquiatria no Brasil assume o status de uma disciplina de controle social desde a segunda metade do século XIX, com o objetivo de enclausurar e corrigir a loucura. Nesse contexto histórico, a divulgação das teses freudianas acabavam se limitando a interpretações que a destinavam a uma posição de instrumento diagnóstico, terapêutico e moral, fato que pode ser comprovado a partir das disciplinas dos cursos de medicina do período, além daqueles textos que eram dedicados ao público leigo¹⁶. Cristiana Facchinetti comenta que, naquele momento, qualquer médico ou psiquiatra que esboçasse interesse pela temática da sexualidade já era reconhecido por seus pares como psicanalista, e ressalta:

(...) a psicanálise era apenas um dos elementos considerados como fundamentais para o diagnóstico, passando a encaixar-se no trinômio do orgânico, da moral e da vida moderna. Na prática, as explicações tinham, quase sem exceção, um fundo organicista, independente da roupagem que vestiam (Facchinetti, 2001:88).

disciplina quando de sua difusão pelo mundo, colocando-a como uma obscenidade, pornografia, “ciência boche” (Roudinesco & Plon, 1997).

¹⁶ Um bom exemplo desse tipo de publicação é o texto de Porto-Carrero, *O caráter do Escolar segundo a psicanálise* (Porto-Carrero, 1927b).

A trajetória do psiquiatra Julio Pires Porto-Carrero nos serve como excelente ilustração para compreendermos a apropriação higienista que foi feita do discurso psicanalítico no período em questão. “Fanático da psicanálise”, Porto-Carrero foi um psiquiatra e psicanalista pernambucano, um dos primeiros médicos a exercer a disciplina freudiana no Brasil, ainda no início da década de 1920, construindo sua carreira no Rio de Janeiro ¹⁷. Iniciou seus estudos de medicina na Bahia e tornou-se, em 1929, catedrático de Medicina Legal na Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu a Clínica Neuropsiquiátrica do Hospital da Marinha na capital fluminense, estando, desde então, familiarizado com as novidades lançadas pela psicanálise. Estudioso da língua alemã, Porto-Carrero conhecia e divulgava as ideias freudianas. Julio Pires Porto-Carrero dedicou-se vigorosamente ao estudo de Freud, criando, em 1926, no Rio de Janeiro, a Clínica de Psicanálise da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Ao mesmo tempo em que prescrevia a aplicação da teoria freudiana aos mais variados espectros da vida cotidiana - “na vida diária, pedagogia, até mesmo comércio, (...) inquéritos judiciários, sistemas penitenciários” (Porto-Carrero, 1929a:159), Porto-Carrero defendia vigorosamente a eugenia¹⁸ e higiene mental como bandeiras a serem travadas em prol de uma regeneração da raça e do povo brasileiro. De tal forma, o psiquiatra empenha um movimento de conferir à psicanálise um valor enquanto método de investigação, instrumento nosográfico que poderia auxiliar na restauração, estabelecimento e manutenção da ordem moral e social.

Os seus textos que tratam da psicanálise estão reunidos em cinco volumes e contemplam várias de suas conferências e alguns excertos de suas aulas (Mokrejs, 1989). Podemos observar nos textos de Porto-Carrero uma atenção aos conceitos básicos da teoria freudiana, além da preocupação em relacionar esses conceitos aos mais diversos temas e campos do conhecimento. Elizabete Mokrejs observa em Porto-Carrero um difuso pensamento cientista: “Ao mesmo tempo que assinala a importância dos fatores psíquicos na teoria de Freud, é capaz de sugerir que a felicidade do homem está adstrita às leis do mecanismo do relacionamento heterossexual” (Mokrejs, 1989:6).

Em 1927, Durval Marcondes, discípulo de Franco da Rocha, um dos mais importantes psiquiatras da época, funda a Sociedade Brasileira de Psicanálise (SBP) em São Paulo. A SBP

¹⁷ Em 1925, durante uma comunicação à Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, Porto-Carrero afirmou ser um “convicto” da ciência de Freud. Anos depois, em 1928, durante apresentação oral em sala de aula, definiu-se como “um fanático da psicanálise” (Sagawa, 2004).

¹⁸ O termo eugenia, criado pelo fisiologista inglês Galton, refere-se ao “estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física quanto mentalmente” (Pequignot apud Costa, 1989:81).

nasce a partir do esforço da elite intelectual paulista - médicos, escritores e membros do movimento pedagógico local. Todavia, essa primeira sociedade não se organizava propriamente em torno da formação dos analistas, nem exercia o controle ou monopólio, por assim dizer, da transmissão da disciplina, bem como não se preocupava em outorgar o título de analista para o corpo profissional que ali se especializava. Nesse momento, interessava mais ao jovem Marcondes e ao seu mestre Franco da Rocha “fazer uma mais intensa propaganda dos princípios psycho-analyticos nas suas múltiplas applicações, devendo-se procurar interessar sobretudo a classe dos professores” (Rocha *apud* Oliveira, 2002:142), indicando-nos já aqui a preocupação desses médicos pioneiros em relacionar a psicanálise às mais variadas disciplinas. O que sabemos é que nesse início não havia ainda uma preocupação formal em protocolar a psicanálise, mas um intenso entrecruzamento das ideias freudianas com as mais variadas disciplinas e campos de saber, como a medicina-legal, a psiquiatria, a pedagogia, o higienismo, a antropologia, e as artes em geral.

No entanto, a instituição não vigora por muito tempo: Durval Marcondes não dispõe de boa entrada no universo acadêmico e psiquiatra paulista, ficando seu campo de atuação restrito ao Serviço de Higiene e Educação Sanitária e à Liga Paulista de Higiene Mental (LPHM). Franco da Rocha, presidente da sociedade, encontra-se aposentando, vivendo no litoral. O objetivo dessa primeira sociedade era o de promover reuniões científicas, congregar interessados na psicanálise, oferecer cursos, palestras e divulgar a teoria. Formada, inicialmente, por vinte e quatro membros, dentre os quais destacamos personalidades das letras como os modernistas Menotti Del Picchia e Cândido Mota Filho. A primeira edição da *Revista Brasileira de Psicanálise* publicada pela SBP teve um exemplar enviado a Freud, que relatou sobre o interesse em estudar a língua portuguesa após o contato com o periódico (Lobo, 1994).

Em 1929, apesar de ter sido reconhecida pela *International Psychoanalytic Association* (IPA), como “Study Group”, etapa imprescindível para o processo de reconhecimento das sociedades de psicanálise por essa Associação, os membros brasileiros não se interessaram pela adequação ao *standard* psicanalítico. O grupo foi fechado por Durval Marcondes em 1930. Apesar dos seus esforços do dedicado médico em inserir a psicanálise na Faculdade de Medicina, sua derrota definitiva consolidou-se em 1936, quando o médico Antônio Carlos Pacheco e Silva substituiu interinamente o professor Franco da Rocha. A posição do novo professor era radicalmente contrária à psicanálise. O sonho de montar um Instituto de Psicanálise na Faculdade de Medicina foi frustrado (Marcondes, 1936). Ademais, o engajamento formal das personalidades que se filiaram à SBP não conferiu à mesma nenhuma

vantagem, uma vez que foram continuamente retirando seu apoio e abandonando a sociedade. Entretanto, apesar do período curto de existência, a SBP registrou um saldo considerável: aproximou o debate sobre a psicanálise com o grupo carioca, publicou o número isolado da *Revista Brasileira de Psicanálise* em 1928 e realizou algumas atividades com o apoio da Associação Brasileira de Educação (ABE) ¹⁹.

Em 1932, a Revolução Constitucionalista de São Paulo²⁰ impediu a chegada daquele que seria o primeiro psicanalista didata a ser “importado” pelo país. René Spitz ficou aguardando a resposta dos médicos paulistas, dentre eles, Marcondes, com a aprovação de sua vinda. No entanto, no período da Revolução, estava terminantemente proibida a circulação de toda e qualquer correspondência em São Paulo. Tomando a inexistência da resposta como falta de interesse, Spitz imigrou para os Estados Unidos. Dois anos mais tarde, Abraham Brill, então presidente da IPA, auxiliou a circulação de psicanalistas judeus, que estavam sendo perseguidos na Alemanha nazista, para países latino-americanos interessados em receber esses profissionais. Durval Marcondes endereçou a vários figurões do poder político da época pedidos de intervenção nesse sentido²¹. No entanto, a decisão ficou a cargo do médico Antonio Carlos Pacheco e Silva, aquele substituto de Franco da Rocha na cadeira da Faculdade de Medicina. Publicamente contrário à psicanálise, o médico não levou a questão adiante.

Ernest Jones, que ocupava a presidência da IPA no ano de 1936, tomou conhecimento da situação da Dra. Adelheid Koch, psicanalista judia que precisava emigrar da Europa. Atento aos pedidos de Durval Marcondes, mediu a vinda da psicanalista alemã para o Brasil, que se tornou a responsável pela instalação do primeiro consultório particular de psicanálise

¹⁹ Jane Russo aborda a íntima relação entre a ABE e a psicanálise nas décadas de vinte e trinta. Em 1928, foi ofertado o Curso de Psicanálise Aplicada à Educação, ministrado pelo Prof. Deodato de Moraes, professor de Pedagogia e Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo, inspetor escolar do Distrito Federal e membro do conselho diretor da Associação Brasileira de Educação, e por Porto-Carrero. O programa do referido curso consistia em uma ampla exposição da teoria freudiana, não se dedicando a uma aplicação sistemática das ideias freudianas à educação da criança, sinalizando que o objetivo do empreendimento referia-se à divulgação dos conhecimentos produzidos por Freud, ainda que não esclarecesse como tais ensinamentos poderiam servir a uma prática educacional efetiva.

²⁰ Marco da história republicana brasileira, a Revolução Constitucionalista de 1932 resultou da expressão da insatisfação dos paulistas com a Revolução de 1930, sendo um movimento armado com objetivo de persuadir o Governo Provisório de Getúlio Vargas a acabar com o caráter discricionário do regime que comandava o país, através ainda da promulgação de uma nova Constituição Federal (Moreira, s/data).

²¹ Referimo-nos aos nomes de Júlio de Mesquita Filho, então proprietário do jornal *O Estado de São Paulo* e Armando de Salles Oliveira, interventor e governador do estado de São Paulo (Salim, 2010).

na América Latina. Alguns anos depois, o próprio Durval Marcondes tornou-se analisando da Dra. Koch.

A psicanalista didata empenhou-se na institucionalização da psicanálise no país. A partir de seus esforços, em 1950 foram contratados dois psicanalistas europeus: um deles tendo permanecido em São Paulo por alguns meses, mas retornando ao seu país logo depois; e o outro, que teria se formado na Sociedade de Psicanálise de Viena, e se adaptado aos trópicos, tornando-se o segundo analista didata em São Paulo.

O reconhecimento definitivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo como primeira filial da IPA no Brasil veio em 1951 durante o Congresso Internacional da Associação, realizado em Amsterdam, Holanda.

2.1 A moral sexual civilizada: educação, moralidade e sexualidade nos trópicos

Em 1908, Jung organizou o I Congresso de Psicanálise, contando com apenas 44 participantes, mas que Ernst Jones (1979) adjetivou como um “acontecimento histórico”, apontando para uma ampliação da psicanálise pelo mundo e para sua abertura aos interlocutores internacionais para além do restrito grupo das quartas-feiras²².

No mesmo ano, Freud (2006 [1908]) publica seu artigo *Moral sexual civilizada* na revista *Sexual-Probleme*, em que discorre sobre os textos de alguns autores que sustentam a tese da estreita relação entre a vida civilizada moderna e a alta incidência das doenças ditas nervosas. Freud tece sua crítica a respeito, afirmando que essas análises desconsiderariam o fator etiológico primordial: a repressão maléfica exercida pela moral sexual civilizada moderna sobre a vida sexual dos sujeitos. Desse modo, principalmente tratando-se das psiconeuroses, nos diz Freud, o fator sexual seria o fundamental de causação das neuroses propriamente ditas.

É importante destacar neste ponto que a questão da sexualidade, principalmente no ponto em que ela se relaciona com os aspectos da modernidade, ressoa fortemente nos trabalhos dos médicos brasileiros.

Em 1914, ano em que Freud introduz formalmente o conceito de narcisismo, examinando o lugar por ele ocupado no desenvolvimento sexual do sujeito, implicando efetivamente numa primeira reformulação da teoria pulsional, é publicada a tese de medicina

²² O grupo das quartas-feiras refere-se a sessões de discussão semanais que reuniam, a partir de 1902, no apartamento da família Freud, um contingente pequeno de interessados pela psicanálise que davam seus primeiros passos na apreensão da teoria psicanalítica (Gay, 2012).

de Genserico Aragão de Souza Pinto, cujo foco da pesquisa passava pela compreensão das neuroses e perversões em sua relação com a teoria das pulsões. A psicanálise, nessa ótica, acaba recebendo uma coloração de “medicina da sexualidade”: o dinamismo psíquico, bem como alguns conceitos fundamentais à psicanálise não eram, no entanto, conhecidos por Souza Pinto e seus pares (Theiss-Abendroth, 2013).

Henrique Roxo, renomado psiquiatra fluminense, faz várias menções à psicanálise e às noções de sexualidade e inconsciente em sua obra. Em seu *Manual de Psiquiatria* (Roxo, 1921), publicado em 1921, o autor situa as ideias freudianas em um lugar de destaque na evolução do saber psiquiátrico, relacionando a sexualidade à demência precoce, enfatizando a predominância da questão sexual na maioria desses casos. No entanto, seu trabalho relativiza a causalidade única da sexualidade para etiologia da histeria:

Sem que se possa aceitar o exagero de Freud que diz ser impossível haver uma neurose com uma vida sexual normal, o caso é que frequentemente, em psiquiatria, nos refolhos da consciência do doente se aninha uma ideia de natureza sexual. Um homem é sempre um escravo eterno da matéria e poder-se-á notar bem quanto na vida social influi a vida sexual (Roxo, 1919:s/p.)

Freud defende a importância de se pensar em reformas da cultura a fim de minimizar o mal-estar desse sujeito inserido no corpo social, mal-estar esse advindo dos excessos e repressões da própria cultura. Tal reforma almejaria atingir de forma mais eficiente os objetivos pretendidos pela cultura.

Relembrando que a civilização repousaria sobre a renúncia à vida pulsional (2006 [1905]); (2010 [1930]), Freud nos lança para a questão da pulsão e dos desvios de seu objeto sexual original, destinando-se a uma atividade cultural: entramos aí no campo da sublimação.

Em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (2006 [1905]), Freud comenta que a sexualidade não estaria ligada a um objeto específico para satisfação, assim como não seria orientada particularmente para fins de reprodução. O prazer autoerótico poderia ser evocado pela estimulação das zonas erógenas do corpo: será o processo educativo o responsável pela organização das pulsões parciais em torno da primazia da sexualidade genital, alcançando assim o seu desenvolvimento pleno, do amor objetual genital.

Causa e efeito do advento da modernidade, Freud questiona o impacto da cultura sobre a sexualidade. Ele apresenta três tipos de civilização ou cultura: a primeira seria aquela que permitiria a livre manifestação sexual, a segunda, a que reprimiria somente as pulsões que não se dedicassem à reprodução e, por fim, a terceira, que só permitiria a moral sexual civilizada, orientada para a reprodução legítima, dentro do matrimônio monogâmico.

Freud vai reconhecer que os impactos causados por essa cultura que aceita restritivamente a sexualidade na orientação reprodutiva constituem a série de sofrimento vivenciado pelos sujeitos na civilização. As possibilidades para a doença, e também para a sublimação, estão colocadas. Ele ainda nos lembra que a abstinência sexual, sugerida pela moralização da cultura, acabaria por frustrar os objetivos da mesma, impondo, conseqüentemente, um árduo sacrifício. Nesse sentido, comenta que a tarefa do analista deve passar pela indagação sobre o papel da moral sexual civilizada e o dispêndio de energia a que a mesma submete o indivíduo: “Certamente não é atribuição do médico propor reformas, mas me pareceu que eu poderia defender a necessidade de tais reformas (...), indicando o importante papel que essa moral desempenha no incremento da doença nervosa moderna” (Freud, 2006 [1908]:186).

Fica evidente que, ao situar sua teoria, especificamente seus artigos que tratam da sexualidade (2006 [1908]); (2006 [1905]), no próprio projeto da modernidade, Freud denuncia a repressão exercida pela cultura sobre a sexualidade, operando um deslocamento do moralismo com que a sexualidade era tratada para o campo de um questionamento ético. No conflito entre exigências culturais e premências pulsionais, aparece o sujeito e seu mal-estar. Nesse sentido, as neuroses assumem uma insígnia de denúncia do fracasso da cultura.

No entanto, não podemos afirmar que Freud tenha proposto uma adaptação social. Ao sugerir que com o trabalho psicanalítico tratar-se-ia de “transformar um sentimento histérico em infelicidade comum” (Freud, 2006 [1893-1895]:371), Freud está abrindo a terapia analítica à possibilidade de se oferecer como instrumento capaz de tornar inúmeros sujeitos “aptos para a vida” em direção a uma existência mais produtiva, prazerosa, tolerável (Freud, 2006 [1905 [1904]]). Pontuando que é no campo da sexualidade que tanto a cultura quanto a educação tem causado tais danos, ele vai dizer que talvez fosse possível a “reeducação” daquele sujeito que sofre a fim de uma superação de suas resistências internas (Freud, 2006 [1910b]).

Na quarta de suas *Cinco lições de psicanálise*, Freud (2006 [1910]-a) justifica sua dissertação sobre a vida sexual infantil e sobre o desenvolvimento psicosexual das crianças afirmando tratar-se, na psicanálise, de certo “aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis” (Freud, 2006 [1910]-a:59), leitura que nos indica uma possível aproximação com os pressupostos dos psiquiatras brasileiros apontados anteriormente.

Henrique Roxo (1919), ao discutir o papel central da sexualidade nos casos de doença mental, buscou fundamentos na teoria psicanalítica. Todavia, percebemos nos textos do psiquiatra uma retomada acentuada das preconizações da inteligência nacional no sentido de

promover o higienismo, estipulando que o controle da população acometida por doenças mentais deveria ser feito por meio da educação moral e da promoção de saúde a fim de transformá-la, ou, melhor dizendo, reformá-la.

Nos exames clínicos de seus pacientes, Roxo buscava estigmas físicos e psíquicos para categorizar a degeneração. Essa psiquiatria biológica perseguida por ele deixa entrever a presença marcante de determinações raciais nas doenças mentais. Logo, Roxo percebia, por exemplo, as doenças como efeitos do desenvolvimento cerebral, que se daria diferente em raças diferentes. Seguindo seu raciocínio, o cérebro dos negros seria menos evoluído do que o dos brancos, o que faria daqueles mais propensos a certos desvios e anomalias. Evolutivamente, afirmava o médico, os negros seriam inferiores em sua constituição (Roxo, 1904).

Roxo propunha que a promoção da saúde e da educação poderiam transformar o quadro degradado dos negros, loucos e degenerados de toda sorte que existiam no país, efeitos das características hereditárias e dos fatores sociais – a escravatura, por exemplo. Tal retomada da proposta higienista convocada pela inteligência nacional passa a regular, de certa maneira, o campo das trocas sexuais, estabelecendo as fronteiras, por assim dizer, entre a normalidade e a patologia. A sexualidade, nesse cenário que se orientava pelas leituras de Morel e Krafft-Ebing²³, era definida por sua finalidade de reprodução biológica. Nessa perspectiva, qualquer satisfação sexual cujo objetivo divergisse da conservação da espécie seria considerada como processo perverso, anormal, indicando involução e degeneração. Esses padrões de comportamento poderiam ser herdados e transmitidos aos descendentes.

De tal maneira, controlar a população através da higiene mental – uma vez que a sexualidade não se manifestaria somente no plano sexual, mas também moral, necessariamente deveria passar pela eliminação radical do caráter excessivo e pulsional da raça brasileira a fim de alcançar patamares mais saudáveis.

Henrique Roxo admite nesse momento que, sem as políticas de Estado, dos médicos e dos educadores, ao negro restaria o destino de tornar-se a maior ameaça social para o país, fator primordial de degenerescência do povo brasileiro.

Apesar do paradoxo evidente, Roxo (1904) incluiu uma vertente psicogênica que convocava a psicanálise na construção de sua linha de pesquisa sobre a gênese dos problemas

²³ Psiquiatra alemão, um dos fundadores da sexologia, teorizou sobre a noção de loucura histórica, antes do advento da “esquizofrenia” de Bleuler e da distinção futura evocada por Freud e seus dissidentes – Karl Abraham, mais especificamente – entre histeria no campo da neurose e esquizofrenia no campo da psicose. Sua obra *Psychopatia sexualis* teve alcance mundial e tratava, de forma célebre, das perversões sexuais, influenciando Freud para o estudo das noções de sadismo, masoquismo, fetichismo, dentre outras (Elisabeth Roudinesco & Plon, 1997).

relativos à sexualidade nos distúrbios psíquicos. Nessa perspectiva, a psiquiatria alia-se à psicanálise para formular sua participação no projeto pedagógico moral e higienista. A consequência disso é o emparelhamento da teoria freudiana ao lado de regras e preceitos morais para os exames das mais variadas ordens: desde exames nupciais, do campo da educação infantil e ainda da prevenção contra a criminalidade (Facchinetti, 2006:154).

Em seu artigo sobre a moral sexual civilizada, Freud (2006 [1908]) indica a relação existente entre a repressão sexual e a neurose, propondo, a partir de então, que a sociedade estipulasse práticas educativas menos repressivas e que as crianças pudessem receber esclarecimentos quanto à realidade sexual (Freud, 2006 [1907]). Contudo, anos depois, Freud (2010 [1930]) revê sua posição ao afirmar que tanto a educação sexual quanto o estímulo às práticas educativas menos repressivas não seriam o bastante para evitar a neurose. Haveria algo no campo das neuroses, afirma ele, que seria guiado pelos distúrbios advindos das práticas sociais. No entanto, Freud formula a ideia de uma tendência no próprio indivíduo, ou seja; haveria um desprazer no interior próprio da sexualidade, fator primordial para o advento do mecanismo do recalque.

Inúmeros ensaios de Porto-Carrero (1929a; 1933) tratam os conceitos freudianos a partir de uma leitura pedagógica e educativa. Assim, ele entende que a psicanálise deve ser levada ao campo da educação infantil, uma vez que admite o corolário das fases do desenvolvimento psicosexual infantil sobre a educação das crianças. Diligente com as questões educativas, propunha uma educação moral, servindo-se das leituras que fazia da psicanálise para suas proposições. Partindo da medicina, Porto-Carrero coloriu sua atuação e discurso de um tom pedagógico, imprimindo traços da eugenia por meio, por mais paradoxal que possa nos parecer, de proposições psicanalíticas.

Um protótipo do pensamento de Porto-Carrero pode ser verificado a partir da tomada que o autor faz do conceito de inconsciente. Assentando suas ideias sobre uma educação moral, reconhece essa instância psíquica como a fonte de todos os tabus que, transmitidos milenarmente, seriam responsáveis pela organização da nossa noção de família, de pátria, de organização social, das concepções míticas. No caso do Brasil, especificamente, refere-se às heranças negras e indígenas como responsáveis por transmitir uma série de preconceitos e deformações, “legando-nos herança pesada e fértil de tabus, na mítica lendária e religiosa” (Porto-Carrero, 1929a:101). A questão da miscigenação também pode ser percebida no pensamento de Carrero a partir de seu contato com as ideias freudianas. Para o psiquiatra, o inconsciente “ancestral” do povo brasileiro traria a síntese do psiquismo dos antigos povos que calcaram nosso caldo racial. A partir de então, ele identifica aqueles signos evidentes que

teriam sido herdados pelo brasileiro: tabus, insolência, sadismo, luxúria, cobiça, pecado, todos esses traços que seriam os fatores determinantes do nosso atraso evolutivo político e social. Tratar-se-ia, a seu ver, de um atavismo biológico, social, moral e psíquico. Diante da reconhecida impossibilidade de anulação da miscigenação, sugere que a educação sexual possa atuar para evitar que as crianças sejam acometidas por “perversões sexuais e neuroses” (Porto-Carrero, 1929a). Num elã nacionalista e eugênico, chega a sugerir que os dirigentes e a classe médica se ocupem de formular uma alternativa para a educação dos jovens, preconizando que no futuro a preocupação do Congresso não seria a tomada de casos clínicos individuais, mas a de “declarar a melhora da nossa raça, a nossa superioridade na América e no Mundo” (Porto-Carrero, 1929a:276).

Entre outros temas, o autor ainda aborda a caracterização do ser infantil como aquele marcado por impulsos, sobre os quais a educação exerceria um papel altamente coercitivo, gerando, inclusive, várias neuroses. Sugere ainda que as ações das crianças fossem dirigidas para práticas “úteis à sociedade”, lembrando o conceito de sublimação, o que, a seu ver, poderia garantir o desenvolvimento das capacidades cognitivas e sociais das crianças, bem como auxiliar na produção de cidadãos “prestantes”. Suas palavras elucidam com clareza a possibilidade de apreensão das formulações freudianas a serviço de uma ideia de povo e nação pautados em um discurso da moral e da higiene social: “esse será o brasileiro para a Pátria, o brasileiro útil ao Brasil” (Porto-Carrero, 1930:s/p.).

A psiquiatria local passa a se dedicar ao esforço de formação de homens de “bons hábitos” e, nesse empenho, apropria-se da psicanálise para auxiliar no controle daquilo que seria o “não-racional”, foco dos possíveis distúrbios e anomalias, consequências do “id primitivo”:

Este “eu” primitivo, bárbaro, selvagem, é o “homem-instinto”. A isto deu Freud o nome do vocábulo latino “id”. “Id” é, pois, uma fonte de energia derivada dos instintos. É este “id” que vive em constantes agressões ao “eu”, ao nosso segundo “eu”, o “eu” moral, o “eu” que a educação edificou. Mas este “eu”, ou melhor, “ego”, no curso do seu desenvolvimento, separa-se em uma parte mais profunda para viver em íntimo contato com o “id”. Esta parte toma aí o nome de “superego” (Silva, 1933:130-131).

A temática da eugenia tratada por Porto-Carrero fica mais atenuada em sua proposição de que a educação, e isso deveria ser responsabilidade do Estado, deveria cuidar da seleção intelectual dos indivíduos, de modo a impor-lhes um ajustamento na sociedade, uma vez que “o interesse da espécie vale mais que o interesse individual”.

Paradoxalmente, Porto-Carrero assentou grande parte da sua arguição sobre os temas higienistas nas considerações psicanalíticas. Ele situa, paralelamente às suas ideias, várias citações freudianas para justificar seu pensamento por muitas vezes autoritário, preconizando as intervenções do Estado no controle total das medidas profiláticas, inclusive mentais. É assim que os papéis do pedagogo, educador, do médico e do psicanalista figuram para Porto-Carrero: devem ser submetidos ao controle do Estado, ancorados no objetivo maior da formação do caráter nacional, combatendo os desvios morais e psíquicos, no intuito de se formar um psiquismo “sadio” e útil para constituir a malha da nação. O psiquiatra se empenhou ativamente nas questões eugênicas, tangenciando temas como a esterilização, a adoção pelo Estado da prática do aborto acompanhado, do exame pré-nupcial de modo a garantir a validade sadia da prole, dentre outros (Porto-Carrero, 1929b).

Uma vez incorporado o pressuposto da eugenia como conceito científico, e, portanto, inquestionável, o pensamento psiquiátrico brasileiro se voltava para a elaboração de programas de higiene mental:

Os psiquiatras passaram a pedir a esterilização sexual dos indivíduos doentes, a pregar o desaparecimento da miscigenação racial entre brasileiros, a exigir a proibição de imigração de indivíduos não-brancos, a solicitar a instalação de tribunais de eugenia e de salário-paternidade eugênico etc. (Costa, 1989:59).

Analisando alguns textos de Julio Porto-Carrero, podemos perceber como a psicanálise vai sendo pensada pelos adeptos da eugenia neste período: uma terapêutica que poderia corrigir os vícios, taras e desvios através da associação livre de ideias, da análise onírica, das parapraxias, bem como pela análise direta das crianças, seu gestual e movimentos corporais.

As palavras de Franco da Rocha são esclarecedoras para essa compreensão:

Há na psicanálise um ponto de vista pedagógico de grande alcance. Ela considera como questão capital no determinismo psíquico do indivíduo o desenvolvimento regular e harmônico dos componentes do instinto sexual infantil. É no nosso defeituoso e nocivo hábito de ignorar as exigências da libido, de ocultá-las por completo, que se deve procurar a causa das moléstias e da degeneração da espécie. **A psicanálise tem, por isso, um valor iniludível para a ciência eugênica, que hoje ocupa a atenção da classe médica** (Rocha, 1930:169).

A matriz discursiva da psicanálise no Brasil ganha destaque em sua leitura do campo social. A psicanálise vai sendo deslocada de sua face singular, de clínica e terapêutica para o campo mais amplo da psicologia coletiva, o que levou a possibilidades inusitadas de leitura da identidade nacional em formação (Ponte, 1999).

Na verdade, como nos mostram Roudinesco e Plon (1997), esse grupo seletivo de médicos brasileiros se mostrou menos crítico com relação às ideias freudianas do que os colegas de outros países que, na mesma época, recebiam as novidades de Viena. Nossos médicos, psiquiatras, educadores, higienistas começam a utilizar o discurso psicanalítico, o tema da sexualidade, em especial, tanto num viés moralizante, quanto para construção da identidade do homem brasileiro. Educar e prevenir indicavam a possibilidade de regenerar o brasileiro, considerado improdutivo, indisciplinado, doente (Russo, 1997). A temática da sexualidade, empreendida por Freud, reverbera na reflexão dos intelectuais brasileiros em sua vontade de contribuir para o debate sobre a identidade nacional²⁴. Vale lembrar ainda a importância atribuída à problemática sexual nas campanhas higienistas e pedagógicas características do período, que apontam para um modelo moralizador de disciplina e controle das normas e práticas sociais²⁵.

Acho que, como primeira etapa na solução do problema da educação sexual, seria útil interessar nos estudos psicanalíticos a nossa classe professoral. Foi o que procurei fazer com o curso que há pouco tive ocasião de realizar na Sociedade de Educação. Uma vez senhores das linhas gerais da psicologia freudiana, esses elementos poderiam seleccionar suas leituras, orientando-as para as obras de *psychanalyse* infantil e pedagógica, que hoje são inúmeras. Tal aprendizado teórico seria — é claro — completado com o estudo directo da criança sob o ponto de vista psicanalítico. Só com esse trabalho preliminar de especialização é que se poderiam formar técnicos que orientassem entre nós a organização da educação sexual, missão delicada na qual serão sempre poucos o saber e a prudência (Marcondes *apud* Oliveira, 2002:145).

O relato de Durval Marcondes deixa entrever como o discurso médico psiquiátrico tomava a sexualidade do povo e, concomitantemente, propunha as soluções para os seus problemas: ao mesmo tempo em que se debruçavam sobre a psicanálise no entendimento de suas questões, é evidente que, nessa leitura, Durval e seus pares tenham incorporado suas formulações moralizantes à disciplina freudiana, atribuindo à psicanálise um estatuto

²⁴ É bem revelador, nesse sentido, a menção à Freud tecida por Gilberto Freyre no clássico *Casa-grande & senzala* (Freyre, 2002). Em uma nota explicativa, Freyre indica a necessidade de se referir à teoria freudiana da libido ao relacionar aspectos da gastronomia – nomes populares de pratos e quitutes brasileiros e portugueses – a termos sexuais. Freyre aponta para a “íntima relação entre a libido e os prazeres do paladar” (Freyre, 2002:312), utilizando Freud e o conceito de libido em sua tentativa de pensar a cultura brasileira.

²⁵ É inevitável aqui a lembrança das críticas foucaultianas com relação à psicanálise, quando este autor passa a apontá-la como uma técnica fundamentalmente confessional, sem uma característica transgressiva, operando, enquanto tal, como prática de controle, exercício do poder. Parece-nos se tratar de uma crítica dirigida diretamente à prática analítica – um dispositivo de poder e saber típico das sociedades disciplinares. Em seu primeiro volume da obra *História da sexualidade*, Foucault (2005) toma a psicanálise como uma disciplina herdeira direta da psiquiatria clássica por articular, em sua prática, a confissão ao exame. Desse modo, aquele que estaria no lugar de escutar e interrogar seria o possuidor da verdade e propiciador do alívio da culpa. Os efeitos da confissão, a redução da culpa, o domínio do sexual é deslocado do registro da transgressão moral e do excesso para o regime do normal e do patológico (Foucault, 2005).

pedagógico radicalmente diferente daquele indicado por Freud. A maneira com que esses psiquiatras operavam com o campo da sexualidade acaba por circunscrever a mesma ao campo dos instintos, desacreditando, por assim dizer, a ideia de pulsão proposta por Freud, rebaixando ainda a dignidade do conceito freudiano. Ao enunciar que a sexualidade se apoiaria no eixo definido pela oposição prazer-desprazer, Freud instaura o conceito de pulsão, a um só tempo jogando por terra a ideia da reprodução e da funcionalidade da sexualidade e lançando a mesma no campo do prazer (Freud, 2006 [1905]).

No estágio em que Freud relacionava, simplesmente, doença nervosa e moralidade – e, portanto, a educação-, não haveria dificuldade em propor uma profilaxia das neuroses por meio de um processo educativo e pedagógico. Era esse o Freud lido e deglutido pelos médicos higienistas às quais nos referimos neste estudo. Nesse sentido, bastaria, para coordenar as bases para a educação moral de um povo, recomendar uma redução da severidade imposta pelos educadores aos infantes. Contudo, como citamos anteriormente, uma mudança radical será lançada com a revelação de Freud de que haveria certo desprazer inerente à sexualidade. Isso, que apareceria como o móvel da ação recalcadora do eu acaba levantando um paradoxo importante: como aquilo que aparecia como prazeroso, a própria sexualidade, poderia assumir feições de desprazer? Será esse primeiro conflito psíquico entre ideia incompatível e o próprio eu que delimitará a natureza errática e cambiável das pulsões em seu caminho à satisfação. E é somente por isso que a pulsão sexual se mostrará capaz de enveredar por caminhos socialmente úteis, possibilitando a prática educativa, a sublimação. É por seu caráter maleável advindo da ausência de um objeto e ainda por seu feitio decomponível que a pulsão sexual será passível de se dirigir a outros fins que não propriamente os sexuais.

Tomadas essas considerações, Freud então nos adverte com relação ao processo pedagógico: uma vez que a pulsão é a fonte da sublimação – e com isso da educação, da construção cultural, atacá-la, através de práticas pedagógicas, seria algo radicalmente perigoso.

A tomada que a psiquiatria local realiza da psicanálise no sentido de se apropriar da sublimação como educação dos impulsos prejudiciais a civilização denuncia certo estreitamento e reducionismo do conceito freudiano. O que se propunha, na direção do empreendimento evolutivo nacional, era a prerrogativa de que não se poderia abdicar do progresso civilizatório e, para isso, seria preciso condicionar os impulsos dos homens, substituindo por moções mais favoráveis ao avanço do país: “sublimar ou condicionar derivativos úteis ou inócuos, isto é, educar, aperfeiçoando os instintos” (Ayrosa, 1934:24).

A psicanálise, a nosso ver, caminha numa direção oposta a tais preconizações dos higienistas leitores de Freud no início do século XX. Freud se difere dessa pedagogia quando evita esse “desenraizamento do mal” proposto pelos médicos para “curar as mazelas morais” do povo brasileiro. Para ele, seria antes recomendado canalizar, utilizar essa fonte sublimatória em direção aos valores mais superiores. Não seria, portanto, possível construir cultura sem passar pela sublimação, o que descarta a presunção de eliminar os impulsos do sujeito proposta pelo movimento pedagógico-higienista.

Em sua quinta lição (2006 [1910]-a), Freud se dedica a comentar sobre a resistência à psicanálise. E então nos diz que as duas causas mais comuns para tal passam pela falta de hábito das pessoas a lidarem com o determinismo inflexível da vida anímica e também pelo desconhecimento das particularidades que diferenciam processos inconscientes daqueles que nos são familiares. O efeito desse segundo obstáculo pode ser percebido no temor que as pessoas apresentam de tratar seus doentes, acreditando que trazer à tona aquilo recalcado colocaria em risco as conquistas da civilização, uma vez que deturpariam qualquer moralidade. Diante disso, Freud nos indicará que “a destruição do caráter civilizado pelos impulsos instintivos libertados da repressão é um desfecho temido mas absolutamente impossível” (Freud, 2006 [1910]-a:63), uma vez que a força do desejo se manifestaria com muito mais potência quando inconsciente do que consciente já que na consciência haveria um enfraquecimento desse impulso. Dito de outro modo, o recalcado seria muito mais forte às influências ali no plano do inconsciente, ao passo que no consciente, tudo que se lhe opuser o enfraqueceria. “O tratamento psicanalítico coloca-se assim como o melhor substituto da repressão fracassada, justamente em prol das aspirações mais altas e valiosas da civilização” (Freud, 2006 [1910]-a:63).

Na segunda das *Cinco lições*, Freud vai propor saídas para o intenso desprazer advindo do conflito que se instaura entre as aspirações morais e éticas do sujeito e o desejo inconciliável que toma o sujeito. Uma vez que o resultado desse conflito seja o recalque, sabemos que esse recalcado continua a existir no inconsciente, à espreita da oportunidade para se revelar enquanto um substituto disfarçado e irreconhecível, substituo ao qual, no entanto, relaciona-se o mesmo desprazer que se julgava evitar pelo recalque. O sintoma, essa substituição, teria para Freud traços semelhantes com a ideia inicialmente recalcada. O tratamento psicanalítico seria o trabalho de reconduzir o sintoma pelo trajeto pelo qual se realizou a substituição até a ideia recalcada. Uma vez restituído à consciência o que havia sido recalcado, Freud sugere que uma saída mais feliz pode ser ofertada ao sujeito do que o recalque em si. Ele sugere que o neurótico tem então algumas possibilidades de rematar de

modo satisfatório o conflito e neurose: pode aceitar que recalcou sem motivo e aceitá-lo, pode dirigir seu desejo para um “alvo irrepreensível e mais elevado (o que se chama ‘sublimação’ do desejo)”, ou reconhecer como legítima a repulsa inicial (Freud, 2006 [1910]-a).

Freud prossegue seu argumento e chega ao ponto que nos interessa particularmente nesta discussão ao recomendar que o mais indicado, então, não seria a extirpação total dos desejos infantil. O recalque já teria, por si só, privado o sujeito daquela fonte de energia que lhe teria sido importante para formação do caráter. Outros meios devem ser empregados para tornar inofensivo ao sujeito esses desejos inconscientes assim que liberados pelo tratamento: a substituição do recalque pelo julgamento de condenação é um deles. Outro desfecho possível passaria pela nova utilização mais evoluída e útil desses impulsos inconscientes nesse segundo momento em que o sujeito se encontra mais forte e maduro. Por fim, ele indica a sublimação como a saída mais favorável, uma vez que seu processo não anula a energia dos impulsos infantis, mas substitui seu alvo por outros mais elevados, não mais de ordem sexual. É exatamente a esse reforço das energias sexuais passíveis de sublimação para nossas funções mentais que se devem as conquistas da civilização. No entanto, ele nos adverte para que sejamos cautelosos: por mais que essa sublimação seja favorável e benéfica para os ganhos da sociedade, não podemos “transformar em trabalho todo o calor empregado em nossas máquinas”, ou seja, não podemos desviar toda a energia pulsional de sua finalidade primeira, uma vez que o exagerado cerceamento da sexualidade traria consigo os nefastos efeitos de uma exploração exagerada.

É justamente nesse ponto de amálgama que une psicanálise, pedagogia e eugenismo que a sexualidade se apresenta aos médicos da época como ponto nevrálgico de intervenção: no plano biológico seria preciso pensar em formas de cruzamentos adequados para melhorar a raça; no plano moral, seria preciso educar o povo quanto aos hábitos e comportamentos condizentes aos de uma vida sadia.

As palavras de Porto-Carrero são elucidativas nesse sentido:

[...] o interesse da espécie está acima do interesse da sociedade contemporânea e muito acima do indivíduo que nada mais é do que a célula periodicamente renovável do grande organismo da espécie. Urgiria, pois que o *Estado-providência assumisse o encargo de prover o bom resultado de uniões reprodutoras na espécie humana*, tal como o faz a respeito dos animais de corte. Para esse fim, o meio que mais rapidamente ocorre é o do exame médico pré-nupcial, como forma a assegurar a *perfeita validez da progênie* (Porto-Carrero, 1929a:77, grifos nossos).

E afirma seu ponto de vista de uma pedagogia sexual a partir das bases freudianas:

Dada a profunda influência da sexualidade na formação e operação da psyche infantil, não é justo que a educação se furte ao lado sexual da vida e repila, simplesmente, como immoraes, as manifestações e os conhecimentos sexuais. Urge fazer a educação sexual (Porto-Carrero, 1927b:58-59, grifos nossos).

De tal forma, parece-nos patente a incorporação das contribuições de Freud ao discurso eugênico. A reelaboração a que é submetida a teoria psicanalítica nos permite, além disso, divisar a tentativa desses psiquiatras de sanear povo e sociedade doentes, expurgando, no entanto, qualquer derivação freudiana que não coadunasse com sua coletânea de preceitos e receitas higienistas e moralistas.

A classe médica passa a indicar a psicanálise como disciplina fundamental para se construir uma pedagogia moral do povo. Paralelamente à sua ocupação no hospital psiquiátrico e no seio da LBHM, Porto-Carrero se esforça para situar a relevância da doutrina freudiana ao lado das práticas pedagógicas, combatendo a educação tradicional, católica e repressiva e a educação excessivamente liberal e permissiva, apostando desse modo numa via intermediária.

Num primeiro momento, corremos o risco de tomar algumas formulações propostas pela fileira de médicos que indicamos neste trabalho como desatinos, produções deslocadas, sugerindo uma leitura distorcida das teses freudianas, uma vez que somos orientados pela ideia central de que nenhuma pedagogia é incitada pela psicanálise. Fato é que há certos pontos confusos e talvez obscuros concernentes à questão de Freud ter recomendado ou não essa via mais pedagógica, que passa por certa consideração de uma recomendação moralizante no trabalho com os sujeitos. Tomamos o cuidado, contudo, de não distorcemos a leitura e recepção das ideias de Freud pelos higienistas, evitando acatar suas produções como disparates. Por mais que Freud nos tenha recomendado que a ambição pedagógica seria tão inadequada quanto a terapêutica (Freud, 2010[1912]), é fundamental que retornemos ao seu texto, apontando inclusive suas contradições no que se refere ao modo de tratar a questão pedagógica e educativa. O cuidado tido por Freud ao nos alertar quanto a isso não foi em vão: sob certo aspecto premonitório, ele parecia profetizar os desvios que suas teses poderiam sofrer a partir da circulação entre diferentes espaços. No Brasil, os atores a que atribuímos as primeiras sondagens sobre a psicanálise evidenciam para nós como a disciplina vai sendo inscrita no discurso da modernidade.

Em seu texto tardio *Análise terminável e interminável* (2006 [1937]), Freud nos esclarece sobre a impossibilidade de se evitar a castração. O que elucida para nós a impossibilidade de construção de um método pedagógico a partir do saber psicanalítico sobre

o inconsciente, como propunha a fileira de psiquiatras e pedagogos no início do século XX. Não é possível, seguramente, estabelecer um método educativo de controle do inconsciente.

Por outro lado, para além dessa tomada mais moralizante e eugênica proposta pelos médicos pioneiros na difusão da teoria freudiana pelo país, verificamos também o entusiasmo com relação à psicanálise em alguns nomes do nosso modernismo nas primeiras décadas do século XX. Dentre ainda aquele grupo de médicos interessados no pensamento freudiano, havia aqueles interessados na aplicação da psicanálise no campo da análise literária. Numerosos estudos se davam nesse ramo de conhecimento. Facchinetti (2001) destaca os textos dos médicos Luís Ribeiro do Vale (*Certos Escritores Brasileiros Psico-Patologistas* – 1934), Américo Valério (*Machado de Assis e a Psicanálise* – 1930), Durval Marcondes (*O símbolo estético na literatura* – 1952) e os de Osório César (*Contribuição ao estudo do simbolismo místico dos alienados* – 1927). Apesar da utilização da psicanálise numa perspectiva organicista, alguns psiquiatras já apontavam para o uso da psicanálise para novos fins, rompendo, de certa forma, com uma exclusividade higienista no trato da disciplina freudiana.

No mesmo Brasil acometido pelos entraves da urbanização, desenvolvimento desordenado, das ações higienistas e eugênicas, surgem as figuras inquietantes e provocadoras do movimento mais conhecido como Modernismo Brasileiro, responsáveis pelo nascimento de uma inserção singular da psicanálise no país.

Cuidaremos, na próxima seção, de analisar a apropriação modernista realizada pelos nossos artistas de vanguarda que, a seu próprio modo, deglutiram as ideias freudianas (Facchinetti, 2001), antropofagicamente transformando, renovando e se servindo da psicanálise para construção de seus empreendimentos artísticos e de suas formulações estéticas.

3. A PSICANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO MODERNISTA: A APROPRIAÇÃO DA VANGUARDA ARTÍSTICA

Em sua clássica obra que narra a história da psicanálise na França, a historiadora Elizabeth Roudinesco (1994) discorre sobre a associação da disciplina freudiana à estética vanguardista, que teria se dado desde os anos iniciais do século XX naquele país. Na circunstância francesa, foi pública e notória a aproximação das ideias freudianas aos experimentos estéticos empreendidos pelos surrealistas. Para se ter uma ideia, a primeira publicação freudiana traduzida para o francês se deu em uma revista modernista: *La Révolution Surrealiste*. De todo modo, o pensamento freudiano e o descentramento dele proveniente permitiram romper as amarras nas artes, uma vez que trouxeram novidades fundamentais à linguagem. Freud, ao considerar prioritariamente aquilo que até então não tinha sido valorizado - o inconsciente - transformou radicalmente a apreensão do fazer artístico, da obra e do criador (Perestrello, 1994).

No entanto, sabemos de antemão da reticência freudiana com relação aos modernistas e à arte moderna. Freud, apesar de utilizar obras artísticas em seus textos, chegou a dizer em algumas correspondências que os modernistas não poderiam ser chamados de artistas, uma vez que a arte moderna não merecia a designação de arte (Kon, 1996).

A psicanálise, no entanto, acabou se tornando tributária dos movimentos vanguardistas no que diz respeito à sua difusão em algumas sociedades – o caso brasileiro, como veremos, retrata tal afirmação. Esses movimentos, em nome do rompimento com todos os padrões vigentes e da busca por uma expressão revolucionária que irromperia do inconsciente, se aproximaram das teorias freudianas, possibilitando a divulgação da teoria freudiana. No caso da França, por exemplo, foi o elemento fundamental que permitiu ao pensamento freudiano romper a germanofobia presente, além da grande resistência do meio médico a esse saber (Rivera, 2002).

Os movimentos de vanguarda buscavam, cada um a seu modo, a valorização do “irracional”, do espontâneo e de uma expressão mais livre para a composição. Essa busca é contemporânea à descoberta do inconsciente freudiano e não é de se espantar, assim sendo, que este conceito se torne a fonte temática para a criação artística da época. No entanto, o apelo exagerado utilizado por esses artistas em seus procedimentos plásticos deformava o que Freud postulou sobre a instância do inconsciente. Para ele, o inconsciente não era esse irracional, mas um sistema dotado de leis – de uma racionalidade, portanto – próprias.

No Brasil, a intelectualidade artística que nascia no bojo da modernidade apreendia da obra freudiana, ainda precocemente, a possibilidade de atualização de seus ideais estéticos, fonte de renovação estilística que ia desde a possibilidade inusitada de construção de um vocabulário ampliado – é recorrente o uso de termos como pulsão, libido, inconsciente, subconsciente na obra desses autores, até a possibilidade de oferecer à intelectualidade modernista uma maneira outra de construção de seus personagens, dos conflitos psicológicos e do seu próprio processo de criação literária (Perestrello, 1994).

Essa outra via de incorporação das ideias freudianas no Brasil não se encontra, entretanto, desvinculada da apropriação médico-psiquiátrica cotejada no primeiro momento deste trabalho. Ora, se os nomes de nossa psiquiatria se valeram das proposições freudianas para construção de um entendimento do povo brasileiro – e de sua educação moral, sexual, civilizatória, a classe artística contemporânea a esses nomes tratou também de empreender a sua análise do Brasil e de seu povo, recorrendo, outrossim, aos textos freudianos em seu projeto intelectual. Como nos adverte Oliveira: “De uma maneira geral, os modernistas tentam, a um só tempo, acomodar as teses freudianas à problemática inerente à produção literária deles e à reflexão que fazem sobre a questão da identidade nacional” (Oliveira, 2002:134).

Além da apropriação feita pelos nomes da psiquiatria local, a psicanálise começa a impactar, ainda que timidamente, a produção literária de alguns nomes do nosso modernismo. A partir da leitura de alguns desses textos, pudemos perceber como a história da difusão da teoria freudiana no Brasil se encontra radicalmente associada aos primeiros anos da vanguarda artística no país.

O cenário para o nosso enredo permanece o mesmo: um país que recentemente “superou” a economia escravista e a condição de colônia portuguesa e que, ainda assim, entendia seu contingente de ex-escravos, negros, índios, loucos, pobres e doentes como um entrave crucial para seu desenvolvimento como nação. A solução então forjada pela intelectualidade da época passava pelo aprimoramento da raça e das condições de vida do povo.

Nesse contexto, um espírito de época vai se alinhavando, produzindo um discurso atravessado pela perda das certezas, questionamento dos valores, do saber sobre si próprio, produzindo, como nos conta Facchinetti (2003a), sujeitos em crise de identidade, sem referências. É esse sujeito que entoará o nome da psicanálise na sociedade urbana brasileira nas décadas iniciais do século XX. “Os nossos modernistas se informaram pois rapidamente da arte europeia de vanguarda, aprenderam a psicanálise e plasmaram um tipo ao mesmo

tempo local e universal de expressão, reencontrando a influência europeia por um mergulho no detalhe brasileiro” (Candido, 2000:128-129).

Ao se referir à dialética entre o cosmopolitismo (universal) e localismo (da ordem do singular), Candido nos mostra como o modernismo brasileiro se configurou como um momento privilegiado do pensamento no Brasil em que foi possível realizar uma síntese significativa entre esses dois polos. Uma das importâncias do movimento foi essa sua capacidade de renovação do pêndulo oscilante entre os desígnios europeus e a busca pela identidade nacional. O objeto de interpretação da inteligência nacional não se situava mais exclusivamente na figura europeia, mas também no índio, no negro e em suas misturas. É nesse “caldo cultural” que a obra freudiana é introduzida no país, como um discurso que apontava para a precariedade do estatuto da consciência e da verdade, permitindo aos intelectuais considerar novas formas de civilidade e socialização, indo além da forma de civilização única e homogênea que vinha sendo imaginada até então²⁶.

Na pesquisa lírica, por exemplo, em lugar do idealismo vagamente esotérico e decadente veremos um apelo às camadas profundas do inconsciente coletivo e pessoal. O nosso Modernismo importa essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de **recalques históricos**, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária. Este sentimento de triunfo (...) define a originalidade própria do Modernismo na dialética do geral e do particular (Candido, 2000:110).

Esse grupo de jovens artistas e intelectuais que vai se formando no país exprimia um enorme desejo de renovação cultural, política e social, fortemente engajado pela busca da identidade nacional. Luciano Martins (1987) nos revela que essa procura passava especialmente pela contestação dos cânones estéticos consagrados na vida cultural, estendendo-se, ainda assim, para as áreas diversas como a biologia, física, química, enfim, às experimentações científicas das mais variadas ordens. A psicanálise, pelo que podemos apreender, teria se configurado como mais um saber disponível a todo esse experimentalismo.

Toda a renovação estética empreendida por esses artistas, a busca das figuras do povo, do popular, do coloquial, a nossa matriz africana, essa reconfiguração dos temas da arte foi acompanhada pela renovação da forma artística: o humor, o sarcasmo, a ironia e o discurso jocoso, esse elementos tipicamente nacionais são empenhados pela *intelligentsia* nacional em sua tentativa de “descobrimto” do Brasil e de seu povo.

²⁶ Facchinetti e Ponte (2003) citam ainda os nomes de Friedrich Nietzsche e Karl Marx como os outros dois teóricos que, com Freud, formavam a tríade de intelectuais que influenciaram fortemente o pensamento político, social e cultural dos modernistas brasileiros.

Animados pelo espírito moderno que circulava o mundo ocidental, esses artistas, de forma libertária e destrutivo-constructiva²⁷, foram tecendo um amplo movimento cultural-estético-ideológico de forte repercussão no cenário das artes e na sociedade brasileira nas primeiras duas décadas do século XX e que se estendeu ao longo da primeira metade do século. A nova perspectiva aberta por esses nomes da inteligência nacional acabou alavancando uma série de questionamentos a respeito da consciência e da unificação nacional. A partir desse movimento, passarão, com o auxílio dos ensinamentos freudianos, a “denunciar todos os recalques da nação” (Facchinetti, 2001). A história do país começa a ser considerada a partir de sua possibilidade de revisitar o passado num exercício contínuo de ampliação do debate em torno das tradições culturais, a fim de perceber as discussões que serviram como fonte para as interpretações sobre o país.

Diante da incerteza sobre o que seria o nosso povo, sua constituição étnica mestiça, um povo que não seria solidamente formado²⁸, os modernistas passam, a partir da influência da psicanálise, a repudiar o positivismo, o mundo natural dado de antemão²⁹. Os conceitos freudianos como inconsciente, pulsão, divisão subjetiva passam a compor um novo discurso e os modernistas se valerão do mesmo em sua análise ética e estética do mundo.

Com Freud, apesar de reconhecerem os avanços técnicos que facilitam a vida do homem moderno, tomaram consciência do ônus das exigências civilizatórias ocidentais na vida libidinal e no campo das subjetividades singulares, ao mesmo tempo em que denunciaram a fragilidade dos códigos fundamentados na ciência e na razão (Facchinetti, 2003a, p.120).

²⁷ Interessante acompanhar as visões de Silvano Santiago e Mário de Andrade sobre o caráter criador ou não do movimento modernista. Para conferir maiores detalhes sobre esse debate, é bastante enriquecedora a leitura do artigo de Santiago (2009).

²⁸ “*O Brasil é a realização derradeira e penosa dessas gentes tupis, chegadas à costa atlântica um ou dois séculos antes dos portugueses, e que, desfeitas e transfiguradas, vieram dar no que somos: uns latinos tardios de além-mar, amorenados na fusão com brancos e com pretos, deculturados das tradições de suas matrizes ancestrais, mas carregando sobrevivências delas que ajudam a nos contrastar tanto com os lusitanos. (...) A assunção de sua própria identidade pelos brasileiros, como de resto por qualquer outro povo, é um processo diversificado, longo, dramático. (...) Seria ele o protobrasileiro, construído como um negativo feito de sua ausência de etnicidade? Buscando uma identidade grupal reconhecível para deixar de ser ninguém, ele se viu forçado a gerar sua própria identificação*” (Ribeiro, 1995:130-131). Para explicar a mistura de raças do povo brasileiro, Darcy Ribeiro nos mostra que ela foi sustentada por quatro pilares: as matrizes étnicas que compuseram o nosso povo (portuguesa, negra e indígena), as proporções que essa mistura tomou em nosso país, as condições ambientais em que ela ocorreu e os objetivos de vida e produção assumidos por cada uma dessas matrizes.

²⁹ A afirmação de que a intelectualidade brasileira teria se apoiado nas teses freudianas no embasamento de suas críticas ao naturalismo científico e ao positivismo não desconsidera as questões que essa colocação pode suscitar. No entanto, ainda que Freud tenha projetado a psicanálise no campo científico, não é nosso objetivo, neste trabalho, analisar os pormenores de uma epistemologia freudiana. Tal discussão pode ser contemplada nos trabalhos de Paul-Laurent Assoun (1983) e Paul Ricoeur (1977).

Percorrendo trechos da vasta obra do poeta, romancista, ensaísta, musicólogo, historiador, folclorista, fotógrafo e crítico de arte Mário de Andrade, podemos entrever como teria se dado a influência do discurso psicanalítico na revolução cultural, ideológica e artística proposta por nossos artistas modernistas. Mário de Andrade, legítimo representante do movimento modernista brasileiro, um dos fundadores e figura central do movimento, nos legou um material primoroso para o estudo e interpretação do Brasil. A partir de sua obra, podemos ver como o autor de *Macunaíma* organizou, de forma cuidadosa, sua epistolografia, cadernos de estudo e de anotações, documentos oficiais, fotografias que fez em suas viagens de expedição ao interior do país. Esse rico material, disponível para pesquisa no Instituto de Estudos Brasileiros³⁰ – na USP, nos auxilia a compreender como Mário de Andrade e seus pares se serviram das ideias freudianas em suas formulações sobre o movimento vanguardista que propunham, bem como para arremate de suas obras e formulação da noção de um país e de seu povo.

Os nossos modernistas se empenharam de maneira efetiva no estudo do Brasil. O crítico literário Silviano Santiago (2009) eleva esses artistas à categoria de grandes intérpretes do país, nossos pioneiros nas ciências sociais. Utilizando, cada um a seu modo, de um método particular de estudo e investigação, os modernistas brasileiros teriam vasculhado a língua do povo, a cultura, o regional, o coloquial, a música, o folclore, os costumes, o modo de ser brasileiro.

Manifestando-se especialmente pela arte o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional. A transformação social do mundo com a quebra gradativa dos grandes impérios, a prática européia de novas ideologias políticas, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais, bem como o desenvolvimento da consciência americana e nacional, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da inteligência brasileira. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal (Andrade, 1972, p. 230).

A partir de contato mais dedicado com a obra de Mário de Andrade, notamos que o interesse do escritor, e de alguns de seus contemporâneos, não se situa, de forma geral, na beleza histórica ou na estilística onírica, como foi feito pelos vanguardistas franceses. No caso brasileiro especificamente, o campos das artes, tomado numa perspectiva sociológica, não se encontrava nesse período funcionando de maneira autônoma, ao contrário do que se dava no

³⁰ O Instituto de Estudos Brasileiros – IEB- foi criado pelo historiador Sergio Buarque de Holanda em 1962, sendo um órgão de integração da Universidade de São Paulo.

campo da arte na França (Bourdieu, 1996). Ou seja, os critérios estabelecidos autonomamente pela arte, quer dizer, da “arte pela arte”, não se davam aqui naquele momento, mas, ao contrário, o que se apresentava era uma busca por fundamentos “extra-artísticos” para o próprio fazer da produção artística. No caso desses modernistas, passava pela ideia de nação, de povo, de país. O material *sequestrado*³¹ da história do Brasil e de seu povo, isso que teria sido deslocado, recalçado de nosso discurso e história, passa a ser objeto passível de leitura. A psicanálise é elevada ao campo social, lida e *deglutida* por nossos artistas modernistas que visavam à construção da noção de identidade nacional.

Os modernistas valeram-se prioritariamente das noções e conceitos freudianos que pudessem ajudá-los na compreensão do que seriam os *sequestros* brasileiros: o canibalismo, o recalque, o primitivo, o inconsciente. Cada um desses temas percorridos deixa entrever alguns dos vários elementos que teriam sido apagados, retirados da história da nação, sendo, no entanto, tão necessários à constituição identitária do povo brasileiro.

Diferentemente dos surrealistas franceses, que em sua predileção pela figura da histérica e pela fileira mais plástica e estética, por assim dizer, da psicanálise freudiana, os modernistas brasileiros recorreram à Freud para ilustrar as características psíquicas de seus personagens, escancarar a decadência da sociedade patriarcal, valorizando desmesuradamente uma espécie de ode ao matriarcado.

Não podemos ignorar ainda o papel que a arte primitiva e o folclore exerceram na definição das estéticas modernas nos países europeus que se atentavam para a supressão que o academismo impunha com relação aos elementos arcaicos e populares. É inegável o lugar de destaque concedido à arte primitiva na estética surrealista³². Nesse sentido, é curiosa a relação de nomes como Picasso, Brancusi, Max Jacob e Tristan Tzara com uma iconografia estética que, na verdade, se assemelhava, ou melhor, era mais coerente com a nossa herança cultural - da vida cotidiana ou de um passado recente - do que com a própria tradição europeia.

³¹ O termo sequestro é uma tradução feita pelo poeta e escritor Mário de Andrade para o termo francês *refoulement* que, por sua vez, é a tradução do termo original freudiano *Verdrängung*. Encontramos na obra de Mário de Andrade momentos em que a palavra sequestro aparece como sinônimo de recalque, no sentido psicanalítico do termo. No entanto, em outros momentos, o termo é usado em sentido mais amplo para indicar algum mecanismo inconsciente, ou seja, um deslocamento, uma condensação, a sublimação, dentre outros. Uma análise mais aprofundada do termo está contemplada no quarto capítulo desta pesquisa.

³² É interessante lembrar que os surrealistas se simpatizavam com o anticolonialismo: as populações colonizadas de ultramar se apresentavam aos mesmos como aliados na revolução de mentalidade que propunham aqueles artistas (Lagrou, 2008).

O hábito em que estávamos do fetichismo negro, dos calungas, dos ex-votos, da poesia folclórica, nos predispunha a aceitar e assimilar processos artísticos que na Europa representava ruptura profunda com o meio social e as tradições espirituais (Candido, 2000:111).

A valorização do primitivo aparece de forma recorrente na obra de uma geração de modernistas, exemplificando certa ida ao texto freudiano para construção de algo que pudesse abarcar a constituição originária do povo brasileiro. Esses artistas tomavam a história dessa gente como sendo ancorada em um ponto mais profundo e inconsciente de nossa sociedade (Maggie, 2005). Melhor dizendo, forjava-se uma analogia entre as infâncias do sujeito e da pré-história do Brasil. Ambas as fases portariam as fontes primordiais de conhecimento de suas histórias, e precisariam ser acessadas e descobertas para que se constituísse um sujeito e um brasileiro apropriado de si próprio e de sua trama (Facchinetti, 2003a).

Macunaíma é a obra clássica que nos serve como paradigma para compreender a aliança travada por Mário de Andrade entre o freudismo e a proposição do primitivismo. *Macunaíma* constitui, de certa forma, uma busca pelo sintoma da cultura nacional, pela expressão do psiquismo brasileiro. Sobre o clássico, o próprio Mário nos conta:

O que me interessou por *Macunaíma* foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional dos brasileiros. Ora depois de pelejar muito verifiquei uma coisa que me parece certa: o brasileiro não tem caráter. (...). E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez, entendo a *entidade psíquica* permanente, se manifestando por tudo, nos costumes, na ação exterior, no sentimento, na língua, na História, na andadura, tanto no bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os iorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns têm caráter. Brasileiro não. (...) *Macunaíma* é um herói surpreendentemente sem caráter (Andrade, 2001:169, grifos nossos).

Dessa forma, numa tentativa de esquematizar a *entidade psíquica* do brasileiro, Mário de Andrade imortaliza esse personagem indigente, que, arranjando-se com aquilo que vai encontrando pelo caminho, é definido então como o sem caráter. *Macunaíma* é o ponto alto do pensamento de Mário em sua tentativa de pensar o povo brasileiro em toda sua pluralidade e indeterminação. Em sua compilação de lendas indígenas, ditados populares, estereótipos da sátira popular, obscenidades, Mário de Andrade ousou em demonstrar “como a cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisava adquirir estado de literatura” (Candido, 2000:111).

Vanessa Riaviz (2004) nos lembra de que foi justamente ao estudar o folclore e a tecer toda essa construção que desemboca em *Macunaíma*, que Mário acaba criando o termo *sequestro* a partir do *recalque* freudiano numa tentativa, segundo a autora, de abrigar os

termos recalçamento e sublimação, criando essa tradução própria que acaba recobrando a extensão de tais conceitos.

O contato com a teoria freudiana teria orientado Mário de Andrade e seus pares a tecer uma série de críticas com relação às mazelas modernas que acometiam o país. A partir da leitura de textos³³ freudianos, esses artistas passam a entender a memória brasileira e a construção sobre a nacionalidade como efeitos de um recalque primordial, que teria excluído, *sequestrado* o primitivo, o homem brasileiro como símbolo de afeto, sexualidade, desejo.

A partir ainda da leitura freudiana, o campo cultural passa a ser pensado a partir da positivação do que havia sido subjugado durante séculos. E é assim que pensamos a expressão de Antonio Candido (2000) quando este evoca o *desrecalque localista*: aquilo que até então fora denominado como valor de menos, incompetente, seja por questões raciais, por estar fora dos centros ou pela pobreza, aquilo que até então era periferia, arcaico, popular, ganha um sentido positivo na reelaboração modernista da psicanálise freudiana. A sexualidade, sensualidade e sua representação, a alegria, o excesso, o pulsional: tudo isso que é herança negra, ameríndia é assumido como elemento de um povo brasileiro, tornando-se símbolo de brasilidade, retirando a mordaca subjetiva que silenciou o país por anos.

No entanto, devemos ainda assim nos atentar para o fato de que esses artistas leram Freud e a psicanálise a seu modo. A leitura modernista se apropriou dos conceitos freudianos para construção de suas hipóteses e ideias sem, todavia, se importar com a aplicação indicada dos termos ou tal como recomendada por Sigmund Freud, o que nos remete à maneira particular de apropriação das ideias freudianas forjada pelos surrealistas franceses e também à incorporação *ao próprio gosto* empreendida pelos médicos psiquiatras brasileiros.

³³ No IEB-USP, podemos conferir sete exemplares da obra de Freud que pertenciam a Mário de Andrade e compõem o acervo da Biblioteca Mario de Andrade. São eles: *Introduction à la psychanalyse* (1922), *La Psychopathologie de la Vie Quotidienne* (1922); *Totem et Tabou* (1923), *Trois Essais sur La Théorie de la Sexualité* (1923), *Cinq Leçons sur la Psychanalyse* (1924), *Essais de Psychanalyse* (1927), *Le Mot d'Esprit et ses Rapports avec l'Inconscient* (1930).

3.1 Mário de Andrade, para além de Freud: um tupi tangendo a psicanálise

O livro é uma mistura incrível. Tem tudo lá dentro. Crítica, teoria, psicologia e até romance: sou eu. E eu pesquisador.

Mário de Andrade em carta à Bandeira

Mário Raul de Moraes Andrade teorizou a Literatura e as artes em função e a favor da cultura brasileira. Por responder às ânsias mais contemporâneas, semelhantes àquelas ao período em que foram criadas, as ideias modernistas são constantemente revisitadas, frutificadas e assimiladas no Brasil atual. Pensar a psicanálise, a sua história e as vicissitudes do discurso psicanalítico no Brasil através da trajetória literária de Mário de Andrade nos parece ser uma forma privilegiada de leitura desse campo. Seguindo a recomendação de Cavalcanti Proença, lembrada por Telê Ancona Porto Lopez (1972), de que para um bom entendimento da obra de Mário de Andrade faz-se necessário um árduo trabalho de pesquisa, buscamos percorrer esse caminho movidos pelo desejo de conhecer e interpretar a obra do autor em sua interface com a psicanálise com o mínimo possível de antecipação e projeções.

O compromisso característico de Mário de Andrade de que a literatura deveria estar à serviço da humanidade, levou o mesmo a autenticar a nacionalidade como etapa imprescindível para se atingir a universalidade³⁴. Foi essa consciência crítica que permitiu ao escritor buscar a literatura e arte popular como elementos básicos para perceber o povo brasileiro. A análise do povo é então trilhada por Mário: o canto popular, seus dizeres, suas quadrinhas, suas manifestações artísticas tornam-se material de pesquisa para o estudioso. Ele recolhe os sonhos, os chistes, o discurso jocoso, as “parapraxias do povo” para consolidar seu escrutínio a respeito da formação da identidade nacional. Como bem aponta Lopez:

A assimilação da literatura popular vai sedimentando a linha do compromisso, levando-o à análise do povo. Torna-se sua ponte de ligação mais nítida com a realidade brasileira, pois recebe da criação popular sua dimensão psicológica e mesmo sociológica (Lopez, 1972:11-12).

Percorrendo a obra de Mário de Andrade, é evidente o papel do Folclore e da Antropologia na formação de seu pensamento como fontes de formalizações sobre a cultura e comportamento do povo brasileiro, devendo, ainda assim, serem aplicadas como disciplinas

³⁴ A dialética entre o cosmopolitismo e localismo identificada por Antonio Candido (2000) como característica fundamental do movimento modernista está indicada na sessão anterior.

servindo-se do auxílio da Psicanálise. Desse modo, o artista/teórico aplicará as teorias folclóricas, antropológicas, psicanalíticas no seu entendimento do substrato nacional, fazendo com que sua trajetória estética fosse ainda ética e política.

Pautando-se no direito à pesquisa estética como umas das forças propostas pelo movimento modernista, Mário de Andrade, esse escritor-pesquisador, trabalhou ainda pela atualização da inteligência artística como fruto da cultura e da vida coletiva popular e pela consciência criadora nacional, descoberta em suas expedições e em sua prática enquanto funcionário do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Mário arquitetou arcabouços teóricos para a identidade nacional, originada de uma visão extremamente inovadora sobre o que seria a arte brasileira.

O modernista se interessou profundamente pela pesquisa estética. Adotou uma atitude de supressão do individualismo moderno, que se ocupava de tomar a arte em seu caráter social. De modo geral, Mário propunha que o que fundaria a arte e o fazer criativo seriam recursos vindos do primitivo, do nativo, do folclore, do nacional, do povo. Para ele, a arte nacional não deveria exprimir um caráter arraigadamente político, mas os aspectos culturais de sua gente, os afetos de seus grupos sociais, situando a arte, dessa forma, no bojo da vida social, como reflexo da coletividade de determinados grupos culturais (Candido, 1990).

Em nosso percurso sobre a influência da teoria freudiana no modernismo brasileiro, deparamo-nos com a presença marcante da psicanálise no texto do escritor. Mário, assim como alguns de seus pares, utilizou-se da psicanálise como recurso estilístico de construção de seus personagens. Ao tecer várias de suas críticas literárias, por exemplo, o escritor tentou pensar a psicologia dos personagens, ancorado, muitas vezes no modo de descrição do funcionamento psíquico a partir daquilo que Freud já havia postulado.

A partir de 1920, começa a circular entre os modernistas brasileiros periódicos franceses que traziam novidades a respeito dos movimentos de vanguarda artística e literária circulantes na França, como *L'Esprit Nouveau* e *La nouvelle Revue Française*. Dentre as novidades apresentadas nessas revistas, estariam as ideias freudianas. A contra-capla da edição de abril de 1923 de *La Nouvelle Revue Française* traz uma marcação a lápis feita por Mário de Andrade diante do anúncio do lançamento próximo do primeiro título da coleção *Les Documents bleus*, que seria o texto *Trois essais sur la theorie de la sexualité*, “*l'une des ouvres maîtresses du savant et célèbre psychanalyste*”, que chegaria ao leitor naquele mês.

Rastreado as leituras do autor, podemos indicar ainda a leitura dessa edição francesa de *Trois essais sur la théorie de la sexualité*³⁵, de 1923. Nesse mesmo período, Mário menciona Freud no posfácio de seu texto *A escrava que não era Isaura*: “Ninguém passa incólume pelo vácuo de Schopenhauer, pelo escalpelo de Freud, pela ironia do general Carlito. Ninguém mais ama dois anos seguidos! A capacidade de gozar aumentou todavia” (Andrade, 1980 [1923]:213-214).

A presença da psicanálise nas leituras que formaram o pensamento de Mário de Andrade é inequívoca. Além dos exemplares de psicanálise encontrados em sua biblioteca – vários deles com notas marginais de leitura, suas cartas exprimem a inspiração que o assunto lhe suscitava. Através da epistolografia do fecundo correspondente, podemos identificar a admiração de Mário de Andrade pelo criador da psicanálise, ressaltando, no entanto, a “generalidade sexualista”, como o modernista bem apontou em carta a Alceu Amoroso Lima, datada do ano de 1928.

Creio também que não me expressei bem no artigo sobre a crítica ao ‘Amar, verbo intransitivo’. Porque você afirma no artigo sobre o ‘Clã’ que nas minhas intenções que construíram ‘Amar, verbo intransitivo’ estava também fazer uma *sátira a Freud*. Não é bem isso. Admiro profundamente Freud e tirando a generalização sexualista, mais dos seguidores dele do que dele próprio (*Freud que nem Darwin está sendo vítima dos que não o leram, ou o tresleram, você já reparou?*) é *incontestável que ele deu um passo imenso na psicologia. Ele cientificou o sherlokismo, foi o Sherlock da alma*, e não me lembro bem das datas agora mas seria engraçado a gente fazer um estudo sobre a influência de Conan Doyle sobre Freud [...] *De Freud acho que me utilizei sempre que se trate de psicologia*. O que reconheço é que a influência de Freud foi muito grande nas especulações do ‘Amar’, falei disso mesmo no livro, e caçoei um bocado. Caçoar é mais uma autodefesa do que um abandono de veneração (Fernandes, s/d.:25, grifos nossos).

Vocábulos como resistência, recalque, complexo de Édipo, transferência são amplamente divulgados sob a pena de Mário de Andrade. O pesquisador foi se constituindo do saber psicanalítico em sua obra, em suas correspondências pessoais e chega, inclusive, ao ponto de tecer críticas com relação à teoria freudiana:

Ultimamente, dei pra achar paupérrima a psicanálise. Não acho errada, não, acho paupérrima. Esse mundo imenso do ser humano ficou reduzido a meia dúzia de noções gerais e genéricas que não esclarecem nada, são mesquinhas, tipos das generalizações conformistas e acomodática pequena burguesa (Andrade, 1983:66. Correspondência de 04/07/1942).³⁶

³⁵ O livro foi um presente do amigo Paulo Prado. No texto da dedicatória, datado de outubro de 1923, escreve Prado: “Ensaiei três vezes uma dedicatória. Inutilmente. Dou, portanto, somente os três ensaios”. PRADO, Paulo. Dedicatória no verso da página de rosto de *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (Freud, 1923).

³⁶ Pareceu-nos interessante informar ao leitor que na data dessa sentença de Mário, vinte anos depois dos seus primeiros contatos com a psicanálise, o cenário da institucionalização da psicanálise no Brasil encontrava-se em

Em outra de suas correspondências, datada de dezembro de 1924, Mário de Andrade escreve a Manuel Bandeira, desculpando-se pela omissão de crítica de alguns de seus versos, fazendo, em seguida uma confissão que nos chama a atenção pelos termos utilizados, revelando sua intimidade com a psicanálise freudiana:

E agora deixa eu te confessar mais uma coisa que foi um sentimento *recalcado* (como diz Freud) quando escrevi a crítica mas que me surgiu nítido agora com a tua carta. Eu quando escrevi sobre você tinha uma intenção oculta. Oculta até pra mim, *inconsciente, antes subconsciente*, mas inexpressa em ideia pela inteligência (Moraes, 2001:168, grifos nossos).

Uma das obras de Mário de Andrade que mais dialoga com a psicanálise freudiana é o seu idílio *Amar, verbo intransitivo*, de 1927, texto em que o autor discorre sobre a iniciação sexual de um jovem, revelando grande liberdade textual e certa atemporalidade, onde passado, presente e futuro irrompem em conjunto nas cenas que se desenrolam. A simultaneidade temporal dos planos da narrativa não é a única influência perceptível da psicanálise no texto. A construção dos personagens, o uso de jargões e conceitos freudianos logo se revelam.

Em setembro de 1923, foi publicado no periódico *La Nouvelle Revue Française* a resenha do texto freudiano sobre a sexualidade infantil. Um exemplar do mesmo pode ser encontrado na biblioteca do escritor paulista, repleto de marcação de várias passagens, principalmente daqueles referentes à puberdade ou adolescência e sexualidade. O interesse de Mário por esses temas eclode no jovem Carlos, personagem do idílio.

Todavia, o interesse de Mário pelas ideias freudianas foi recebido com uma série de críticas na imprensa na época de sua publicação. As resenhas de Prudente de Moraes Neto e de Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) suscitaram uma série de comentários e reflexões sobre o livro, especialmente da aproximação do enredo com a psicanálise freudiana.

Em *Romancistas ao Sul*, Tristão de Athayde reconhece o talento de Mário de Andrade como grande prosador, elogia a literatura que mergulha “nos instintos profundos” dos personagens, algo que seria, a seu ver, muito complexo. No entanto, aponta um grave defeito no livro, o que chama de “abuso do infrarealismo”. A presença acentuada da psicanálise na obra é rapidamente denunciada:

consonância com as diretrizes lançadas pela IPA. Tal direcionamento institucional da psicanálise coincidia ainda com a chegada dos psicanalistas europeus no Brasil, que aqui desembarcaram para fazer a “verdadeira psicanálise”. A construção do campo psicanalítico no país através dessa via acabou por afastar a psicanálise de uma dimensão mais estética, o que justifica, de certa forma, o descontentamento de Mário de Andrade com relação ao discurso freudiano (Facchinetti, 2001).

O sr. Mário de Andrade tomou *uma indigestão de Freud*. E encheu o seu idílio do bom e do mau freudismo. Há no final, sobretudo, depois da história oficialmente acabada, algumas páginas intoleráveis de *sub-freudismo* delirante que acredito que o sr. Mário de Andrade não seria capaz de subscrever hoje em dia (Athayde, s.d: s/ p., grifos nossos).

O idílio é também tomado por Prudente de Moraes Neto como um texto singular em que o autor teria logrado ao empreender uma “penetração psicológica” profunda de seus personagens. O crítico faz uma espécie de “defesa” de Mário de Andrade diante acusação de freudismo assentada por Tristão de Athayde, ao caucionar que a influência de Freud na construção do enredo não teria sido mera subserviência do romancista, mas que, estando o assunto do idílio intimamente veiculado ao tema das teorias do professor de Viena, seria inevitável que Mário de Andrade não fosse influenciado pelas mesmas. Todavia, o repúdio à franca presença de leituras psicanalíticas na ficção é patente.

Mário de Andrade toma conhecimento das críticas. Em dezembro de 1927, em sua nota no Diário Nacional, queixa-se por ter sido “transcompreendido”: “o livro está gordo de freudismo, não tem dúvida. E é uma lástima os críticos terem acentuado isso, quando era uma coisa já estigmatizada por mim dentro do próprio livro”(M. d. Andrade, 1944:153). E prossegue: “Esse jogo estético assume então particular importância na página em que ‘inventei’ o crescimento de Carlos, seguindo passo a passo a doutrina freudiana”(M. d. Andrade, 1944:153). Nesse momento, Mário de Andrade se refere à apreensão que faz da seção do texto dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que Freud trata da tema da puberdade. Prosseguindo seu argumento, Mário de Andrade alfineta seus censores, acusando os mesmos de terem feito uma leitura rasa de seu texto, restrita tão somente ao “excesso de freudismo” do seu idílio. De modo sarcástico, propõe normas para que novas críticas literárias sejam feitas, assentadas no esforço de que os escritores se concentrem “na consciência de si mesmo” (M. d. Andrade, 1944).

A edição francesa do texto freudiano *Introduction à la psychanalyse*, volume de 1922, figura-se como uma das leituras psicanalíticas empreendidas por Mário de Andrade. O contato com esta obra resultou em algumas marcações na passagem em que o psicanalista diferencia os conceitos de inconsciente e subconsciente. É nessa obra freudiana ainda que o modernista se depara com o conceito de *refoulement*, no capítulo intitulado *Resistance e Refoulement*, termo que irá aparelhar um projeto especial ao qual se dedicou Mário de Andrade.

A biblioteca pessoal de Mário de Andrade que, como já indicamos anteriormente, está disponibilizada para consulta no Arquivo Mário de Andrade no IEB-USP, permitiu-nos conhecer a leitura feita por Mário de nomes como Charles Badouin, Ribot, George Politzer e,

obviamente, Freud ³⁷. Analisando cuidadosamente os comentários que o modernista dedicou aos textos desses autores, tateamos um pouco melhor o percurso de estudo que Mário fez da nova disciplina. Foi através dessas leituras que pudemos conhecer um pouco do desenvolvimento de uma noção muito preciosa para Mário de Andrade, retirada, como veremos, a partir do seu contato com a psicanálise. O *sequestro*, termo utilizado por Mário em diferentes acepções, é herança direta da sua vereda no campo da psicanálise e é, para nós, o modelo do interesse do autor pelo instrumental psicanalítico. Mário leu Freud em francês. E ousou ao forjar uma nova tradução ao recalçamento freudiano. O termo *Verdrängung*, transposto como *refoulement* na versão francesa, ganhou a tradução *sequestro* sob a pena de Mário de Andrade. Ali, o recalque ganha nova vestimenta, transformando-se em *sequestro*. Neste momento, mais do que rastrear a emergência da psicanálise na obra de Mário, pareceu-nos mais proveitoso eleger uma figura emblemática da captura que o mesmo fez da letra freudiana.

3.1.1 Fotografia freudiana: o turista aprendiz de psicanálise

O conjunto das obras que Mário de Andrade nos legou não se restringe aos limites de sua produção poética, literária ou crítica. Por tudo isso, o escritor é reconhecido como um dos mais consideráveis estudiosos e pesquisadores da identidade nacional e da pluralidade étnica do povo brasileiro. Seu trabalho de sondagem obstinada passava, sobretudo, pelo desejo manifesto do artista em tramar a definição de uma entidade nacional. Com esse propósito, adentrou pelo interior do país, excursionando pelo Brasil afora com a pretensão de conhecer o povo autóctone, a língua, as danças, a música, a culinária, enfim, seus modos de vida.

O autor de *Macunaíma* documentou com precisão tudo que coletava em suas viagens: fazia anotações do que ouvia, via e considerava relevante para a composição de um retrato fidedigno da realidade conhecida. Exímio pesquisador, propunha-se na sequência a organizar e catalogar todo o material coletado para futura sistematização, o que permitiria, a seu ver, justificar a existência de uma identidade nacional brasileira (Rodrigues, 1994).

³⁷ Baudouin foi um psicanalista suíço que publicou, em 1929, o livro *Psicanálise e arte*, pesquisa sobre o a relação da arte com o que chamou de complexos pessoais e primitivos (Elisabeth Roudinesco & Plon, 1997). Outra influência sobre Mário de Andrade foi o filósofo Théodule Ribot, considerado o fundador da psicologia científica francesa e responsável por sua autonomia. Por fim, o filósofo e intelectual marxista francês Georges Politzer, defensor do que apresentava como uma psicologia concreta, teria sido outra fonte do escritor paulistano para o estudo da psicanálise.

Em sua primeira viagem pelo Norte, em 1927, Mário percorreu o rio Amazonas, foi até o Peru, subiu o rio Madeira até a Bolívia: circulava incansavelmente na tentativa de revelar o Brasil ao brasileiro e constituir um documento representativo da cultura nacional, fruto da visão do escritor sobre o folclore e arte brasileira. Com certo zelo etnográfico, fotografou tudo a seu redor: suas fotografias retratam com delicadeza a reação espantosa do homem cosmopolita diante o caboclo, do sertanejo nordestino (Nogueira, 2007). Tais fotografias, que deslindam a própria “memória subjetiva” de Mário de Andrade, foram usadas pelo escritor-fotógrafo como instrumento capaz de colher e registrar diretamente do povo o seu objeto, qual seja, o elemento constitutivo da brasilidade procurada.

Para nós, uma dessas fotografias adquire sentido especial³⁸. Sua imagem revela um varal repleto de roupas brancas estendidas, lençóis, camisas distendidas pelo vento. Os tecidos, como corpos, bailam um movimento gracioso: toda uma compleição física se insinua na captura instantânea da lente do artista. No verso da foto, desenhada a lápis, a letra do escritor decifra com a legenda: “Roupas freudianas. (...) Fotografia *refoulenta*. *Refoulement*.” (grifos nossos). Mário de Andrade adota então o termo que irá aparelhar a expressão “sequestro”, termo esse que servirá às mais variadas acepções na obra do autor. Uma delas aparece justamente no trabalho inacabado tal qual indicado pelo escritor na epígrafe da seção anterior.

No mesmo arquivo que abriga a “foto freudiana”, reunidos pelo próprio Mário em um fichário denominado *Sequestro da Dona Ausente*, encontram-se vários envelopes com notas de pesquisas, manuscritos, recortes com indicações bibliográficas com os temas ordenados: “Sequestro. História da mulher”, “Formas de Sequestro. Sua perseverança”, entre outros. Após minuciosa análise dos textos que compõem a pasta do *Sequestro*, notamos que escritor cuidou de fichar vários dos textos de que se serviu para estruturação de seu estudo.

Ali localizamos notas e fichamentos repletos de datas, através das quais, irá nos advertir Telê Ancona Lopez, poderemos nos permitir supor que o escritor teria iniciado seu projeto inacabado após a leitura do texto freudiano *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (edição francesa datada de 1923), que teria lhe permitido conhecer “os mecanismos de defesa e o papel do inconsciente” (Lopez, 1996:118). Acompanhando a sequência de suas leituras – indicadas pelas datas de seus fichamentos, o dedicado pesquisador teria se prestado ao estudo da obra *Critique des fondements de la psychologie*, de Georges Politzer, texto clássico para a

³⁸ A referida foto encontra-se no Arquivo Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros, em São Paulo, e encontra-se no anexo desta dissertação (conferir anexo na página 96).

discussão sobre o campo psicanalítico naquele momento. Para Lopez (1996), teria sido fundamentalmente a partir dessas leituras que Mário de Andrade pôde empreender a escrita do *Sequestro*, fichando cada obra, seus pontos de apoio, que se juntaram a centenas de documentos folclóricos colhidos pelo escritor.

A tradução forjada pelo autor para o termo *refoulement* aparece, pela primeira vez, nas notas marginais feitas por Mário de Andrade do livro *Critique des fondements de la psychologie*, edição datada de 1928, e ainda no livro *Psychanalyse de l'art* de Charles Baudouin. Examinando o trabalho notável realizado por Nites Therezinha Feres, que nos permite conhecer as leituras em francês de Mário de Andrade, observamos que o escritor escreve exatamente “Sequestro da dona ausente” no exemplar do livro de Politzer diante das linhas grifadas do texto: “*Freud commence par l'analyse de cette particularité du revê qui consiste à dramatiser la pensée. Dans le revê une pensée, le plus souvent un désir, est objectivée, mise en scène, vécue*” (Feres, 1969:70)³⁹.

Tal livro de Politzer, como percebemos, fazia parte da biblioteca pessoal do escritor e essas suas anotações marginais destacam linhas que tentam explicar que, para Freud, os sonhos dramatizariam o pensamento, encenando a realização do desejo. Outro trecho destacado por Mário de Andrade em tal texto refere-se ao mecanismo do recalque, especialmente ao recalque das lembranças infantis e dos pensamentos a ela relacionados, que então ficariam impedidos de alcançar a consciência. Ao lado desse trecho, Mário assinala: “*Estudar melhor isso no próprio Freud, porque parece contradizer um bocado o que afirmei explicando o infantilismo sonhador do Sequestro*” (Feres, 1969:70). Em seu texto, Politzer ainda pontua que a regressão seria o efeito da resistência somado à atração exercida pelas lembranças marcadas por intensa vivacidade sensorial. A esse respeito, Mário de Andrade se questionará, em suas notas de pesquisa, acerca das razões que teriam levado o “sequestro da dona ausente” a circular pelas cantigas infantis, levantando algumas hipóteses, essas relacionadas aos sonhos e desejos infantis, partindo da aceção freudiana de que os sonhos seriam realizações de desejos.

Veremos adiante que algumas quadrinhas folclóricas apresentadas por Mário trarão a visão alucinatória de uma mulher numa barca no mar, que em seguida se desvanece, ou da mulher que ressurgiu para falar com o marujo, e então se esvai.

³⁹ Tradução nossa: “*Freud começa pela análise desta particularidade do sonho que consiste em dramatizar o pensamento. É no sonho que um pensamento, ou mais frequentemente um desejo, é objetivado, encenado, vivenciado*”.

A apresentação proposta pelo autor em seu artigo publicado na revista *Atlântico* revela o tema da “*sublimação da celebrada falta de mulher*”, localizando a Dona Ausente como “o sofrimento causado pela falta de mulher nos navegadores de um povo de navegadores” (Andrade, 1943:9). Mário de Andrade constata a presença inequívoca do tema de “mulheres ausentes”, “amadas ausentes” e também daquelas “impossíveis” na literatura luso-brasileira. Para ele, esses casos evidenciariam um “complexo”, o mais difícil sofrimento ao qual o homem, obrigado a viver no mar, estaria exposto: a falta da mulher que teria ficado em terra. A poesia, os símbolos literários, nos diz Mário, acabam operando como disfarce do castigo de viver longe da amada.

Procurando à luz da psicologia contemporânea, as manifestações provocadas pela ausência da mulher nos marujos e nos colonos, descobre-se a existência dum verdadeiro e riquíssimo complexo, o “complexo da dona ausente” (Andrade, 1938:s/p.).

O folclore luso-brasileiro seria abundante de exemplos: uma série numerosa de quadrinhas e cantigas evidenciariam essa afirmação.

Mário de Andrade aponta para o tema da escassez de mulheres na colônia: lembra de uma série de petições e súplicas feitas pelos colonos à coroa portuguesa para que enviassem mulheres ao novo mundo. Para Mário, seria esse “fenômeno” da ausência feminina que teria possibilitado a riqueza do folclore nacional.

O termo *sequestro*, que já vimos tratar-se de apropriação inventiva de Mário de Andrade a partir do termo francês *refoulement*, não é a única evidência da psicanálise presente nesse projeto do autor. A tradução inédita proposta por Mário de Andrade para o termo recalçamento, como veremos, tem origem em uma leitura muito particular que o escritor fazia da teoria psicanalítica. Compreender essa tradução só se faz possível a partir de um retorno à construção desse projeto inacabado do autor, e que pode nos revelar insígnias interessantes sobre a própria teoria freudiana.

Em carta escrita a Manuel Bandeira, em 1928, Mário de Andrade compartilha com o amigo a notícia de que estaria se empenhando com veemência no estudo sobre o folclore musical tendo, com esse intuito, se dedicado arduamente ao exame da influência portuguesa na cultura brasileira. Em seguida, pede a Bandeira que lhe arranje tudo aquilo que eventualmente teria em mãos relacionado ao conteúdo folclórico que representasse a “mulher de barca, mulher atravessando água, chamando barqueiro” (Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. In: Moraes, 2001:388). O remetente ainda enuncia ao amigo, pedindo-lhe

sigilo sobre o assunto, relata que estaria escrevendo um folheto etnográfico, o *Sequestro da Dona Ausente*, “coisa engraçada”, sua nova descoberta. A respeito do título do folheto, esclarece:

[...] é que o nosso folclore musical, sobretudo cantigas de roda, se encontra um tema que não encontro nem em Portugal nem em Espanha. O cantor celebra a mulher que vem de barca por mar ou rio, até ele cantor. Ora isso estou convencido, não é mais que a *sublimação* da celebrada falta de mulher que o colono sentiu na América quando veio praqui (Carta de Mário de Andrade a Manuel Bandeira. In: Moraes, 2001:388, grifos nossos).

Em sua trajetória, Mário de Andrade coletou elementos da cultura popular e se debruçou num processo contínuo de aliar esse material a textos teóricos, e, dentre eles, psicanalíticos. É a partir dessa miscelânea que Mário de Andrade cunhará a ideia do “sequestro da dona ausente”. Ele está se referindo, como apreendemos no recorte de sua carta a Bandeira, a esse lamento que acometeria marinheiros, viajantes desterrados que teriam chegado a terras brasileiras e dado origem à sementeira do nosso povo, mas, às custas de ter deixado para trás a mulher amada. Esses homens, diz-nos Mário de Andrade, ao invés de externarem seu sentimento em figuras de desespero, metaforizavam a ausência feminina em imagens, poesia, cantos, composições. Seriam “disfarces” banhados de valor considerável para o enriquecimento e pluralidade do folclore brasileiro.

Após entrevista realizada com Mário de Andrade para o Diário de São Paulo, em 1943, Mário da Silva Brito relata alguns pontos sobre o projeto do “sequestro”: O comentário da entrevista foi divulgado por Lopez:

Que será? Um livro em preparo, quase no fim aliás, notando a falta de mulher no português navegante e do Brasil colônia [...]. Mário de Andrade começou a pesquisar o tema, principalmente o fenômeno do amor, que se traduz muito no folclore. Por exemplo: de que maneira o navegante de Portugal sofrera a ausência da mulher? O filão era riquíssimo e Mário de Andrade, através dos cantos populares, descobriu o significado profundíssimo de certas quadrinhas aparentemente sem nenhum sentido. Tudo isso constitui a tese de “O sequestro da dona ausente” [...] (Lopez, 1983:94-95).

O projeto sobre o sequestro, apesar de inacabado, rendeu algumas produções publicadas ou sob a forma de conferências. Foram três as apresentações orais de Mário de Andrade relativas ao tema: a primeira tendo sido realizada em outubro de 1933, na Sociedade de Observações Sociais, órgão ligado à Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro; posteriormente, proferiu uma palestra na Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo; e, por último, Mário de Andrade apresentou sua pesquisa em novembro de 1939, em Belo

Horizonte, a convite do Diretório dos Estudantes Universitários de Minas Gerais. Naquilo que se refere às publicações escritas desse material, foram produzidos três textos no total: o resumo da conferência *A dona ausente*, que saiu no 4º *Boletim da Sociedade de Etnografia e Folclore*, em 1938; um segundo resumo publicado no periódico *Mensagem*, publicado em 1940 com um trecho da conferência mineira *De um país sem mulheres*; e, finalmente, o artigo *A dona ausente*, publicado na revista luso-brasileira *Atlântico*, no ano de 1943.

O volume manuscrito relativo à pesquisa sobre o “sequestro” é vasto. O autor conservou grande parte do mesmo com uma organização impecável. Essa organização, bem como a indicação do escritor com relação às suas referências bibliográficas para o estudo, bem como seus fichamentos e roteiros de pesquisa, são os elementos que permitiram que esse rastreamento com relação ao termo sequestro e a sua relação com a teoria freudiana fossem possíveis. Esse material releva grande parte da riqueza que constitui a série “Manuscritos Mário de Andrade” no arquivo dedicado ao escritor no IEB da USP.

Mário de Andrade faleceu em 25 de fevereiro de 1945 e esse seu trabalho inédito permaneceu incompleto. Todavia, o autor deixou registrado em uma “carta-testamento” o desejo de que tal estudo fosse publicado assim como se encontrava, advertindo, contudo, para que fosse apresentado como “conferência literária”, uma vez que o trabalho definitivo seria muito mais completo (Netto, 1993). Fato é que esse ensaio definitivo não foi encontrado pelos estudiosos do autor. Os produtos do *Sequestro* foram conhecidos somente através das três conferências proferidas e das escassas publicações. E é fundamentalmente a partir desse material que guiaremos nosso percurso na tentativa de apreensão deste inventivo projeto mariodeandradiano.

4. A DONA AUSENTE

Num alvará de janeiro de 1603 se punia com degredo para o Brasil as recadistas de freiras. Mulher de cigano também vinha. Já em 1574, D. Sebastião comutava a pena dum cigano por “cinquo anos para o Brasyll, homde leuara sua molher”. E ainda no séc. XVIII, mulheres que falassem calão, usassem trajes ciganos e deitassem as sortes, eram condenadas a 10 anos de degredo para o Brasil.

Mário de Andrade

Ao acompanharmos a construção do projeto sobre a dona ausente, percebemos que Mário de Andrade teria se debruçado sobre o tema da falta de mulheres na colônia após extenso estudo sobre de documentos populares e folclóricos.

Em seu brilhante livro *Orfeu extático na metrópole*, Nicolau Sevcenko (1992) nos revela a importância dos estudos de Afonso Arinos⁴⁰ para movimentar os ânimos dos modernistas no processo de “redescoberta” do Brasil. Já em 1915, Arinos badalava o meio intelectual paulistano, fornecendo à inteligência local recursos para o estudo das questões nacionais. O autor estimula os escritores moços a tomar o folclore, a literatura e o cancionero português como guias, “fonte copiosíssima de pristina beleza, não só da história das nossas instituições étnicas, como principalmente da língua portuguesa” (Arinos apud Carvalho, :14). Assim como Oswald de Andrade, que reconhecidamente consagrava o escritor regionalista, supõe-se também que Mário de Andrade tenha se encantado com os ensinamentos de Arinos e seguido sua recomendação de percorrer as produções lusitanas no empreendimento de estudar o Brasil (Boaventura, 1995). É então a partir do contato com esse material que tratava da influência portuguesa na cultura brasileira que Mário de Andrade começa a elaborar o seu estudo sobre o *sequestro*. Aos poucos, o projeto foi adquirindo forma e ganhando contornos acerca do sentimento amoroso na poesia oral luso-brasileira.

A série de conferências na Sociedade de Cultura Artística em São Paulo acendeu os ânimos para o início de uma consciência nacional artística na capital paulista. Afonso Arinos apresenta suas pesquisas em um ciclo de palestras que tratavam das lendas e tradições brasileiras (Carvalho, 2001). Nesse momento, aborda o tema da “ausência da mulher branca”

⁴⁰ Trata-se do escritor, jornalista e jurista, imortal da Academia Brasileira de Letras, Afonso Arinos de Melo Franco (1868-1916). Contista de feição regionalista, é autor de *Pelo sertão*, *Os jagunços*, dentre outros. Sua obra póstuma *Lendas e tradições brasileiras* influenciou vários integrantes do modernismo brasileiro (Carvalho, 2008).

na América lusitana. Mário de Andrade destacará esse objeto no estudo do *sequestro*. No seu livro *A arte religiosa no Brasil*, Mário descreve a Bahia colonial, retornando à temática da “posse da mulher”, comentada anos antes por Arinos:

Mas na cidade baixa entre a maruja, os vendeiros, os escravos, os mestiços campeava um sensualismo infrene, animalizando a gente ignara num perpétuo despudor. Os ricos, os senhores de engenho, a flor da fidalguia encobertava com a hipocrisia das boas maneiras o seu não menor desejo de amar. Conta Frézier, citado por Oliveira Lima, terem sido trucidadas pelos maridos num ano só mais de 30 mulheres. Claro é que exceções, e talvez muitas havia; mas a visão geral era a d’uma quermesse de amores livres (Andrade, 1993 [1920]:51-52).

O tema da falta de mulheres acaba cercando o pensamento de vários modernistas a partir das irradiações de Afonso Arinos. Em *O esforço intelectual do Brasil contemporâneo*, palestra proferida por Oswald de Andrade na Sorbonne, em 1923, o escritor destaca o caráter do amor na América Latina a partir da ausência da mulher branca.

Este drama das “terras caídas” e que desaparecem em seguida é o fenômeno que se produz no coração do brasileiro, que vê partir sua amada nos braços de outro. (...) Geralmente nossos homens veem em cada mulher uma Sabina a raptar, a despeito de todas as consequências, porque o nosso amor é feito da lembrança sexual da mulher branca que os primeiros navegadores deixaram na Europa ao tentar as suas incertas expedições (Andrade, 2011 [1923]:45-46).

Em seu elogiado livro *Retrato do Brasil*, Paulo Prado (Prado, 2012 [1928]) lembra essa ausência como uma das razões principais para a ocorrência das relações sexuais livres durante a colonização portuguesa, tão bem registrada nas anotações da 1ª Visitação do Santo Ofício, remetendo-nos à exposição de Mário de Andrade sobre os “amores livres” na Bahia colonial. Em outro artigo encontrado na coletânea *Estética e Política*, Oswald de Andrade tece sua crítica com relação ao livro de Prado:

O *Retrato do Brasil* é um livro que acordou muita gente. Percebeu-se através dele que o Brasil existe. Eu diria mesmo que o Retrato do Brasil é o glossário histórico de *Macunaíma*. (...) O livro é um panfleto admirável que a gente lê inteirinho com alegria (Andrade, 2011 [1929]:54-55).

No entanto, Oswald de Andrade não perdoa aquilo que coloca como pensamento missionário contido no livro e que, segundo ele, seria responsável pelo julgamento “monstruoso” do mundo ocidental sobre a América contemporânea. O que Oswald rebate é que a luxúria e a cobiça, apresentadas no texto de Prado como características nacionais, não

deveriam ser consideradas a partir de certa moralidade católica. A respeito disso, evoca a psicanálise para fundamentar seu argumento:

Não posso compreender que um homem *à la plage*, como é meu grande amigo, escreva sobre o Brasil um livro **pré-freudiano**. A luxúria brasileira não pode, no espírito luminoso de Paulo, ser julgada pela moral dos conventos ignacianos. (...) É no fundo de idêntico bocejo feito à mesma artificialidade byroniana que faz o autor de *Paulística* condenar, como qualquer visitador de Santo Ofício, o “pecado sexual” (**depois de Freud!**) e pregar sem ironia o serviço de Nosso Senhor J.C. (Andrade, 2011 [1929]:54-56. Grifos nossos) ⁴¹.

Após ter iniciado sua leitura dos textos freudianos, sobretudo a partir dos *Três Ensaios da teoria da sexualidade*, presente ofertado pelo próprio autor do “livro pré-freudiano”, Mário de Andrade contorna o tema do amor colonial, da dona ausente, com um novo colorido. A presença da psicanálise é inequívoca nessa sua empreitada.

A partir desse contato com a literatura de Arinos e do conseqüente interesse pela pesquisa folclórica, Mário de Andrade buscou a etiologia da *psiqué* brasileira, que, pelo que o autor indicava, remontava à portuguesa. O sentimento amoroso e a ausência da mulher expressados nas quadras populares, tema de estudo de *O sequestro da dona ausente*, teria surgido com o navegador português e então sido herdado pelo brasileiro. Assim, nos diz Carvalho:

A criação popular encontrou ecos na erudita, em especial nos poetas românticos que, se por um lado teriam abandonado a “tradição lusa de dizer gramatical”, manteriam por um outro traço psicológico que os ligava a um complexo comum ao Brasil e a Portugal: expressaram o “sequestro” da mulher, não mais ausente e sim “temida”, como foi abordado por Mário (...) (Carvalho, 2007:212).

Dado o uso desenvolvido que Mário de Andrade reservou para a sua tradução do termo *refoulement*, faz-se necessária uma retomada das possibilidades de entendimento de sua aplicação dentro da obra do modernista, considerando, ainda, os apontamentos conceituais teorizados por Freud, principalmente no que diz respeito aos conceitos de recalque e

⁴¹ O autor de *Paulística*, livro citado por Oswald de Andrade, é o escritor Monteiro Lobato. A querela entre Lobato e os modernistas brasileiros é conhecida na história da nossa literatura. A desavença se iniciou quando o escritor publicou artigo criticando a exposição de Anita Malfatti, em 1927. Em sua crítica denominada “Paranoia ou mistificação?”, Lobato adjetiva a arte moderna como arte descaracterizada e avança citando duas espécies de artista: “os que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura” e os que “veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes”. O quiproquó estava lançado. Mário de Andrade, em prefácio de seu livro *A escrava que não é Isaura*, retrucou: “passadista é o que faz o papel de carro de boi numa estrada de asfalto. (...) O passadista procura na obra de arte a natureza e, como não a encontra, conclui: paranoia ou mistificação”. Estava então definida a posição de Monteiro Lobato como diretamente oposto ao Modernismo, sendo predicado como “passadista” (Bosi, 2006).

sublimação, essas aventuras pulsionais apropriadas e ajuntadas, por assim dizer, no projeto do “sequestro” esboçado pelo modernista brasileiro.

4.1 As possibilidades do sequestro

As noções concebidas do complexo da dona ausente podem ser vagas, mas perfeitamente analisáveis à luz da psicologia (...). Assim vagas, transferidoras ou sublimadoras é que puderam utilizar as energias afectivas do ser, transportando-as para uma funcionalidade social, mais elevada moralmente. Recanto de evasão em que os tântalos da dona ausente se acalmavam, confessando o seu mal mas sem a brutalidade dele, sem o sofrimento, os exasperos, os desvios e as saudades que ele acarretava.

Mário de Andrade

Mário de Andrade, apesar do contato com a obra freudiana, não era um estudioso de psicanálise. Mesmo tendo notícia de que o escritor possuía exemplares de volumes de Freud e de alguns outros autores que tratavam da teoria freudiana naquele período, podemos perceber que o recurso ao discurso psicanalítico buscado por Mário para auxiliá-lo em vários momentos de sua produção não tratava dos termos freudianos com o rigor conceitual advertido pelo criador da psicanálise.

Dessa maneira, é recorrente a presença de embaraços conceituais com relação à psicanálise freudiana na obra de Mário de Andrade. Vemos Mário aglutinar noções diferentes, empreender traduções próprias, utilizar termos de comentadores de Freud, atribuindo-lhes, inadvertidamente, autoria de termos que não lhes seriam próprios.

No entanto, lembramos que naquele período, tratava-se, sobretudo, de fundamentar as descobertas e pesquisas sobre a nacionalidade a partir das matrizes de conhecimento que estavam acessíveis. A psicanálise, como vimos, apresentava-se como esse discurso que se dava em consonância com a modernização do país. Não percebemos as apropriações empreendidas por Mário de Andrade como descaso teórico ou desleixo conceitual, mas entendemos seu esforço intelectual diante dos textos psicanalíticos e a consequente aplicabilidade dos mesmos na sua obra crítica e literária como um exercício legítimo de assimilação de um campo teórico que respondia às ânsias daquele corpo intelectual. De tal forma, compreendemos como natural que o uso conceitual que o escritor endereçava aos termos freudianos não esboçassem uma pureza conceitual, uma vez que deslocamentos

sempre são previsíveis nesses processos de aplicação de uma teoria a outros fins que não aqueles em que essas tenham sido desenvolvidas.

O termo *sequestro*, por exemplo, abriga em si um compilado de noções e conceitos psicanalíticos. Mário de Andrade sinalizou que o termo seria a tradução direta do vocábulo “refoulement”, ou melhor, do “recalque”, conforme tradução reconhecida no Brasil⁴².

Mesmo após avançados estudos sobre os manuscritos de Mário de Andrade, de sua epistolografia e sua obra como um todo, ainda não se sabe ao certo o que teria levado o autor a forjar uma tradução radicalmente inédita para o termo psicanalítico.

Sigmund Freud (2012 [1914]) reconheceu publicamente que a ideia de recalque não teria sido inventada por ele. O fato é considerado no texto “Contribuição à história do movimento psicanalítico”, quando ele nos diz que teria sido “independente” ao definir o termo, não tendo sofrido nenhuma influência teórica, até o dia em que Otto Rank o mostra, no texto *O mundo como vontade e como representação*, o trecho em que Schopenhauer aborda o tema da repulsa do sujeito a admitir aspectos penosos da realidade, ideia que coincide com o recalque nos termos freudianos. A noção de recalque já está presente na filosofia alemã do século XIX e ainda nos trabalhos de psicologia de Herbat e Meynert (Roudinesco & Plon, 1997).

Não se tem notícia de que Mário de Andrade teria lido esses autores. O que se evidencia é que o termo “refoulement” tenha mesmo sido apreendido através do texto freudiano e dos textos *Critique des fondements de la psychologie*, de Georges Poltizer, e *Psychanalyse de l'art*, de Charles Baudouin.

Apesar da inexistência de uma explicação formal sobre a preterição de Mário de Andrade pelo termo *recalque*, estudiosos da obra do autor esclarecem que há, de certa maneira, uma escolha ética, por assim dizer, no uso do termo sequestro.

Para Cristiana Facchinetti, a tradução aponta para uma interpretação que remete à ordem do Estado e de seus mecanismos de controle, como vimos, marcantes da época: *sequestro*, nessa perspectiva, apontaria para modos de operação que impossibilitariam a “produção de novas formas de subjetividade” (Facchinetti, 2003a:136).

⁴² O termo freudiano Verdrängung foi traduzido por James Strachey para a palavra inglesa “repression”, a pedido do próprio Freud (Roudinesco & Plon, 1997). Essa opção teria levado os tradutores da obra de Freud do inglês para o português (da Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud) a elegerem o termo “repressão”, ao invés de recalque. A confusão entre os dois mecanismos, no entanto, já teria sido sinalizada nos estudos sobre as traduções da obra de Freud. Para os fins a que este trabalho se propõe, não nos interessa no momento adentrar na questão das críticas lançadas às traduções do texto freudiano para o português. A esse respeito, conferir o trabalho do psicanalista Paulo César de Souza (1998). Vale, no entanto, lembrar que Mário de Andrade teria lido Freud no idioma francês. Ali a tradução do Verdrängung aparece como “refoulement”.

Ricardo Carvalho (2001), responsável pela construção da edição genética do *Sequestro da dona ausente*, esclarece:

É cabível, então, julgar que Mário ensaísta tenha relacionado sua interpretação dos trabalhos de Freud lidos e os sentidos da palavra sequestro ao criar um conceito que está na raiz dos estudos que desenvolve. Os significados de ‘tomada violenta’, ‘afastamento de lugares ou coisas perniciosas’, vinculados à palavra ‘sequestro’ podem ter sido, para ele, mais expressivos que a simples tradução ‘recalque’ (Carvalho, 2001: 22).

Telê Ancona Lopez também anima o debate. Para a autora, essa apropriação de Mário de Andrade não indica que o mesmo estaria negando a matriz teórica freudiana, mas tratar-se-ia de uma maneira inventiva de particularizar a noção de *sequestro*:

(...) o fenômeno a que batiza “Sequestro da dona ausente” vale como a nota dominante do sentimento amoroso no Brasil, fortemente vincada na criação poética popular. Sendo assim, reveste-se de significado maior a interpretação diferenciada que faz, recusando-se a traduzir ‘refoulement’ exclusivamente como recalque (Lopez, 1996:119).

Lopez se orienta pelo verbete *sequestro* encontrado em dicionário localizado na biblioteca de Mário. Ali, “sequestrar” não significa somente “privar alguém do domínio de suas faculdades”, mas também “o refluir das águas que recuaram na maré”. Nesse sentido, a autora indica que Mário, ao falar daquilo que estaria sequestrado, apontava para o que teria sido “reprimido”, impossibilitado de se realizar em seu desejo, mas que não teria sido suprimido totalmente da vida mental, que teria se refugiado no inconsciente e que então viria à tona em dado momento, tal qual o movimento da maré que tinha recuado. Nessa leitura, tudo aquilo que volta, essa espécie de “retorno do recalcado”, torna-se, para Mário de Andrade, sublimação, deslocando-se, enfim, tornando-se processos que o folclore soube denunciar e preservar. É desse modo que Mário de Andrade pensará as produções folclóricas luso-brasileiras, como se fossem essas possibilidades de transformação a partir daquilo que adviria após ter sido sequestrado da consciência.

A estudiosa ainda nos indica que, acompanhando a construção que Mário de Andrade vai fazendo desse seu estudo, podemos perceber que a sua tradução do termo *refoulement* pode nos revelar particularidades da leitura que o autor fazia da psicanálise. Ao detalhar o fenômeno do *sequestro*, Mário de Andrade se aproxima, por exemplo, de outra noção freudiana, a sublimação, tema que irá percorrer textos, críticas, enfim, grande parte da elaboração teórica do escritor. Consultando a marginália e comentários registrados no exemplar de Mário dos *Trois Éssais sur la Théorie de la Sexualité* (edição de 1923),

percebemos as marcas que o escritor traçou ao longo do corpo do texto, destacando especialmente as seções destinadas pelo autor à sublimação e ao recalque presentes no segundo capítulo.

A nota marginal ‘V’, escrita o lado do capítulo ‘Sublimation’, vale como uma chamada de atenção para a teoria ali exposta. Freud considera a sublimação uma das fontes da criação artística e responsabiliza-a pela transferência de elementos do plano material e sexual para o plano espiritual e ideal. Esse sentido de sublimação é ligado ao de ‘Refoulement’ e o escritor explica em 1928, através do termo ‘Sequestro’, a sexualidade que nossos românticos deixaram expressa no plano artístico erudito (Lopez, 1972:106).

A sublimação, apresentada neste momento como elemento importante para as construções culturais, artísticas, aproxima-se, para Mário de Andrade, do termo *refoulement*.

Se o termo *sequestro* é tradução direta do *refoulement*, ou seja, se o *sequestro* poderia ser emparelhado ao lado do conceito de recalque, em vários momentos dentro da obra mariodeandradiana ele será, como vimos na passagem acima, tingido por um colorido conceitual diverso daquele inicialmente apontado por Mário de Andrade.

O resumo da conferência de Mário de Andrade publicado no Boletim da Sociedade de Etnografia e Folclore, em 1938, evidencia o esforço do escritor em investigar, “à luz da psicologia contemporânea”, quais poderiam ser os efeitos motivados nos marujos e nos colonos pela ausência da mulher. Como resultado de sua pesquisa, Mário de Andrade descobre a “existência de um verdadeiro e riquíssimo complexo, o complexo da dona ausente” (Andrade, 1938:s/p.).

Pelo que se sugere a partir do rastreamento da marginália das anotações feitas por Mário de Andrade de suas leituras, o vocábulo “complexo”, que o escritor recorrentemente utiliza para se referir aos efeitos da ausência feminina no período colonial, foi retirado do livro de *Psychanalyse de l’art*, de Charles Baudouin. Nos pontos do texto destacados por Mário, Baudouin aborda o termo “complexo” a partir da psicologia dinâmica. Define como “um estímulo de vias de reação (de tendências) mais ou menos enredadas entre si por obra de associações mais ou menos estreitas” (Baudouin, 1929:12). Prossegue o comentário esclarecendo que o complexo pode ser colocado inteiramente em movimento caso algum ponto seja excitado. Assim, estados afetivos, variadas formas de ação, pensamento, imagem, fenômenos (sintomas histéricos, por exemplo) seriam então ativados. Para o autor, a psicanálise seria, em tese, um estudo dos complexos, ponto que a caracterizaria muito mais do que a teoria do inconsciente.

De modo geral, o termo complexo é derivado da escola psicanalítica de Zurique, cujos nomes de destaque teriam sido Bleuler e Jung. Freud foi abandonando o uso do termo ao longo de seus textos, limitando seu uso aos complexos de Édipo e de castração. Percebe o léxico como um conceito teórico que poderia incitar certa tipificação psicológica, o que poderia acarretar num desaparecimento da singularidade, especificidade de cada caso clínico. Freud comenta as contribuições da escola de Zurique (Jung) à difusão de sua disciplina, referindo-se ao termo “complexo”, creditado ao suíço, que acabou por ganhar “direito de cidadania” na psicanálise, auxiliando na síntese descritiva de aspectos psíquicos. Riaviz (2004) nos lembra que o termo se popularizou amplamente no vocabulário popular e foi sendo usado largamente para descrever problemas psicológicos. Freud teria dado conta dessa vulgarização, assinalando que nenhum outro conceito teria sido tão mal aplicado: “Nenhum dos outros nomes e expressões que a psicanálise necessitou cunhar alcançou tamanha popularidade e teve aplicação tão abusiva, em detrimento de formações conceituais mais precisas” (Freud, 2012 [1914]:1975).

A aproximação que Mário de Andrade faz do *sequestro* com o termo “complexo” aponta para aquele sentido trazido por Baudouin, evocando características de uma rede de representações simbólicas ligadas umas às outras, que se repetiriam no Brasil e em Portugal, representando certo “estado sensível”, a um só tempo individual e coletivo.

Mário de Andrade (1938) contempla o que vai chamar de “complexo da dona ausente” como um fenômeno social herdado da aventura ibérica das navegações e que teria deixado marcas perenes no folclore nacional.

As exigências que o expediente marítimo, bem como os perigos e dificuldades da colonização contemplam, reivindicaram a castidade do homem. No entanto, a mulher se fez presente, sua lembrança sendo “infiltrada” nos ritos do mar e da terra. A recorrência às imagens sexuais femininas pode ser facilmente conhecida nos navios com nomes de mulheres (nau Catarineta), no uso de expressões populares que comparam mulheres a embarcações (“mulatinhas são barquinhos”, “as crioulas são saveiros”) e ainda no uso de “metáforas mulher-peixe” (“peixão”, “pescada”). O que Mário está dizendo é que a falta da mulher se fará aparecer como lembranças distorcidas no imaginário popular. O autor recorre ao mito da sereia, esclarecendo que a perseverança desse ícone no folclore brasileiro indicaria “um caso do sequestro (recalque) da dona ausente” (Andrade, 1938:s/p.).

Nesse momento, o escritor introduz o vocábulo “recalque” logo depois do termo “sequestro”. Pelo que tudo indica, Mário cuidou, no trecho apresentado, de marcar o sentido que atribuía ao fenômeno que estava estudando. Isso porque em outros momentos, como já

mencionado, o sequestro estará muito mais ao lado de uma descrição daquilo que seria a sublimação em Freud, encontrando-se ainda ao lado de outros conceitos, como o de formação de compromisso, por exemplo.

Nesse sentido, propomos certa excursão no texto freudiano privilegiando esses conceitos psicanalíticos que atravessam as elaborações de Mário de Andrade.

4.2 O recalque

O processo dinâmico do recalque descrito por Freud (2010 [1915]) em várias passagens de sua obra ganha destaque em 1915, no quadro da metapsicologia freudiana, em que o autor dedica a ele um artigo exclusivo. O psicanalista reconhece que a essência do recalque estaria em afastar algo da consciência, colocar de lado (*Die Abweisung*) aquilo que seria da ordem do prazer. O motivo desse recalque seria o surgimento de fortes desejos incompatíveis com as exigências do ideal do eu.

Freud distingue, então, dois tipos de recalque: o recalque primordial (*Urverdrängung*), que seria uma espécie de primeira fase do recalque, em que não haveria a admissão de um representante psíquico (*Vorstellungs-Repräsentanz*) pulsional ao acesso da consciência, acarretando uma fixação: este representante permanece então inalterável, ligado à pulsão. Freud indicará que esse representante psíquico irá constituir o núcleo do recalcado, ponto de atração para futuros novos recalques. O recalque primordial terá essa potência de sustentar o recalque propriamente dito, ao mesmo tempo designando o que não poderá ser lembrado, um limite àquilo que seria falado.

Num segundo momento, operaria então o recalque propriamente dito (*Die Eigentliche Verdrängung*), como uma operação que recairia sobre os derivados psíquicos da representação primordial recalcada e sobre as associações de pensamentos a ela relacionadas, vindas de outras partes. Seria um “pós-recalque”, seguindo-se ao recalque primordial, levando essas representações a sofrerem o mesmo destino do que foi originalmente recalcado. Em seu texto *Análise terminável e interminável* (2006 [1937]) vai empregar o termo *Nachverdrängung* (pós-recalque) para se referir a esse recalque ulterior.

É interessante notar que Freud coloca dois movimentos ao comentar o recalque: nesse processo operaria não somente a repulsa da consciência do que deve ser recalcado, mas ele aponta ainda para uma força de atração que o originalmente recalcado (*Urverdrängung*) exerceria sobre tudo aquilo com que se poderia associar.

Provavelmente a tendência para a repressão não alcançaria seu propósito se essas forças não atuassem juntas, se não houvesse algo reprimido anteriormente, disposto a acolher o que é repellido pelo consciente (Freud, 2010 [1915]:64).

Aqui novamente convocamos a noção de *sequestro*. O termo escolhido por Mário de Andrade aponta para a ideia de uma força impetuosa que operaria sobre os sujeitos. O *sequestro* nos remete então a essa faculdade do recalque freudiano, de se apresentar como uma junção de forças: aquela do consciente que irá repelir o material e a atração exercida por aquilo originalmente recalcado.

Freud examina um terceiro tempo constitutivo do recalque, o retorno do recalcado nas formações do inconsciente, ideia que nos ajuda a elucidar alguns pontos relacionados por Mário de Andrade ao tratar do *sequestro*. O retorno do recalcado manifestar-se-ia através dos sintomas, sonhos, esquecimentos, atos falhos, tomados por Freud por “formações de compromisso”. Essa noção atravessará ainda as formulações do modernista paulista.

Em seu ensaio crítico *A poesia de 1930*, a respeito do livro *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade comenta que o texto de Drummond apresenta “dois sequestros”: aquele que ele denomina como “sequestro da vida besta”, ao qual “Carlos Drummond de Andrade conseguiu sublimar melhor” (Andrade, 1972:35), e o “sequestro sexual”, que o poeta não teria logrado sublimar, tornando o texto “grosseiro” e “realista”.

A recepção feita por Mário do texto de Drummond aponta, a partir da noção de “vida besta”, para a denúncia da presença marcante de Itabira no poeta, tanto no aspecto social quanto pessoal. Se no poema a relação com o pecado interior mineiro aparece a partir de certa ironia ou desgosto - “Eta vida besta, meu Deus” em *Cidadezinha qualquer* (Andrade, 2008:23), ela também é entrevista colorida de saudade, nostalgia - “Eu não sabia que minha história/ Era mais bonita que a de Robinson Crusóé” em *Infância* (Andrade, 2008), ironia e humor:

A família mineira
está quentando sol
sentada no chão
calada e feliz

O filho mais moço
olha pro céu,
para o sol não,
para o cacho de bananas (...)

A filha mais velha
coça uma pereba

bem acima do joelho
 A saia não esconde
 a coxa morena
 sólida construída (...)

(Carlos Drummond de Andrade. *Sesta*, p. 33)

Dessa forma, para o amigo e crítico paulista, Drummond teria logrado resolver seu sequestro da vida besta - fruto da sua condição provinciana e interiorana, notado através de sua timidez e certa dicção sentimental – através de uma reação intelectual voltada ao recurso da ironia e do *humour*.

Mário de Andrade lembra que Drummond optou pelo uso de expressões mais pudicas, por assim dizer, ao invés de gritar a questão sexual que estava implícita no livro. Chama a atenção para o *sequestro* sofrido pelo “tímido Carlos”, que teria desviado seu olhar das tendências sexuais para algo mais ingênuo e delicado: o livro está repleto de conotações sexuais, aponta Mário, diante das quais a Drummond ocorreu resolver metonimicamente, sentenciando que “tudo são pernas”.

O bonde passa cheio de pernas
 Pernas brancas pretas amarelas.

(Carlos Drummond de Andrade. *Poema de sete faces*, p. 5)

Meus olhos espiam
 As pernas que passam
 Nem todas são grossas...
 Meus olhos espiam.
 Passam soldados,
 ... mas todas são pernas.
 Meus olhos espiam
 Tambores, clarins
 E pernas que passam,
 Meus olhos espiam
 Espiam espiam.

(Carlos Drummond de Andrade. *Moça e soldado*, p. 27)

A dançarina espanhola de Montes Claros
 Dança e redança na sala mestiça.
 Cem olhos morenos estão despindo
 Seu corpo gordo picado de mosquito.
 Tem um sinal de bala na coxa direita.

(Carlos Drummond de Andrade. *Cabaré Mineiro*, p.40)⁴³

Silviano Santiago comenta a crítica feita por Mário de Andrade ao texto de Drummond. Segundo o crítico literário, o poeta mineiro preferiu falar da questão sexual através das

⁴³ Todos os poemas acima elencados encontram-se no livro *Alguma Poesia* (Andrade, 2008).

“pernas” para vencer seus conflitos interiores: “‘Pernas’ e ‘coxas’ representam, em Drummond, a batalha vencida entre o ‘dizer’ e o ‘não-dizer’, entre o desejo e a sublimação” (Santiago, 2003:129).

O escritor paulista trata do sequestro, nesse momento, como esse retorno do recalçado de que nos diz Freud. Mário protesta pontuando que o sequestro de Drummond teria se evidenciado na presença marcante de “pernas e coxas” no livro, ou seja, seria como se o poeta mineiro tivesse deixado escapar aquilo de sexual que outrora teria se esforçado para não aparecer. No entanto, isso acabaria chegando ao plano da consciência, e da escrita, sob uma forma disfarçada, através mesmo de figuras de linguagem, como a metonímia das pernas femininas.

Freud nos ensina, no entanto, que o mecanismo do recalque não mantém afastado da consciência todos os derivados do recalque original. Através de associações, e de ligações em cadeias, esse material produz deformações, distanciando-se das representações recalçadas, acessando livremente a consciência a partir desse processo, sendo então capaz de passar pela censura desse sistema. Os sintomas neuróticos devem obedecer, eles também, essa condição de afastamento da ideia recalçada para se tornar passível de acessar a consciência. É disso que se trata quando Freud afirma a maneira individual de atuação do recalque: cada derivado do inconsciente tem um destino próprio, sofrendo maior ou menor deformação e, a partir de então, variando a sorte dos acontecimentos psíquicos.

O representante psíquico da pulsão, Freud nos diz, é formado pela própria representação, ideia (*Vorstellung*) e por outro componente, que seria denominado de quota de afeto, correspondente à energia pulsional, libido, fator quantitativo do representante pulsional. As vicissitudes destinadas a esses dois componentes não são as mesmas. Freud admite para o afeto a possibilidade de ser suprimido (*Unterdrückung*), transformar-se em angústia ou aparecer como afeto. Em sentido estrito, não haveria, portanto, afetos inconscientes, recalçados. O recalque agiria, dessa maneira, sobre a representação.

Essa passagem freudiana nos faz lembrar da personagem Fraulein, governanta alemã do idílio *Amar, verbo intransitivo*, sobre quem Mário de Andrade dizia ter tido seus “sentimentos sequestrados”.

É fundamental lembrar que a ação do recalque não se dá de forma única e pontual. Trata-se de um processo que exige, invariavelmente, recorrentes reiteraões: é preciso um trabalho constante, um dispêndio incessante de energia, uma vez que o recalçado exerceria uma força contínua, uma pressão renitente em direção à consciência, o que nos indica que os representantes continuam a existir no inconsciente e querem se fazer aparecer. É a partir disso

que Freud nos indica o enfraquecimento do investimento sobre os derivados não recalçados do inconsciente como substituição alternativa de que as forças atuantes do recalque podem se valer. “Compreendemos assim que as tendências repressoras possam encontrar, no enfraquecimento do que é desagradável, um substituto para o seu recalque” (Freud, 2010 [1915]:91).

O caso dos “poemas eróticos” do poeta itabirano nos sinaliza a possibilidade de operação com o representante pulsional de uma forma que talvez tivesse passado pelo recalçamento, mas que teria retornado disfarçado, sob nova vestimenta. Quando Mário de Andrade atribui a esse mecanismo o termo “sequestro”, fica evidente que se trata de algo para além da descrição da operação do recalque propriamente dito.

Freud, a partir da análise dos efeitos do recalque nas psiconeuroses, entende o representante pulsional como uma ideia (que pode ainda ser compreendida como um grupo de representações) investida libidinalmente. Apontará diferentes destinos para a ideia e para o montante afetivo pulsional, nesse sentido, diferenciando dois elementos constituintes da pulsão e, para cada um, diferentes vicissitudes. Para a representação pulsional, o recalque é apresentando como o destino por excelência, uma vez que está fadada a permanecer afastada da consciência. Já para a energia pulsional, esse montante afetivo de que nos fala Freud, o autor reserva três possíveis soluções: ser suprimido, transformar-se em afeto (quantitativamente modulado) ou transformar-se em angústia.

Neste ponto é importante evocar a recomendação freudiana de que o propósito essencial do recalque está na evitação do desprazer, o que nos leva à constatação de que a sorte do montante afetivo é, de certo modo, mais relevante do que o destino sofrido pela ideia/representação.

Se um recalque (repressão) não consegue impedir o surgimento de sensações de desprazer ou de angústia, então podemos dizer que ela fracassou ainda que tenha alcançado sua meta na parte ideativa (Freud, 2010 [1915]:93).

O recalque, desse modo, só terá efeitos sobre o sistema consciente. Tal processo não elimina absolutamente o representante pulsional, apesar de exercer significativa impressão no campo das neuroses. De fato, essas ideias continuarão a existir no inconsciente, organizando-se, fazendo suas conexões. Por sinal, essas representações pulsionais melhor se desenvolverão

no “escurinho⁴⁴” do inconsciente, após passarem pelo recalque, para então encontrar uma forma de se expressarem – fosse num sonho, sintoma, em outra formação do inconsciente. O recalque será responsável por produzir essas formações substitutivas que podem ser tomadas como um terceiro tempo da operação do recalque, indicando os indícios de um retorno do recalcado, e nos fornecendo um caminho para articular o estudo do recalque com esses mecanismos – condensação, deslocamento – identificados e apropriados por Mário de Andrade no termo *sequestro*. É a partir então do retorno do recalcado, dos efeitos dessa operação, que podemos deduzir o recalque propriamente dito.

Mário de Andrade se servirá dessa constatação para mostrar as suas descobertas com relação ao projeto do *sequestro*. De modo que para revelar como fenômeno da falta de mulheres teria de fato marcado a nossa produção colonial, o escritor recorre aos seus efeitos, àquilo que poderíamos entender como o retorno do recalcado. Mário demonstra as marcas da ausência feminina na colonização através da produção folclórica da época, o que, como veremos, acaba denunciando dois movimentos: a omissão de textos ou escritos sobre essa ausência das mulheres – e a falta delas – na literatura formal colonial - o que Mário coloca como uma das maneiras de recalcar a dona ausente, e ainda a presença maciça de produções culturais informais, populares, como as quadrinhas, por exemplo, que traduzem o tema da mulher que teria ficado em além-mar.

O fenômeno apontado como a ausência da mulher branca na colônia, tão explorado nas cartas dos jesuítas e nos cronistas coloniais, teria sido *sequestrado* na literatura formal. Dirá o escritor:

Pela força penosa das verificações a que induzia a confissão textual da falta de mulher, se explica a razão dessa falta ter sido sequestrada com tamanha veemência pelo português, pelo espanhol e pelos brasileiros dos primeiros séculos, a ponto do folclore, que eu saiba não apresentar nenhum documento de nenhum gênero verificando com franqueza a falta que fazia a dona ausente (Mário de Andrade apud Carvalho, 2001:22).

Essa breve passagem já nos permite notar que o *sequestro* emerge na pesquisa de Mário de Andrade remetendo à noção freudiana de recalque, quando o escritor esclarece que a ausência feminina não teria sido mencionada na literatura oficial do início da colonização, como se tivesse sido recalçada pelos portugueses, espanhóis, brasileiros, que não teriam nada

⁴⁴ Prezamos neste ponto o uso que Freud faz deste termo ao dizer, referindo-se ao representante ideativo, que o mesmo, subtraído à influência do recalque, “prolifera como que no **escuro**, e acha formas de manifestação extremas, que, ao serem traduzidas e exibidas para o neurótico, não só lhe parecem inevitavelmente estranhas, mas também o assustam com a imagem de uma extraordinária e perigosa força instintual” (Freud, 2010 [1915]:87).

“textualmente confessado a falta de mulher”. Essa ausência, o modernista nos mostrará, será percebida nos cantos populares, movimento compreendido por Mário de Andrade como esforço dos homens para “disfarçar o martírio nas imagens e símbolos da poesia”(Carvalho, 2001:22), levando a noção de *sequestro* a um novo patamar, aquele da sublimação.

4.3 A sublimação

É justo no ponto em que a noção de *sequestro* começa a caminhar ao lado do conceito de sublimação que se evidencia a amplitude do termo forjado por Mário de Andrade. Em certos momentos, o escritor está buscando dizer das formações de compromisso que aparecem como indícios do retorno do recalcado, por exemplo, ao dizer que a noção da “dona ausente” teria, em alguns momentos, sido desviada para a “caninha verde”, fato presente em vários documentos portugueses e brasileiros⁴⁵. Diz que o chamar-se mulher de “‘caninha verde’ seria um símbolo de alta complexidade, ‘no sentido psicológico de ‘símbolo’, constelação de noções diversas” (Andrade, 1938:1). Para Mário, a “cana verde” abriga ainda uma imagem fálica.

A cana-verde me disse
Que eu havia de ir com ela:
Vai-te embora, cana-verde,
Que eu vou para minha terra

A minha caninha-verde
Anda à roda do vapor;
Inda está para nascer
Quem há de ser o meu amor (Andrade, 1943:11-12).

Mário de Andrade coloca de um lado o *sequestro* como o recalque, esse silêncio, ausência de documentos oficiais que dessem conta do sofrimento gerado pela falta de mulheres. De outro lado, evoca o *sequestro* para dizer de processos distintos, que passassem por outro mecanismo: “Além de sequestros e desvios, o complexo da dona ausente provocou no populário diferentes sublimações” (Andrade, 1938:2). E adiante: “A sublimação da dona ausente provocou vários ciclos de cantigas que versam os mesmos temas básicos” (Andrade, 1938:2).

⁴⁵ Mário de Andrade dividiu o plano de seu estudo sobre o *sequestro da dona ausente* em três grandes temas, relacionando as imagens da poesia oral com os processos psicológicos que vinha estudando: um seria o “sequestro, no caso da sereia”; o segundo, o “desvio, no caso da cana verde”; e, por fim, “a sublimação, no caso das bandas d’além” (Carvalho, 2001).

Apesar daquele recalque evidenciado no silenciamento a respeito do tema da “dona ausente” na produção intelectual literária do período analisado por Mário de Andrade, Ricardo Carvalho (2001) comenta que o homem do povo no Brasil, na perspectiva do modernista, além de cantar a ausência da mulher, tratava de recuperar a sua forma através do manuseio artístico do barro ⁴⁶. Ele nos revela que os perigos do mar e da colonização exigiam dos marinheiros e colonos a castidade, a separação de corpos de suas mulheres. No entanto, a lembrança dessas se infiltraria de alguma forma no imaginário dos homens.

No livro *Será o Benedito!* Mário de Andrade identifica o *sequestro da dona ausente*, sugerindo que a produção artesanal das moringas de barro no Brasil, que retratam os contornos curvilíneos femininos, insinuariam uma espécie de “resolução” para a carência de mulher no país.

Uma das manifestações do barro cozido, no Brasil, são as moringas com forma de mulher. É uma tradição das mais graciosas, que daria lugar para algumas sedentas considerações de psicanálise... (Andrade, 1992 [1940] :91).

O que Mário de Andrade está trazendo é justamente essa possibilidade, diante da não realização amorosa, de destinar a energia do sujeito para outros fazeres.

O escritor dirá que, além do recalque, algumas “sublimações admiráveis” teriam se dado nesse processo: “Este símbolo novo nada recalca. A dona ausente está reconhecida e aceita como tal, e o marujo procura sublimá-la numa evasão que a suavize e facilite” (Andrade, 1943:12). Nesses casos, a ausência da mulher teria sido reconhecida, abrindo-se então ao marujo a possibilidade sublimatória, entendida aqui como algo que “suavizaria”, num sentido de descarga de alguma excitação.

Em carta a Fliess, datada de 1897, Freud aborda o tema da histeria e das fantasias históricas, descrevendo as mesmas como “estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem como auto-absolvição” (Freud, 2006 [1897]:296). Yeda Lage (2008) relaciona o sentido do termo nessa passagem a uma ideia de proteção, aquilo que possibilitaria e instigaria as pessoas a destinarem suas quotas sexuais à produção cultural. Apesar da recomendação do editor do texto freudiano, de que o termo não

⁴⁶ Neste ponto, é muito interessante a alusão à imagem do oleiro, presente no *O Seminário sobre a ética da psicanálise* (Lacan, [1959-1960] 1997), pivô da formalização lacaniana do conceito de sublimação. A partir dessa metáfora, Lacan aproxima o trabalho do artista àquele realizado pelo oleiro que, ao esculpir um vaso – através de movimentos rápidos e circulares – produz no espectador a sensação de que é do vazio que nasce o vaso, como borda quase invisível. Lacan nos lembra de que o vaso teria, como função primordial, aquela de “elevar alguma coisa”, acrescentando, como predicado, que essa coisa seria “um nada”.

surge, nesse momento, em seu sentido psicanalítico ulterior, percebemos que em alguns momentos Mário de Andrade confere justamente esse sentido ao termo *sequestro*.

A ideia de desvio das pulsões sexuais às contribuições culturais é esboçada em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, quando Freud pontua que certa repressão sexual, a curiosidade sexual advinda necessidade de ocultar o corpo imposta pela civilização, por exemplo, poderia ser “desviada (‘sublimada’) para a arte” (Freud, 2006 [1905] :148). Essa relação desenhada entre realizações culturais e sexualidade será uma constante em toda sua estruturação teórica não só sobre a sublimação, mas em todo seu ensino.

A ideia de desvio também aparece em Mário de Andrade quando ele traz, por exemplo, a figura da “caninha-verde” e dos símbolos, noticiada ainda pelo próprio escritor:

Um caso de mecanismo de substituição é ter-se desviado a noção da dona ausente para a caninha verde que ocorre em muitas dezenas de documentos de Portugal e do Brasil. O chamar-se mulher de “caninha verde”, já foi aliás antevisto por Leite de Vasconcelos (Andrade, 1938:s/p).

Mário de Andrade considera a presença das imagens da sereia e da cana-verde, recorrentes no folclore luso-brasileiro, como “símbolos” do que ele chamou de “complexo da dona ausente”. Ele fundamenta os termos “complexo”, como vimos anteriormente, e “símbolo” a partir de Baudouin. O símbolo é entendido pelo autor como um sistema de vários termos que se juntariam pelas “leis naturais da imaginação e do sonho”. Assim, o mito da sereia representaria a mulher desejada, mas evocaria a imagem materna, de acordo com o complexo de Édipo. A “cana-verde” receberia conotação sexual por reunir em si a representação da dona ausente aliada à forma fálica da cana.

A partir da junção de suas leituras psicanalíticas com seu estudo sobre o folclore, Mário de Andrade passa a conceber a imagem da mulher barqueira como uma produção onírica, naquele sentido apontado por Freud como realização de desejo. A leitura empreendida por Mário de Andrade sobre o tema dos sonhos, no entanto, não parece ter sido feita de a *Interpretação dos Sonhos*, mas do livro de George Politzer, *Critique des Fondaments de la Psychologie*.

Uma das primeiras e notáveis “transposições” da dona ausente, segundo Mário de Andrade, está em dar nomes de mulher às embarcações:

Mulatinhas são barquinhos,
As crioulas são saveiros
Que belas embarcações
Para embarcar marinheiros! (Andrade, 1943:10).

Outro exemplo seria a comparação entre mulher e peixe, generalizada no folclore luso e brasileiro:

Fui ao mar caçar peixinhos,
 Cacei uma rapariga:
 Si eu assim caçara sempre,
 Eu nunca do mar saíra (Andrade, 1943:11).

Essas transposições, de que nos fala Mário de Andrade, às vezes aparecem ainda como substituições, uma estratégia que os barqueiros, marujos e colonos inventavam para dar conta daquilo que lhes afligia, operando tal qual um mecanismo de formação de compromisso.

Entre 1928 e 1929, Mário de Andrade recolheu romances melódicos das canções populares em João Pessoa, Paraíba. Um deles, o romance da *Nau catarineta*, parte mais importante da *Chegança de Marujos* – danças dramáticas populares do ciclo da navegação que celebravam as lutas entre cristãos e mouros e sintetizavam as estórias marítimas vividas contadas pelos navegantes portugueses, reúne essa transposição indicada por Mário:

Quand'u má quebra na proa, Oi-pá!
 Dest'anau Catarineta,
 Tenho soudades da terra, oi-pá!
 Da quirida Julieta!

- Oi-pá! Oi-pá,
 Oi as onda du má vão quebra!

Cum risco de uma turmenta,
 A minha nau naufragava;
 Cum berros du oceanos
 Meu peito hei-de istragá!

A vida du marinheiro
 É uma vida de labô;
 Quando pensa que é discanço
 É quando atir'u vapô.

Cum risco de uma turmenta,
 A minha nau naufragava;
 Cum berros du oceanos
 Meu peito hei-de istragá!

A vida du marinheiro
 É uma vida de labô;
 Quando pensa que é discanço
 É quando atir'u vapô (Andrade, 1982).

Em seu breve artigo *Tipos de desencadeamento da neurose*, em que aborda as condições que levariam os neuróticos a adoecerem, Freud (2006 [1912]) retrata a sublimação como possibilidade para o sujeito se manter saudável, uma espécie de escudo contra o adoecimento psíquico. A conclusão a que se chega é que todo adoecimento, invariavelmente,

estaria relacionado ao aumento da cota de libido no eu, vivenciado como frustração (*Versagung*), para qual a sublimação operaria como uma possibilidade de renúncia da satisfação libidinal, direcionando a mesma para objetivos sem conotação erótica.

No segundo de seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud baliza o campo da sublimação, dando a ela nuances de construção cultural, intimamente relacionada aos estágios da sexualidade, particularmente, ao período de latência sexual. A sublimação é colocada novamente como um desvio, um direcionamento das moções sexuais do uso sexual para outros fins:

mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais (Freud, 2006 [1905] :167).

Nesse ponto do texto, Freud aborda as moções sexuais em seu caráter perverso e poliformo e as forças anímicas contrárias despertadas por elas, responsáveis por gerar sentimentos de asco, vergonha a moralidade.

Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais) (Freud, 2006 [1905] :167).

Guilherme Massara Rocha nos atenta para a aproximação existente entre esses sentimentos, apresentados por Freud como “diques psíquicos”, e aqueles relativos, no quadro da metapsicologia, às “forças de inibição do recalque” (Rocha, 2010:46). O autor então sugere que esses sentimentos, usualmente reconhecidos no contra-investimento da libido recalçada, possam oferecer uma vereda substitutiva à satisfação libidinal, qual seja, a sublimação.

Tanto Kátia Botelho de Carvalho (2001) quanto Yeda Lage (2008) insistem que, desde o início, já se insinua uma dimensão de proteção e defesa no conceito de sublimação nesse momento da obra freudiana. Para as autoras, Freud não distingue precisamente a sublimação das formações reativas (repugnância, moralidade, vergonha). Elas lembram que a via para realização da formação reativa se confundiria com a via de realizar a sublimação. No entanto, em nota de rodapé acrescentada em 1915, Freud faz questão de diferenciar os dois processos, tratando-os por mecanismos conceitualmente diferentes, apesar de pontuar que “a sublimação das forças pulsionais efetua-se pelo caminho da formação reativa” (Freud, 2006 [1905] :168).

Adiante, na conclusão do texto dos *Três ensaios*, em que apresenta a perversão, o recalçamento e a sublimação como desfechos da disposição constitucional, Freud classifica a formação reativa como “uma subvariedade da sublimação”(Freud, 2006 [1905] :225). A esse respeito, comentará Lage:

Considerar a formação reativa como uma subvariedade da sublimação amplia, de certo modo, o campo da sublimação. Podemos deduzir, a partir dessa indicação, a possibilidade de existirem formas sublimatórias que não sejam defensivas, porém, nessa primeira fase das formulações freudianas, o destaque é dado à sublimação como defesa, como proteção e fuga do sexual (Lage, 2008:25).

A sublimação é tomada por Freud como mais uma vicissitude possível para a pulsão (*Tribschicksale*). Tal conceito permite a Freud articular, a partir dos pontos de vista econômico e dinâmico, aquelas atividades sustentadas por um desejo que não se orienta, de forma direta, a um fim sexual. Na sublimação, a pulsão se dirige a uma finalidade destoante da satisfação sexual.

Se a finalidade pulsional é sempre a satisfação, como nos indica Freud, isso não quer dizer que a finalidade biológica sexual – ou seja, a reprodução – seja o esperado. Por seu caráter distinto com relação ao instinto, a pulsão não tem objeto fixo e tampouco logra a satisfação por atingir seus objetos. Lacan ([1959-1960] 1997) irá nos dizer que a pulsão contorna o objeto. Em sua montagem, a pulsão traçaria um percurso, partindo da zona erógena, circundando o objeto e retornando ao próprio corpo. Seu alvo, nesse sentido, seria esse circuito, sua reversão fundamental.

No seu texto *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud (2006 [1915]) comenta que as pulsões sexuais imbricam-se em funções radicalmente distantes daquelas originais, ligadas à meta sexual. Assim, vai nos dizer que não é com facilidade que a pulsão obtém satisfação, antes, no entanto, passando por caminhos, destinos que muitas vezes exigem certa modificação. A sublimação é asseverada por Freud, e posteriormente por Lacan ([1959-1960] 1997), como esse destino da pulsão que não envolveria o recalçamento. Assim, no processo sublimatório, o modo de satisfação pulsional seria diferente daquele produzido via sintomática, por exemplo, que se daria via uma substituição significativa – e a satisfação pulsional adviria na medida em que seus representantes fossem recalçados.

Tratar-se-ia, na sublimação, de um modo muito particular, ao mesmo tempo paradoxal, de satisfação pulsional, uma vez que a sexualidade, seguindo as indicações freudianas, poderia passar pela sublimação sem abarcar o recalque. Através do processo sublimatório, nos

orienta Freud, é admissível que se atenda às exigências do ideal egóico sem que o recalque esteja envolvido.

Freud aponta para a investigação intelectual e para a atividade artística como figuras da sublimação, o que aponta para a produção de objetos socialmente valorizados e, no seu texto *O mal-estar na civilização* (2010 [1930]) lembrará o trabalho profissional, comum, como uma fonte especial de satisfação pulsional, uma vez que deslocaria grande quantidade de componente libidinal, possibilitando o aproveitamento cultural de certas inclinações agressivas, eróticas, narcísicas de cada sujeito. Em *Uma recordação infantil de Leonardo Da Vinci*, Freud (2006 [1910]-b) apontará o enlace entre o que denominou de pulsão de investigar – localizada no mestre renascentista, com interesses sexuais, sugerindo que a libido escaparia ao destino do recalque e então sublimaria na vontade de saber e de pesquisar.

4.4 Esclarecimentos sobre o sequestro

Carvalho (2001) elucida o apontamento freudiano de 1914, em *Introdução ao narcisismo*, de que a sublimação passaria pela ideia de uma saída que cumpriria as exigências egoicas sem, no entanto, dar lugar ao recalque (*ohne die Verdrängung herbeizuführen*). Neste momento, fica clara para nós a importância de situar a sublimação em relação ao recalque. A sublimação de fato poderia prescindir do recalque, uma vez que a tomamos como um processo que permite o cumprimento das exigências egoicas “sem dar lugar ao recalque”, retirando a possibilidade de fortalecimento do recalque originário, uma vez que a repulsa do sistema consciente não estaria aí operando como na idealização, por exemplo. Dito de outro modo, as forças do consciente não estariam cooperando com as forças de atração empregas desde o recalque originário.

Nesse sentido, a sublimação excluiria o recalque? Podemos concordar com aquela suspeita de Mário de Andrade, de que uma vez que algumas “sublimações admiráveis” teriam sido possíveis com a produção folclórica que teria dado conta da não realização amorosa foi porque não teria havido o recalque? Na verdade, nos dirá Carvalho, o recalque já estaria posto. A sublimação, no entanto, possibilitaria à pulsão encontrar saídas que, de certa forma, desfavoreceriam ou enfraqueceriam o processo do recalque, não reconduzindo ao mesmo, de certa maneira (2001).

A esse respeito, Freud (2006 [1910]-a) indica na *Quinta Lição* uma contraposição entre o recalque e a sublimação. Ele comenta que um possível desenlace do trabalho psicanalítico

seria possibilitar às pulsões inconscientes descobertas uma aplicação consonante com os fins que já deveriam ter encontrado. Essa solução mais adequada, dirá Freud, é a sublimação;

pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de ordem sexual. Exatamente os componentes da pulsão sexual se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social. Ao reforço de energia para nossas funções mentais, por essa maneira obtido, devemos provavelmente as maiores conquistas da civilização. O recalque prematuro exclui a sublimação da pulsão recalçada; desfeito aquele, está novamente livre o caminho para a sublimação (Freud, 2006 [1910]-a).

Freud e psicanálise, sobretudo a partir de toda formulação que adviria com o *Mal-estar na civilização* (Freud, 2010 [1930]), permitiram ao mundo conhecer a ciência de que toda a cultura humana teria sido possível à custa da satisfação pulsional, o que evidenciou a relação direta entre a renúncia à satisfação e a construção da civilização. Essa é uma ideia que não está somente presente nesse texto, mas que perpassa a obra freudiana como um todo. Em suas *Conferências Introdutórias*, por exemplo, Freud nos lembra que o ingresso do sujeito na comunidade exige esse sacrifício da renúncia à satisfação. Aquelas forças pulsionais pertencentes às moções sexuais desempenharão papel de destaque nesse processo: serão sublimadas, desviadas de suas metas sexuais para aquelas socialmente mais elevadas (Freud, 2006 [1915-1917]).

A capacidade sublimatória estaria associada fortemente à capacidade de cambiar a meta sexual originária por outra, não sexual. No entanto, essa possibilidade de deslocamento das metas sexuais não se daria da mesma forma para todos os sujeitos. De certa maneira, Freud colocava ênfase ainda na organização congênita da montagem pulsional e seu montante passível de sublimação (Freud, 2006 [1908]). Apesar desse fator congênito, o texto sobre *Leonardo da Vinci* pode ser elucidativo nesse sentido. Ali Freud comenta que grande parte dos indivíduos consegue flexionar considerável montante de suas forças pulsionais para as atividades educativas e profissionais, sendo que, no caso de Da Vinci, “a maior parte das necessidades de sua pulsão sexual puderam ser sublimadas numa ânsia geral de saber, escapando assim do recalque” (Freud, 2006 [1910]-b:88).

A sublimação pensada como esse processo apoiado em uma ideia de elevação moral – e que envolve uma condução da aspiração sexual que acaba deslocando sua meta do prazer parcial/prazer da reprodução para uma meta dita social, menos egoísta - (Freud, 2006 [1915-1917]) nos leva de volta ao que Mário de Andrade postulou acerca do *sequestro* e da formação cultural do Brasil.

Especialmente para a pesquisa sobre o *sequestro da dona ausente*, que vai dar tratamento ao amor na cultura popular, Mário de Andrade ultrapassa o mero esforço de aplicação da psicanálise ao espectro artístico. O autor se instrumentaliza dos motivos psicológicos, de fato, mas ainda se debruça sobre o substrato afetivo do povo, documenta romances, quadras, contos, ditos, refrões, lendas, para indicar causas históricas, sociais, culturais e psíquicas do fenômeno, ou complexo, que chamara de *Sequestro da Dona ausente*. Mário afirma ter diagnosticado o *complexo* que estaria imbricado no sentimento amoroso do brasileiro, sentimento, segundo o mesmo, que de forma sublimatória teria sido fortemente explicitado na criação popular.

A ausência da mulher branca no Brasil colonial foi depurada após a análise de centenas de documentos:

Frei Gaspar indica 1536 como data de entrada da primeira portuguesa em S. Vicente... (...) Tomé de Sousa, porém, trouxe, na certa, 1549, os mais provavelmente ‘alguns casais’ de que fala Paulo Prado, em vez dos ‘muitos casais’ garantidos pelo Visconde de Porto Seguro e os que o seguiram. Mas o que eram essas poucas donas, inda por cima casadas, numa flotilha de gente que contava 600 soldados e 400 degradados?... Em 1551 enfim chegavam as primeiras solteiras, as órfãs que a rainha D. Catarina mandava numa nau sem naufrágio para que caíssem aqui (Andrade, 1940:2).

As mulheres faziam sentir duramente a sua falta e logo principiam as queixas da América pedindo mulheres, mulheres. Não citarei a conhecidíssima carta de Manoel da Nóbrega. Frei Miguel São Francisco, exaltando as benevolências da terra de São Paulo, pedia a el-rei que mandasse para cá 200 casais de gente de Entre-Mouro e Minho. E de lá mandavam algumas órfãs e as “quaisquer” de que falara Nóbrega (Andrade, 1940:2).

É interessante notar no pensamento de Mário de Andrade a importância que o autor concedia a esse “voto de sacrificio de castidade” do homem português e do novo brasileiro que, para o autor, teriam fincado marcas profundas na alma colonial do país. As manifestações folclóricas do período teriam sido, para Mário, a marca viva da importância de processos psíquicos para a construção de uma cultura popular. O escritor se serve de vários conceitos e noções psicanalíticas para formular essa percepção.

O exercício de abordar a sublimação dentro da teoria freudiana exige certo comprometimento com demais conceitos e noções do campo da psicanálise. Termos como “formação reativa”, “idealização” foram, por muitas vezes, confundidos com a própria sublimação e seria ainda preciso abordar as particularidades de cada um com o devido cuidado. Estaria aí talvez uma das razões para os “embaraços” detectados na relação de Mário de Andrade com os conceitos psicanalíticos. No entanto, naquelas passagens de sua obra em

que Mário apresenta aquilo que chama de “manifestações psicológicas” decorrentes do efeito da ausência de mulheres na colônia portuguesa no Brasil, o escritor lança uma novidade para os estudiosos do seu projeto. Ora, se o sequestro, como vimos, teria sido retirado justamente do conceito de recalque, é válido acompanhar a indicação de Mário do termo sublimação, chegando a pontuar a “sublimação da dona ausente”. Nesse sentido, a aproximação que o autor coloca entre recalque e sublimação nos parece um ponto interessante para que retornemos a esses textos, numa perspectiva de agenda futura de pesquisa.

MOMENTO DE CONCLUIR

Os homens são fortes enquanto representam uma ideia forte (...). Para concluir, quero expressar o desejo de que a sorte proporcione um caminho de elevação muito agradável a todos aqueles que acharam a estada no submundo da psicanálise desagradável demais para o seu gosto. E possamos nós, os que ficamos, desenvolver até o fim, sem atropelos, nosso trabalho nas profundezas.

Sigmund Freud

A escrita desta dissertação foi atravessada por eventos que, de certa forma, mostraram a atualidade desse assunto que insiste no país há, pelo menos, quinhentos anos: a questão da brasilidade.

As comemorações dos noventa anos da Semana de 1922, assim como os protestos de junho de 2013 que ocuparam as ruas do país, gerando uma guerra de interpretações sobre as “vozes rebeldes”, atualizam a necessidade de se convocar um pensamento crítico nacional, que seja ainda independente, capaz de trazer a nosso campo de saber e investigação – qual seja, a psicanálise – o investimento necessário para analisar os fatos recentes e historicamente longínquos da história do país.

Se por algum momento essas manifestações foram interpretadas como terremoto, algo capaz de perturbar, ainda que durante algumas semanas, a ordem de um país “harmônico e próspero”, após uma década de relativo crescimento econômico e promoção de políticas sociais, podemos ainda contemplar certo renascimento de um movimento questionador, ainda que concordemos que a “voz das ruas” não tenha sido uníssona (Maricato *et al.*, 2013). “O que parece ser comum a esse povo é ser sempre mordido por essas perguntas, cujas respostas soam sempre incompletas e insatisfatórias” (Pinheiro *apud* Facchinetti, 2001:174).

O tema da construção da identidade nacional é reatualizado nesses nossos tempos. O processo de colonização e descolonização nacional sempre apresentou como um movimento dinâmico na relação com nosso Outro colonizador. Num primeiro momento, se a nação se integrou sob a égide do discurso ocidental dominante, em outros ela rompeu com esse discurso, construindo possibilidades de expressão de sua singularidade (Facchinetti, 2001).

A psicanálise é importada, por assim dizer, nesse momento ímpar em que o discurso sobre a identidade nacional se empenhava em ganhar representatividade na cultura para que

fosse possível que se estabelecesse de fato. O impasse que desembocou na construção de um projeto nacional apontava, por um lado, para a eugenia, para a civilização europeia como modelo de civilização, e, por outro lado, buscava também o discurso modernizante para dar credibilidade a esse projeto.

O empuxo modernizador trouxe para o horizonte nacional a necessidade de “domesticar” as resistências políticas, civis, militares, indígenas, negra, dos quilombos, aquilo que resistia a ser unificado nacionalmente, e, paradoxalmente, uma busca ideológica pela constituição do brasileiro, marcada por uma consciência crítica fortemente estética, que buscava recontar a história do país, trazendo à tona os furos nos ideais da nação. A inclusão do que havia sido excluído do discurso oficial tornava possível a relação com o Outro europeu, Outro colonizador, a partir de um afastamento da condição de colonizado, produzindo novos modos de se pensar a brasilidade, a identidade.

A psicanálise, apresentando-se como um desses discursos modernizantes, se enovela nessas duas modalidades de pensamento: no campo social, figurando-se como possibilidade e instrumento de leitura diagnóstica, como terapêutica, como recurso à fundamentação teórica e prática dos adeptos da eugenia do período e, ainda, no campo da subjetividade, quando alimenta os questionamentos sobre a identidade e sobre a concepção do sujeito que intenta se descobrir brasileiro.

A partir da revisão da leitura sobre a história do movimento psicanalítico, percebemos que o fenômeno da diáspora psicanalítica permanece ainda externo ao campo da psicanálise. Frequentemente é assunto de interesse de sociólogos, filósofos, historiadores ou daqueles psicanalistas restritos à narrativa histórica de uma ou outra escola específica de psicanálise. De toda forma, a difusão da psicanálise não se dissocia de sua construção. O impacto das ideias freudianas sobre a prática clínica sempre seu deu à medida que seu discurso se associa a outros ramos do conhecimento. O próprio Freud disserta sobre a vinculação da psicanálise com áreas vizinhas de conhecimento em seu texto que aborda o interesse específico que vários campos de saber têm com relação à sua disciplina (Freud, 2006 [1913]).

De certa forma, a relação da psicanálise com as artes, com temas da vida cotidiana – como o tema do escolar, da pedagogia, por exemplo – passa a existir concomitantemente ao próprio surgimento da teoria psicanalítica.

A difusão e a popularização de várias dimensões da obra e do pensamento de Freud influenciaram diferentes setores da vida cotidiana como a nossa relação com os sonhos e os acidentes, a nossa linguagem, o modo como educamos nossos filhos, nossas concepções de sexualidade, as artes que consumimos etc. (Figueira, s/d.:159).

Assim como a polifonia de vozes foi escutada no país em meados de 2013, o discurso sobre a psicanálise no Brasil também não é unísono. Ao longo dessa pesquisa, localizamos pelo menos duas vias de incorporação das ideias freudianas. Apesar de apresentar objetivos e leituras muito diferentes no que diz respeito ao discurso psicanalítico, o acompanhamento da inserção da psicanálise no país pelo modernismo e pelo higienismo tornou claro que, por mais que esses discursos tenham se enfrentado na busca pela hegemonia de sua autenticidade, ambos faziam parte desse projeto maior de construção da identidade nacional, sendo duas vias para a modernização desse Brasil-nação.

Uma fileira de psiquiatras se apropriou da psicanálise, conferindo à mesma o reconhecimento social, tomando a mesma como instrumento terapêutico, o que operou como um dos pilares da difusão da psicanálise no ambiente médico. A expectativa da apropriação psiquiátrica da psicanálise pode ser compreendida a partir da possibilidade que a teoria freudiana fornecia ao saber médico para a leitura e compreensão da sociedade brasileira sob um viés interpretativo radicalmente novo, como resposta à questão que circulava sobre como fazer do Brasil um país civilizado e moderno.

O indivíduo brasileiro pretendido pela eugenia psiquiátrica era aquele “mentalmente saudável”: branco, puritano, xenófobo, racista, chauvinista, antiliberal: “Era o desejo narcísico do psiquiatra que aspirava a ver-se multiplicado em milhões de corpos e psiquismos. O psiquiatra seria a norma psicossomática do indivíduo brasileiro” (Costa, 1989:62).

A partir de tal apropriação, a psicanálise foi tomada como ciência universal, portadora de um discurso verdadeiro sobre a sexualidade, o que imprimia uma leitura que transformava radicalmente as interpretações do texto freudiano, conferindo ao mesmo um caráter médico, experimentalista e moralizante. O trabalho da medicina desse período se esforçava por reparar as debilidades sociais do povo, e nesse sentido, a questão da raça, da sexualidade, tornavam-se centrais no processo de higienização.

Soma-se a tal empreendimento a questão da circulação das *Obras Completas de Freud* na língua portuguesa a partir da tradução inglesa. Tal tradução, fortemente marcada pelo empirismo e experimentalismo inglês, teria sido responsável ainda pela transformação do texto freudiano em algo mais hermético (Hanns, 2004) que, colado à ideologia normatizante da medicina psiquiátrica de então, seguia na direção da construção de uma nação civilizada, moderna, inserida no rol da ordem e do progresso.

Na perspectiva psiquiátrica da época, a ideia de civilização passava pela crítica aos comportamentos e normas sociais pautando-se, para isso, na mera “repressão dos instintos”. Atingir um grau razoável de civilização só seria possível a partir do desenvolvimento de bases

equilibradas e harmoniosas para o desenvolvimento “normal” dos indivíduos. Nesse ponto, a psiquiatria local ancorou sua justificativa no fato de que, para superação dos males diagnosticados, seria preciso ajustar o comportamento anormal, como a criminalidade, a prostituição, o alcoolismo, as doenças sexuais e demais “*taras hereditárias*”.

Na contramão dessa corrente, emerge outro viés de incorporação do discurso freudiano; a classe de artistas e intelectuais que compunha o movimento modernista brasileiro. Esses personagens pretendiam, em sua assimilação de projeto para a identidade nacional, uma busca ao primitivo e desconhecido no interior nacional, ao invés de que se propusesse uma regeneração e moralização para se atingir a modernização. A aposta higienista de uma unificação racial, de conduta sexual, da identidade como um todo não reverbera entre esses intelectuais do modernismo. Ao contrário, parece-nos tratar, nesse caso, de certa ode à heterogeneidade. Assim, a leitura modernista parece-nos contrastar frontalmente com os apelos do discurso psiquiátrico da época ainda que tenha proposto, como esses, uma busca por um projeto identitário nacional. O higienismo psiquiátrico buscava, sobretudo, “sanear” o primitivismo, o arcaico nos andaimes da identidade nacional, tratando-se de uma moral muito mais da depuração do que da indexação do primitivo ao processo civilizatório brasileiro.

Um desses modernistas leitores de Freud, Mário de Andrade, se empenhou vigorosamente no processo de responder aos questionamentos incessantes sobre a singularidade desse povo, diferente da referência europeia, mas nem por isso menos rico. Ao adentrar o interior do país, buscando o sertanejo, o negro, o caboclo, o índio, o folclore, Mário redescobre o Brasil, algo que teria sido possível a partir da lente de um europeu: Sigmund Freud. Nesse sentido, o modernismo alia o que há de particular – o saber popular – com o universal do campo da ciência – a psicanálise. Ao ler Freud para ler o Brasil, Mário nos presenteia com uma arte transformada e interessada, expressa a partir das ideias de impulso, simultaneidade, ansiosa por destruir as barreiras geográficas da língua, arte engajada em romper com os bloqueios oficiais da língua portuguesa, promovendo o fluir daquilo que havia sido recalcado. Através do projeto revolucionário de dar voz ao Brasil ainda incógnito, aquele por se descobrir, Mário de Andrade apresenta o *sequestro*, conceito inspirado radicalmente na psicanálise, que serviu como vinculação de suas leituras freudianas ao estudo da cultura popular, buscando na voz do povo aquilo que Freud indicava.

Temos a impressão de que a busca de Mário por esse objeto do sequestro nacional assinala a tentativa de apreensão de algo que teria, de certo modo, faltado ou restado inapreensível na tradição histórica do país. Ao fotografar um varal de roupas vazias – o varal freudiano, as roupas *refoulentas*, algo esvaziado de corpo-, a sensação que nos dá é de uma

tentativa do artista de bordejar algo que não se apresenta forrado de corpo nenhum. Parece-nos que Mário apostava na ideia de que a memória nacional teria sido forjada a partir de um recalque (sequestro) primordial. Nesse sentido que Mário apontava para algo de uma tradição que precisaria ser resgatada, uma vez que teria sido *sequestrada* do povo.

Nós já temos um passado guaçu e bonito pesando em nossos gestos; o que carece é conquistar a consciência desse peso, sistematiza-lo e tradicionalizá-lo, isto é, referi-lo ao presente (Mário de Andrade *apud* Santiago, 2008:15).

Ninguém sabe ao certo o porquê de Mário ter optado pela tradução de sequestro ao invés de recalque. No entanto, os sentidos de “tomada violenta”, “afastamento de lugares ou coisas perniciosas”, presentes nos verbetes “sequestro” nos dicionários de Mário, sinalizam que esse termo tenha sido, para ele, mais expressivo que o termo recalque.

Palavra de honra que não sei me analisar bem. Deve de ter qualquer sequestro nisto. Em geral chego a perceber quais são os sequestros que me levam a praticar certos atos mas aqui não. [...] (Correspondência de Mário de Andrade a Manuel Bandeira [27/11/1927] em Moraes, 2001:365-366)

Em seus próprios termos, Mário de Andrade se empenhou na tentativa de reinterpretar o legado europeu, o folclore nacional, realizando, a partir dessas matrizes, “a poesia mais psicológica possível”. Para o escritor, não haveria “verbo, palavra, pontuação que não se justifique pela psicologia” (Moraes, 2001:16). O mergulho na experiência com a fala, com a blague, chistes e expressões do povo brasileiro, permitiu a Mário de Andrade a construção de um projeto que, servindo-se da teoria freudiana, impulsionou sua polifonia poética, além de nos legar material rico e importante para a visualização dos alcances do próprio campo psicanalítico.

Macunaíma, um dos livros mais representativos e importantes da produção literária nacional do século XX, obra-prima do modernista, revê criticamente o passado literário brasileiro, resgatando suas formas de expressão, redescobrimo-relendo o país. A partir dessa primeira leitura da obra de Mário de Andrade, buscando ali rastros da psicanálise lida pelo escritor, parece-nos se tratar, com o termo sequestro e toda a implicação que o mesmo traz no que se refere ao campo cultural, de uma espécie de denúncia de uma forclusão, da ausência de um arcabouço simbólico que alinhava aspectos da relação dos sujeitos ao Outro e que passem, conforme Mário de Andrade, por toda uma plêiade de heterogeneidades: os atos, os ditos, o andar, os modos de abordagem do próximo. Se, como nos diz Mário, “os franceses o têm e os iorubás também”, talvez isso reforce a tese de que o caráter, para o escritor, dependeria da

formação de certo supereu social apto a regular/desregular a racionalidade coletiva de um povo. Às origens da consciência nacional brasileira parece ter sido “suprimido” (sequestrado) esse significante Nome-do-Pai: a transmissão da tradição é precária, fragmentária, contraditória. O Estado, corrompido desde as origens, não ofereceria contornos estáveis de seus determinantes, algo que amarraria o sujeito em algo que o antecede e o localizaria nas histórias de sua própria cultura. O povo, alienado e ávido pelas benesses concedidas menos por méritos do que por relações e contatos, fixaria a consistência desse “monstro indeciso” que é o Brasil.

O sem caráter em Mário de Andrade não seria necessariamente o vil, mas aquele indeciso quanto à sua identidade e, nesse sentido, o brasileiro não seria dotado de caráter justamente por ser órfão de sua tradição e raízes. Macunaíma, esse herói surpreendentemente sem caráter, é aquele que escancara a indecisão de um povo que não conseguiria assumir percurso civilizatório. “Glutão, indolente, lascivo e devasso, ele é o exemplo mais claro do indivíduo patológico, inteiramente orientado pelas inclinações sensíveis” (Teixeira, 2007:27).

Seguindo a recomendação apontada por Antônio Teixeira, para pensar no retrato que o personagem pode representar do Brasil, é mais interessante que abordemos essa representatividade como aquela que elucida a impossibilidade de ser definir uma síntese dessa identidade. Nessa ótica, “herói sem nenhum caráter quer igualmente dizer: herói de uma identidade impossível, herói proteiforme, de imagens desconcentradas e incoerentes” (Teixeira, 2007:27).

Ao mostrar o Brasil ao Brasil, Mário de Andrade indubitavelmente busca revelar aquilo que seria constitutivo da identidade nacional, mas que, por algum motivo, segundo o artista, não pudemos ter acesso, uma vez que teríamos sido aliados do processo civilizatório autóctone.

Essa metáfora da metamorfose que Macunaíma reflete, irá nos dizer Teixeira, anuncia a impossibilidade de sintetizar a determinação de uma identidade. A indeterminação e o caráter de surpresa que Macunaíma nos revela se dá justamente pela miríade de interpretações possíveis a nosso herói:

Temos assim Macunaíma, o plagiador; Macunaíma, o contrabandista; Macunaíma, a francesa; Macunaíma, o embusteiro e, sobretudo, o herói da falácia e dos jogos de linguagem, herói do sofisma e da metamorfose que transforma São Paulo, a civilização do trabalho, num grande bicho-preguiça (Teixeira, 2007:28).

Chama-nos muito a atenção a forma como Mário pretende escrutinar os fundamentos do imaginário social do Brasil, desde suas origens coloniais, com vistas talvez a captar uma espécie de espírito ou consciência coletiva. No fundo, em nossa gramática freudiana, parece-nos uma tentativa de compreensão dos contornos de um Outro, das matizes de um supereu social. Fica a impressão de que o *sequestro da Dona Ausente* serve então para denunciar um ponto de indizível no interior da racionalidade social que se entrevê no discurso popular. A “dona ausente” se presentifica como uma espécie de entidade mítica no imaginário popular e, ao mesmo tempo, se ausenta enquanto objeto de análise de nosso processo civilizatório. Sob o aspecto de sua presença, talvez a sublimação seja mesmo a via de recuperação disso. Mas a ausência, em contrapartida, parece ser algo sintomático.

Acompanhar de maneira mais pormenorizada o gênio de Mário de Andrade exige esforço intelectual que ultrapassa uma produção como esta que ora se apresenta e que deve chegar ao seu fim. A insuficiência dessas linhas, contudo, se apazigua na medida em que nos convoca ao resgate da relação entre o empuxo modernizador de constituição nacional aliada à consciência ético-estética que Mário de Andrade delineou em seus textos a partir do encontro com as ideias freudianas. O tratamento dado à subversão radical da língua, ponto nevralgico da produção mariodeandradiana, bem como a recuperação de uma nova fala nos evidenciam que a via da linguagem foi ponto privilegiado por Mário. O escritor jogou com os sentidos e ainda com a falta de sentidos fixos e estereotipado dos signos, em que coisa e palavra se relacionam de maneira particular. Mário, por vezes um “excelente freudiano”, escuta e escrutina as produções do povo, justificando a sua ida até ele para produção de conhecimento:

Sou de opinião que o povo jamais diz “disparates” quando canta, a não ser quando é o próprio disparate cômico a finalidade da cantiga. Tudo tem significação funcional e coletivizável (Andrade, 1943:13-14).

O empreendimento de recontar historicamente, socialmente, psicanaliticamente o discurso do Brasil sobre o Brasil tem nos permitido re-situar a leitura da nossa disciplina, considerando os atravessamentos das questões particulares locais, uma vez que não existe uma psicanálise propriamente neutra ou desconectada do seu entorno. Essa investigação implica contemplar a nossa história cultural, entendendo ainda que o sucesso historicamente desenhado da psicanálise no país, como campo de saber e como prática clínica, é diretamente relacionado aos campos discursivos já estabelecidos e aos quais ela se filiou e auxiliou nos processos de autoconhecimento.

Por fim, fica para nós que a psicanálise, como uma produção cultural, transpassou a fronteira de sua cultura originária, sofrendo várias transformações. O campo cultural que a recebeu no país só a efetivamente adotou, como vimos, após haver integrado a mesma a uma série de significações e matrizes próprias e particulares. Não é interessante a prática da negação ou da subestimação no que se refere à incorporação das ideias e práticas psicanalíticas no país, uma vez que não refletir sobre esse passado nos leva à ignorância sobre o nosso presente e a uma prática corrente de delegar às matrizes europeias o exercício de pensar e propor o futuro desta disciplina.

Nesse sentido, esta dissertação aposta no processo de apropriação de si mesmo que a psicanálise pode fazer com relação ao seu percurso. O resgate dessa memória nos serve como elemento ainda de desconstrução e de encontro com o novo. Conhecer a leitura freudiana de Mário de Andrade, por exemplo, permitiu voltar ao próprio texto freudiano para interrogá-lo, redescobri-lo, servindo ainda para contemplar o “milagre” que se apresenta a partir da leitura que um artista faz de um cientista, sem a preocupação com a rigidez dos conceitos. É preciso ainda dar sentidos a esses estranhamentos todos levantados ao longo da pesquisa: uma vez contada a história da psicanálise no Brasil, ainda que sob recorte específico, retomando o veio da estética e da medicina, sentimo-nos mais munidos para empreendimento de uma discussão futura que passa pela compreensão da possibilidade de sinalizar a existência de uma *psicanálise brasileira*. Falarmos da psicanálise **no** Brasil nos permite dizer de uma psicanálise **do** Brasil? A questão está lançada, bem como o convite para a discussão. Mas aí são outros *quinhentos*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, Carlos Drummond de. (2008). Alguma poesia. In Carlos Drummond de Andrade (Ed.), *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Andrade, Mário de. (1938). A dona ausente. Resumo não assinado da Conferência de Mário de Andrade. *Boletim da Sociedade Etnográfica e Folclore*, 1(4), 1-2.
- _____. (1940). De um país sem mulheres. *Mensagem*, 1(12), 1-7.
- _____. (1943). A Dona Ausente. *Atlântico*, 3, 9-14.
- _____. (1944). A propósito de Amar verbo intransitivo. In Mário de Andrade (Ed.), *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica.
- _____. (1972). *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins.
- Andrade, Mário de. (1980 [1923]). A escrava que não é Isaura. In Mário de Andrade (Ed.), *Obra imatura*. São Paulo: Martins.
- _____. (1982). *Danças dramáticas do Brasil* (Vol. 1). Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- _____. (1983). In José César Borba & Marco Morel (Eds.), *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- _____. (1992 [1940]). *Será o Benedito!* São Paulo: EDUC/Giordano/AG. Estado.
- _____. (1993 [1920]). *A arte religiosa no Brasil*. São Paulo: Experimento, Giordano.
- _____. (2001). *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (32 ed.). Texto revisto por Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier (Coleção dos Autores Modernos da Literatura Brasileira).
- Andrade, Oswald de. (2011 [1923]). O esforço intelectual do Brasil contemporâneo. In Oswald de Andrade (Ed.), *Estética e política*. São Paulo: Globo.
- _____. (2011 [1929]). Um livro pré-freudiano. In Oswald de Andrade (Ed.), *Estética e política*. São Paulo: Globo.
- Assoun, Paul-Laurent. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1991). *O freudismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Athayde, Tristão de. (s.d). Romancistas ao sul. *O Jornal*(Série Matéria Extraídas de Periódicos, Arquivo Mário de Andrade, IEB, USP).
- Ayrosa, Carneiro. (1934, janeiro-março de 1934). O alcoolismo – suas raízes psicológicas segundo a psicanálise. *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, ano VII, 17-26.
- Bandeira, Manuel. (1996 [1925]). Evocação do Recife. In Manuel Bandeira (Ed.), *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Baudouin, Charles. (1929). *Psychanalyse de l'art*. Paris: Félix Alcan.

- Bicudo, Virgínia. (1948). Contribuição para a história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 6, 69-72.
- Boaventura, Maria Eugenia. (1995). *O salão e a selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Editora Ex Libris.
- Bosi, Alfredo. (2006). *A história concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix.
- Bourdieu, Pierre. (1996). *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (2002). Les conditions sociales de la circulation internationale des idées *Actes de la recherche en sciences sociales*, 145, 3-8.
- Candido, Antonio. (1990). Mário de Andrade. *Revista do Arquivo Municipal*.
- _____. (2000). *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha.
- Carvalho, Katia Botelho de. (2001). *A sublimação como um destino da pulsão no tratamento psicanalítico*. Dissertação, UFRJ-PUC/Minas, Rio de Janeiro.
- Carvalho, Ricardo de Souza. (2008). Através do Brasil com Afonso Arinos. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*(46), 201-216.
- Carvalho, Ricardo S. de. (2001). *Edição genética d'O seqüestro da dona ausente de Mário de Andrade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP, São Paulo.
- _____. (2007). Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira. *Scripta*, 11, 207-213.
- Costa, Jurandir Freire. (1989). *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Xenon Ed.
- Facchinetti, Cristiana. (2001). *Deglutindo Freud, histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil*. Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. (2003a). Psicanálise Modernista no Brasil: um Recorte Histórico. *Physys: Revista Saúde Coletiva*, 13(1), 115-137.
- _____. (2006). Entre a psicanálise e a degenerescência: sexualidade e doença mental no início do século XX no Brasil. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, IX(1), 151-161.
- Facchinetti, Cristiana, & Ponte, Carlos. (2003). Da “profissão que não existe” no Brasil. *Estados Gerais da Psicanálise*. Disponível em http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/1_Facchinetti_46110903_port.pdf. Acessado em 06/04/2013.
- Feres, Nites Terezinha. (1969). *Leituras em Francês de Mário de Andrade*. São Paulo: IEB-USP.
- Fernandes, Lygia. (s/d.). *71 Cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Livraria São José.

- Figueira, Sérvulo Augusto. (s/d.). A influência da obra de Freud na vida cotidiana. In Alexandre Kahtalian et al (Ed.), *Um século de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Foucault, Michel. (2005). *História da sexualidade 1: a vontade de saber* (16 ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, Sigmund. (1923). *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (2 ed.). Paris: Nouvelle Revue Française.
- _____. (2006 [1893-1895]). Estudos sobre a histeria. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. II). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1897]). Publicações psicanalíticas e esboço inéditos. Carta 61. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. I). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1905 [1904]]). Sobre a psicoterapia. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1905]). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1907]). O esclarecimento sexual das crianças. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1908]). Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1910]-a). Cinco lições de psicanálise. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1910]-b). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1910b]). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1912]). Tipos de desencadeamento da neurose. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1913]). O interesse científico da psicanálise. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago.

- _____. (2006 [1915-1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XX). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2006 [1915]). Os instintos e suas vicissitudes. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (2006 [1937]). Análise terminável e interminável. In Sigmund Freud (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (2010 [1915]). A repressão. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2010 [1919]). Caminhos da terapia psicanalítica. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (2010 [1930]). O mal-estar na civilização. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (2010[1912]). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2011 [1925]). As resistências à psicanálise. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das letras.
- _____. (2012 [1914]). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In Sigmund Freud (Ed.), *Obras completas* (Vol. 2). São Paulo: Companhia das letras.
- Freyre, Gilberto. (2002). *Casa-grande & senzala* (46 ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Gay, Peter. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo* (2 ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Gumbrecht, Hans Ulrich. (2001). Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da literatura fundada na teoria da ação. In Luiz Costa Lima (Ed.), *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hanns, Luiz Alberto. (2004). A nova tradução brasileira das obras de sigmund freud. *Ciência e Cultura*, 56, 54-55.
- Jones, Ernest. (1979). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Kon, Noemi Moritz. (1996). *Freud e seu duplo: reflexões entre psicanálise e arte*. São Paulo: FAPESP.
- Lacan, Jacques. ([1959-1960] 1997). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lage, Yêda. (2008). *Sublimação e idealização: os destinos de um conflito*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Lagrou, Els. (2008). A arte do Outro no surrealismo e hoje. *Horizontes Antropológicos*, 14, 217-230.

- Lobo, Reinaldo. (1994). As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (pp. 49-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lopez, Telê Porto Ancona. (1972). *Mário de Andrade: ramais e caminhos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades.
- _____. (1983). *Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos*. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP.
- Lopez, Telê Porto Ancona. (1996). *Mariodeandradiando*. São Paulo: Hucitec.
- Maggie, Yvonne. (2005). Mário de Andrade ainda vive? O ideário modernista em questão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20, 5-25.
- Marcondes, Durval. (1936, 17/11/1936). Entrevista de Durval Marcondes, 16h30hs. *Folha da Noite*, 8.
- Maricato, Ermínia, Rolnik, Raquel, Harvey, David, Zizek, Slavoj, & NINJA, Mídia. (2013). *Cidades rebeldes*. São Paulo: Boitempo Editorial, Carta Maior.
- Martins, Luciano. (1987). A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil (1920 a 1940). *Rev. Bras. de Ciências Sociais* 2(4). Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_04/rbcs04_06.htm. Acessado em 01 de Abril de 2013.
- Mokrejs, Elizabete. (1989). Psicanálise e educação - Júlio Pires Porto Carrero e a pedagogia na eugênica na década de trinta no Brasil. *Revista da Faculdade de Educação de São Paulo*, 15(1), 5-14.
- Moraes, Marcos Antonio de (Ed.). (2001). *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.
- Moreira, Regina da Luz. Revolução Constitucionalista de 1932 Retrieved 20 de agosto de 2013, from <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>.
- Netto, José Antônio Orlando. (1993). Mário e o nacionalismo da Lopes Chaves. In Eneida Maria de Souza (Ed.), *Cartas a Mário* (Vol. 11). Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG.
- Nogueira, Antônio Gilberto Ramos. (2007). Inventário e patrimônio cultural no Brasil. *História*, 26, 257-268.
- Oliveira, Carmen Lucia. (2002). Os primeiros tempos da psicanálise no Brasil e as teses panssexualistas na educação *Ágora*, V(1), 133-154.
- _____. (2006). *História da psicanálise: São Paulo, 1920-1969*. São Paulo: Escuta: Fapesp.
- Patto, Maria Helena Souza. (1999). Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, 13, 167-198.
- Pereira, Mário Eduardo Costa. (2008). Morel e a questão da degenerescência. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 11(3), 490-496.

- Perestrello, Marialzira. (1987). *História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Suas origens e fundação*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1994). Vanguardas europeias, modernismo brasileiro e psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, V. XXVIII, 445-457.
- Pimentel, Iago. (1926). Sobre a Psycho-Analyse. In Carlos Drummond de Andrade et al. (Ed.), *A Revista* (Vol. Ano 1). Belo Horizonte: Diário de Minas.
- Ponte, Carlos Fidelis da. (1999). *Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil*. Mestrado Dissertação, Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro.
- Porto-Carrero, Julio Pires. (1927b). O carácter do escolar, segundo a psychanalyse. *Tese apresentada na I Conferência Nacional de Educação em Curitiba*, 41-59.
- _____. (1928/1929). Psychanalyse: a história e o seu conceito. In Julio Porto-Carrero (Ed.), *Ensaio de Psychanalyse* (pp. 11-25). Rio de Janeiro: Flores & Mano.
- _____. (1929a). *Ensaio de psicanálise*. Rio de Janeiro: Flores e Mano.
- _____. (1929b). *Grandezas e misérias do sexo*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Edit.
- _____. (1930). O que esperamos dos nossos filhos. *Schola, Revista da A.B.E.*, 3(1), 71-77.
- _____. (1933a). *Psicanálise de uma civilização*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara; Waissman; Koogan.
- _____. (1933b). *Sexo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, Waissman, Koogan.
- Porto, Mayla Yara. (2003). Uma revolta popular contra a vacinação. *Ciência e Cultura*, 55, 53-54.
- Prado, Paulo. (2012 [1928]). *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: Companhia das letras.
- Riaviz, Vanessa Nahas. (2004). *Rastros Freudianos em Mário de Andrade*. Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Ribeiro, Darcy. (1972). *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Ricoeur, Paul. (1977). *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Rivera, Tânia. (2002). *Arte e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Rocha, Franco da. (1920). *O pansexualismo na doutrina de Freud*. São Paulo: Typographia Brasil de Rothschild Cia.
- Rocha, Franco da. (1930). *A doutrina de Freud* (2 ed.). São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- Rocha, Gilberto Silva. (1983). *Psicanálise e Psiquiatria - uma introdução epistemológica ao surgimento da psicanálise no Brasil*. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ.

- Rocha, Guilherme Massara. (2010). *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese, USP, São Paulo.
- Rodrigues, Ângela. (1994). Mário de Andrade: um precursor dos estudos sociolinguísticos no Brasil. *Revista Itinerários*, 137-156.
- Roudinesco, Elisabeth. (2010). *Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, Elisabeth, & Plon, Michel. (Eds.). (1997) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, Elisabeth. (1994). *A história da psicanálise na França: a batalha dos cem anos (volume I: 1885/1939)* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roxo, Henrique. (1904). Perturbações mentais nos negros no Brasil. *Brasil Médico*, 18, p.182.
- _____. (1919). Sexualidade e demência precoce. *Archivos Brasileiro de Neuropsiquiatria e Psiquiatria*, 337-349.
- _____. (1921). *Manual de psiquiatria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Russo, Jane. (1997). *Dize-me com quem andas... (A doutrina pansexualista de Freud e a psiquiatria brasileira no início do século)*. Paper presented at the XXI Encontro Anual da Anpocs, Caxambu. http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5302&Itemid=360
- _____. (1998). Raça, psiquiatria e medicina-legal. Notas sobre a 'pré-história' da psicanálise no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, 85-103.
- Sagawa, Roberto Yutaka. (1992). Os modernistas e a psicanálise freudiana. *IDE - São Paulo*, 22, 92-99.
- _____. (2004). Psicanálise e psicologia no Brasil e em São Paulo: registros históricos. In Marina Massimi & Maria do Carmo Guedes (Eds.), *História da Psicologia no Brasil: novos estudos*. São Paulo: Editora Cortez.
- Salim, Sebastião Abrão. (2010). A história da psicanálise no Brasil e em Minas Gerais. *Mental*, 8, x-xx.
- Santiago, Silviano. (2003). Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade (org. e notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Bem-Te-Vi, 2003) *Metamorfoses. Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros (FL/UFRJ)* (Vol. 4). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Caminho.
- _____. (2008). Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In Carlos Drummond de Andrade (Ed.), *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- _____. (2009). Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Diálogos Interamericanos*(38), 19-34.
- Sevcenko, Nicolau. (1992). *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras.

- Silva, Gastão Pereira da. (1933). *Crime e psico-analise*. Rio de Janeiro: Marisa Editora.
- Souza, Paulo César de. (1998). *As palavras de Freud- o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo: Ática.
- Teixeira, Antônio. (2007). *A soberania do inútil e outros ensaios de psicanálise e cultura*. São Paulo: Annablume.
- Theiss-Abendroth, Peter. (2013). Sigmund Freud nos trópicos. A primeira dissertação psicanalítica no mundo lusófono (1914). *Revista de Psiquiatria Clínica*, 40, 81-82.

ANEXO



Figura 1: “Fotografia freudiana”. Fotografia de Mário de Andrade.

No verso da foto, a legenda de Mário de Andrade: “Roupas freudianas/Fortaleza, 5-VII-27/Fotografia refoulenta/ Refoulement”.

Fonte: Lopez, 1972. p. 79.